

PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 11, Março/Abril, 2005

Pedro Velho

Cultura ressurge sobre
as cinzas do passado

Pau dos Ferros

Cidade preserva tradições
bem nordestinas

Entrevista

Poeta Antônio Francisco

A fotografia, segundo
Giovanni Sérgio

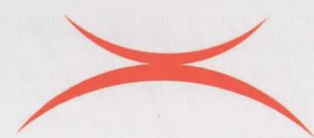




A rede da nossa cultura

Desenvolvimento, gerenciamento, hospedagem virtual, suporte e consultoria. Essencialmente diferente, a Maxmeio.com – Mídia Digital preocupa-se com a colocação de seus clientes no ciberespaço, para que aconteça de modo único e interessante.

Busca no processo de criação desenhar o perfil da empresa e do usuário de modo a criar soluções atrativas para que as empresas e instituições do Rio Grande do Norte sejam acessíveis ao mundo.



maxmeio.com

Rua Aurino Fernandes, 1798 A | Lagoa Nova | Natal | RN
Tel.: (84) 234.0723 | www.maxmeio.com



A artista plástica Zaira Caldas fala sobre a criação do transfigurativismo

Centro de Teatro passa por reforma e anuncia novos projetos cênicos



Carnaval de Natal ficou mais pobre sem a irreverência de Severino Galvão

Pesquisadora escreve sobre a História da capoeira no Brasil e no Rio Grande do Norte



Antônio Francisco diz que o mundo é duro, mas é também muito inspirador

Expediente/Cartas	4
A palavra da casa	6
Giovanni Sérgio, o poeta da imagem	7
Transfigurativismo - Em busca da consciência mais profunda	14
M8M homenageia Zaira	17
Centro de Teatro está de cara nova	18
Um velho caso amoroso	22
Foco Potiguar	23
O rock do "Cumade Cristina" invade o sertão	24
Um peixe pronto para voar	26
Projeto Seis e Meia - Um marco na cultura contemporânea potiguar	28
Severino Galvão - O eterno rei momo de Natal	30
Porto Filho - O poeta popular	34
Poesia Potiguar	35
A ginga da capoeira	39
Recebendo boas-novas	42
Modernos dois cajus maduros	44
Spok Frevo Orquestra	46
A narrativa performática de "A obscena senhora D"	48
Uma história do laço entre mestre e discípulo, iluminada pelo Edipo	50
Uma alma resignada	54
O que houve com Spengler e Toynbee	58
Omagro	61
Bienal do Livro de Natal	62
Pedro Velho - Cultura ressurgue sobre as ruínas do passado	63
Entrevista - Poeta Antônio Francisco	73
Pau dos Ferros - Cidade preserva tradições bem nordestinas	81
Livros/Lançamentos	88
13 por 1	89
PS	90

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120
Fone/fax: (84) 232.5327/232.5304

Governadora
Wilma Maria de Faria

Presidente
Françóis Silvestre de Alencar

Diretor
José Antônio Pinheiro da Câmara Filho

PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO
RIO GRANDE DO NORTE
ISSN 1679-4176
ANO III Nº 11
MARÇO/ABRIL/2005

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PERIODICIDADE
BIMESTRAL

EDITOR
TÁCITO COSTA
tacitocosta@estadao.com.br

EDITOR ASSISTENTE
GUSTAVO PORPINO DE ARAÚJO
gporpino@hotmail.com

ESTAGIÁRIO
DAVID CLEMENTE

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
LUCIO MASAACKI
infiniteimagem@bol.com.br

ASSISTENTE DE DIAGRAMAÇÃO
VIRGINIA HELENA LINS MAIA

REVISOR
JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

CAPA
FOTO: GIOVANNI SÉRGIO

A Preá está na Internet: www.fja.rn.gov.br



CARTAS

Senhores

Sou catarinense, residente em Vitória-ES há 71 anos. Hoje estou com 73. Gosto muito de poesia, tanto que tenho um site www.poetas.capixabas.nom.br que divulga os talentos que este Estado possui. Dois grandes amigos que fiz, através da Internet, os poetas Fernando Antônio de Sá Leitão Moraes e Angelina Luiza de Souza Neta, ambos açuenses, me enviaram um exemplar da Preá. Fiquei encantada. Quero parabenizá-los pelo excelente trabalho de divulgação da cultura norte-rio-grandense. Que 2005 ofereça a todos da equipe oportunidades para realizarem seus projetos culturais (sei bem o quanto é difícil e árdua a trajetória de quem quer divulgar a cultura em nosso país) e pessoais.

Thelma Maria Azevedo
(Vitória-ES)

Prezados senhores

Quero parabenizá-los pela excelente Preá, pela qualidade das matérias publicadas, pelas Casas da Cultura que vêm sendo interiorizadas no Estado, no aproveitamento de prédios antigos, que fazem parte não só do cenário como também da história de cada município, como no caso das velhas estações de trem. Um abraço aos companheiros Françóis, Toyota, Jerônimo e Silvestre. Os outros, permitiu o tempo a minha desmemorização.

Reginaldo Ferreira Dias
(Carolina-MA)

Sr. editor

A Preá 8 foi como todas as outras revistas, muito bem elaborada, com bons artigos e lindas fotos, e ilustrações de fazer inveja às redações de outras revistas do mesmo gênero. Mas esta tem um gostinho e sabor diferente das demais para os filhos de Acari, e que residem em outras cidades ou Estados. É um passeio precioso no tempo pelas 15 páginas dedicadas à museologia, à etnografia e à historiografia de sua gente e de sua terra. Parabéns a toda equipe que encara com seriedade e com o fino trato a coisa pública.

Horêncio Pereira de Brito Sobrinho
(Goiânia-GO)

Sr. editor

Paraibano de nascimento e potiguar de coração, estou "passando uma chuva" aqui no Distrito Federal. Todos os anos, porém, faço um grande esforço para visitar meus familiares e amigos que deixei em Natal. Nesse início de 2005, num contato com a livraria da FJA, do Praia Shopping, recebi da Sra. Adna Barreto a Preá 9. Fiquei encantado e ainda mais orgulhoso do nosso RN, pelo tratamento que está sendo oferecido a nossa cultura! Publicação primorosa em todos os aspectos, de uma profundidade e leveza sem par. Parabéns ao Françóis Silvestre, extensivo a toda a equipe da FJA, pela feliz e brilhante iniciativa!

João Vianey de Farias
(Funcionário dos Correios - Distrito Federal)

Sr. editor

Recentemente visitei Natal, ocasião em que tive oportunidade de conhecer a Preá. A revista estava na casa de minha irmã, Jolda Pinto. Fiquei surpreendido com a qualidade gráfica e de conteúdo. Ficaria muito satisfeito se a nossa Patrulha Ecológica-Goiânia fosse contemplada com uma assinatura da revista.

Vicente de Paula Pinto
(Escritor - Goiânia-GO)

Sr. editor

A Preá 9 está um primor, casamento perfeito (se é que existe...) entre a qualidade gráfica e os textos fascinantes. É como uma chuva de perfume nestas paragens insalubres em que vivo, rodeado de processos interminavelmente tristes uns, chatos outros. Corro agora pra casa, rede, leitura de capa a capa. Parabéns!

Magnus A C Delgado
(Juiz Federal - 1ª Vara - Natal-RN)

Sr. editor

Conheci a revista Preá durante uma aula da faculdade e, imediatamente, percebi que não poderia mais viver sem ela. Essa revista desperta em nós o orgulho de sermos potiguares e, acima de tudo, nordestinos. Estou terminando o curso de licenciatura em Letras e Artes na UERN e adoraria compartilhar esse tesouro com os meus alunos. Seria eternamente grata se pudessem me enviar os exemplares futuros. Vida longa à Preá. Longuíssima!

Gilvânia Holanda
(Professora - Apodi-RN)

Sr. editor

Tive o privilégio de conhecer a Preá através de meus filhos, alunos da Escola Nossa Senhora das Graças, que fizeram um trabalho escolar sobre a cultura potiguar. Parabênzo a revista pelo alto nível de informação, divulgação e resgate de nossa cultura. Aproveito a oportunidade para solicitar a doação da publicação para as bibliotecas de nossas duas escolas de Ensino Fundamental.

Joarimar Tavares de Medeiros
(Prefeito - Florânia-RN)

Sr. editor

Sou geógrafa e trabalho com as disciplinas de Geografia, Cultura e Economia do Rio Grande do Norte. Gostaria de passar a receber a revista, pois ela irá me servir como ótimo instrumento de trabalho, enriquecendo o meu dia-a-dia na sala de aula, além de aumentar os meus conhecimentos pessoais.

Betânia Rodrigues
(Professora - Caicó-RN).

Sr. editor

Uma bela edição, a Preá 10, e um belo texto de Mário Ivo. Tem a leveza, o sabor e o aroma da cachaça que a família dele fabrica. Parabéns a todos, e um especial ao designer da revista.

Norton Ferreira
(Redator-publicitário - Natal-RN)

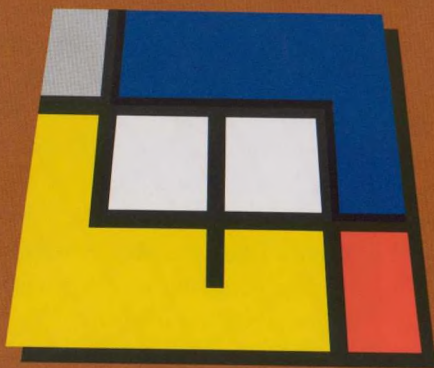
Sr. editor

O artigo "Meu convívio com Emmanuel" (Preá 9) remeteu-me ao velho casarão da Casa do Estudante, onde fui residente de 1970 a 1973 e de 1976 a 1977. Na foto, há ícones que a minha semiologia saudosista identifica como semideuses de minha geração-cidadã. Emanuel é a minha saudade já em musgos, mas tão presente, vez que sua humildade, por resistir, era um presente dado aos que se incorporavam à resistência naquela época. Françóis (está na mesma foto) era nosso Diretor de Cultura. Resistiu no tempo em que a Pátria mais precisava. Agora, vejo-o escritor - construtor de metáforas. Contemplo-o a um só tempo - gramático e filósofo (basta ler "A palavra da casa", na Preá 9).

Sales Felipe
(Advogado - Natal-RN)

CORREÇÃO

A autora do poema "Preservação da lagoa do Apodi. Essa luta é nossa!", reproduzido em parte na página 65, da Preá 10, é a professora Maria Luiza Marinho Gurgel. A poetisa já pôs o ponto final em "Vozes de um coração", livro a espera de apoio para lançamento. A professora Maria Mônica Freitas, citada erroneamente como autora do poema, também pretende publicar um livro.



A palavra da casa

François Silvestre

Cultura popular é muito maior que folclore. O folclore encontra-se contido nela. A cultura popular abrange a produção, divulgação, consumo e estudo de tudo que é originário da ação humana. Portanto, a arte erudita também é cultura popular. Não existe cultura do príncipe. Se o príncipe for artista, ele produz cultura popular.

Os ditos "sofisticados" que arrotam a pavonice da cultura como elemento de "elite" são apenas habitantes de um castelo que inexiste. É como alguém que senta nobremente à mesa de um restaurante "fino", come lentamente, pondo pequenas porções na boca, passa suavemente o guardanapo nos lábios, levanta-se quase flutuando, mas quando chega ao banheiro a finura some.

Assim é a cultura. Quem a produz o faz como representante do seu povo. Seja nobre ou plebeu. Toda cultura é popular. O verso de Patativa do Assaré ou de Fernando Pessoa. A toada de Catulo ou a ária de Verdi. Essa conversa fiada de arte fina ou cultura erudita é mero complexo de inferioridade. Papo furado. Erudição de meia-tigela.

Quando o poder público resolver tratar a cultura com o respeito que ela merece e não como maracá de diversão, talvez aí comecemos a caminhar na trilha do desenvolvimento e da paz. Assim como não há harmonia sem comércio, também não há paz sem cultura. Porque a cultura é o primeiro elemento de sublimação humana, sem cuja tessitura desfibra-se o caráter. E sem caráter não há compromisso coletivo com a paz. Como exigir de um garoto sem escola, sem instrução, mesmo que tenha lar e família, algum sentimento de repulsa ao delito? Só a cultura cria esse elo que permite a distinção do bem. Sem os malefícios do sentimento mórbido da culpa, que é criado pela fofalha das religiões.

Tai a nova Preá. Cace uma, enquanto ainda há perspectiva de inverno. ☞

Giovanni Sérgio, o poeta da imagem

Por Gustavo Porpino

Foto: Anchieta Xavier e acervo do entrevistado

Certa vez, o fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson, falecido em 2004, disse que a câmera era a extensão de seus olhos. Tímido, Cartier-Bresson parecia observar o mundo através das lentes de sua inseparável Leica. O potiguar Giovanni Sérgio, fotógrafo por opção e provinciano incurável, a exemplo de Câmara Cascudo, também lança um olhar criativo para retratar a sua terra e confessa que gostaria de dedicar mais tempo à fotografia documental.

Cartier-Bresson retratou personalidades como o pintor Henri Matisse, a cantora Edith Piaf, o filósofo Jean-Paul Sartre e outras personalidades do seu tempo. Giovanni Sérgio parece se inspirar no fotógrafo legendário quando diz que pretende "fazer a fotografia ligada à literatura". "Quero retratar os intelectuais do meu tempo. Fotografar como eu, leitor, os vejo. Só os da terra. Ou me volto para cá, ou não faço nada".

"As quatro margens do rio", primeiro livro com fotos suas em parceria com a fotógrafa Angeles Laporta, já mostrava a preocupação de retratar as coisas genuinamente potiguares. O livro, publicado em 1997, com apresentação do poeta Luís Carlos Guimarães e poemas de diversos autores potiguares, traz uma série de fotografias sobre o rio Potengi desde a sua nascente em Cerro Corá, até o encontro com o mar em Natal. Em 1999, veio o premiado "Natal 400 anos - uma viagem poética", livro com textos do poeta Nei Leandro de Castro, editado pela FIERN. Por último, fotografou a "Economia no tempo", publicação tam-



bém da FIERN lançada em 2003 mostrando a evolução econômica do estado e escrita pela professora Denise Mattos Monteiro. "Arquitetura no tempo", outro trabalho com temática potiguar já concluído, aguarda lançamento.

Giovanni Sérgio do Rêgo, 49 anos, sabe como poucos valorizar o Rio Grande do Norte. Lembrando a antiga corrente que demarcava o final da cidade do Natal até a década de 60, o fotógrafo salienta a importância de prestigiar as coisas da terra. "Sou um fotógrafo que tem o olhar para o RN, não interessa o que passa da

corrente. A minha província é o centro do universo".

A vontade, ainda não completamente preenchida, de retratar sua terra e sua gente traz descontentamento para o fotógrafo potiguar. Giovanni dedica quase todo seu tempo à fotografia publicitária e teme o sentimento de fracasso. "Gasto meu tempo com publicidade. Devo terminar como Willy Loman, personagem de 'A morte do caixeiro viajante'. No final percebe que não registrou o seu tempo. Isso é duro".



Fazenda Saquinho do Padre, município de Jucurutu-RN

Passagem pela grande escola

O fotógrafo potiguar cresceu num ambiente familiar propício ao conhecimento das técnicas e linguagem da fotografia. O pai, o professor universitário aposentado Joanilo de Paula Rêgo, possui uma biblioteca com livros de literatura clássica e também artes visuais. A mãe, Lolita do Nascimento Rêgo, é há 40 anos uma das mais conceituadas fotógrafas sociais de Natal.

Giovanni Sérgio fotografa desde os 16 anos. Curiosamente, os pais não desejavam ver o filho seguindo carreira de fotógrafo. “No início era por curiosidade

e interesse, não tinha perspectiva de profissionalização. Fui instigado a gostar de fotografia. Tive sorte porque em casa havia muitas câmeras 6x6 Rolleiflex, e também Nikon, Canon...”

Bem comportado, Giovanni terminou seguindo a orientação dos pais e fez Odontologia. “Meu pai adquiria informação. Tem muitos livros e revistas. Minha mãe era o talento fotográfico nato. Eles queriam que eu me vocacionasse para a saúde ou direito. Virei dentista para atendê-los”.

A carreira como dentista não fez Giovanni perder o interesse pela fotografia. Pelo contrário, o tempo mostrou que ele só seria um profissional realizado se virasse fotógrafo de fato. Em 1985, quando já fazia mestrado em Odontologia, pensou em seguir carreira no fotojornalismo. “Pedi um emprego na Tribuna do Norte. Dorian Jorge Freire era o editor”, recorda. Quatro meses depois, já era editor de fotografia do jornal com sede na Ribeira. “A grande escola para o fotógrafo e o jornalista é a redação”, destaca.



Rede de dormir

Passou dois anos e meio na Tribuna até aceitar o convite da Dumbo, agência de publicidade que reunia na época o designer Marcelo Mariz, o publicitário Cassiano Arruda, o redator Nei Leandro de Castro e outros nomes que seguiram carreira própria. A experiência no jornal foi suficiente para apresentar a Natal um fotógrafo que tinha cuidado no trato com a informação da imagem.

“Prefiro a fotografia que leve à compreensão, a um entendimento melhor das coisas, que justifique o ditado que uma foto vale mais do que mil palavras”. O

fotógrafo não esconde que a troca do jornalismo pela publicidade foi motivada por circunstâncias financeiras. Giovanni levou para a propaganda a sensibilidade do retratista acostumado com as ruas. A busca pelo flagrante, pelo inusitado, foi substituída pela necessidade de incentivar o consumo.

“No jornalismo tinha toda oportunidade de documentar o meu tempo, fazer o jornalismo com a perspectiva da história. Troquei pela publicidade para fazer a ficção do real, o imaginário...”

Das fábulas aos livros de arte

O convívio com os livros do pai fez de Giovanni Sérgio um leitor ávido. Ainda criança, gostava de ler as fábulas de La Fontaine e as histórias de Monteiro Lobato. O gosto pela literatura pode explicar o seu sucesso como fotógrafo. Giovanni aprendeu a ler o mundo a seu redor. Lançando olhos de leitor apurado, encontra os melhores ângulos, os enquadramentos mais poéticos e faz fotos que casam perfeitamente com poemas de Nei Leandro de Castro, Luís Carlos Guimarães, Newton Navarro, Deífilo Gurgel e



Meninos no Rio Potengi

outros autores que emprestaram seus escritos para seus livros de fotografia.

O estúdio do fotógrafo, instalado num prédio de 1920 na histórica rua Chile, possui onze prateleiras de livros no salão de entrada. Os livros vão até o teto do casarão que serviu de sede para a antiga Wharton e Pedrosa, empresa exportadora de algodão que pertenceu à família do ex-governador Sylvio Pedrosa. A maioria dos livros são clássicos da literatura nacional e estrangeira, mas também há lugar para alguns títulos sobre fotografia e artes.

A opção de montar o estúdio na rua Chile veio logo após a iniciativa de revi-

talizar a Ribeira, na primeira metade da década de 90. O abandono da rua Chile e arredores incomoda o fotógrafo. "Esses programas de revitalização são impraticáveis. Deveria ser uma rua de fotógrafos e artistas, mas só tem eu".

As paixões e a inveja

Sentado na sala de entrada de seu estúdio, Giovanni Sérgio começa a conversar sobre o que mais gosta. Incitado a comentar sobre a obra de alguns fotógrafos que marcaram sua vida, ele primeiro faz

uma observação bastante peculiar para quem parece perder tempo fotografando o imaginário - "Gosto de retratos. Fotografar pessoas que compõem o meu tempo".

A timidez do fotógrafo vai se dissipando à medida que são citados alguns nomes. Primeiro, Cartier-Bresson, o mais clássico, considerado uma espécie de renascentista da fotografia. Giovanni Sérgio compara a sensibilidade e perfeição de Bresson ao também francês Gustave Flaubert (1821 - 1880), autor de Mada-



Menino e peixes

me Bovary, romance realista de linguagem extremamente trabalhada.

"Cartier-Bresson era um estilista. É como um Flaubert de Madame Bovary. Esteve presente no período da efervescência cultural da França". O americano Ansel Adams, ícone da fotografia paisagística, falecido em 1984, também merece a lembrança de Giovanni Sérgio. "Pretendia fazer o que Ansel Adams fez para os americanos. Mostrou a América para os americanos - 'taí o país em que vocês vivem'".

O sentimento de fazer valer a brasilidade, faz Giovanni Sérgio destacar o nome do fotógrafo carioca Walter Firmo, nove vezes vencedor do Prêmio Internacional de Fotografia Nikon. "Gosto de Salgado (Sebastião Salgado), mas destaco Walter Firmo pela espontaneidade e alegria do trabalho fotográfico dele. Me dá uma grande inveja não saber ser um Walter Firmo".

Fazendo uma ponte entre fotografia e literatura, Giovanni compara as fotos de Firmo aos textos recheados de brasilidade dos escritores Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro. "Walter Firmo trata o povo

brasileiro com amor, o mesmo amor que Jorge Amado e Ubaldo Ribeiro. Firmo não trata da dor. Não faz a estética da pobreza".

Os chamados "fotógrafos da miséria", definidos por ele como profissionais que querem ser artistas com o uso da miséria humana, conseguem alcançar o sucesso graças ao interesse estrangeiro de ver o Brasil exótico. "Fazem isto como mero exercício de ego, não tem bagagem literária e humanística. Não sou contra fotografar a miséria, mas fotografar a miséria como razão de um discurso pessoal".



Trabalhador em olaria, no interior do RN

O legado de Manoel

Pensativo e olhando para a rua, como se estivesse imaginando o dia em que a Ribeira será tratada com o respeito que merece, Giovanni Sérgio resgata o nome do jornalista e professor Manoel Dantas, retratista pioneiro na Natal do final do século XIX e início do século XX. “O fotógrafo mais importante do RN talvez tenha sido Manoel Dantas, um literato e homem à frente do seu tempo. Escreveu em 1909 ‘Natal daqui a 50 anos’, um manifesto futurista se antecipando ao modernismo”. “Dentre a multiplicidade de Manoéis que ele era, era fotogra-

fo. Não foi um grande fotógrafo apesar de ter sido o mais importante. Manoel Dantas, no início do século XX, documentava timidamente, à distância. Não se expunha como fotógrafo. O melhor registro de nossa história é dele, mais por ele ser único. Deixou um acervo enorme e que precisa urgentemente ser tratado”, destaca. O acervo a que Giovanni se refere é guardado por Dona Sílvia, viúva de Osório Dantas. “Foi ela quem catalogou e tem memória para organizar”.

Para Giovanni, as fotos feitas por Manoel Dantas comprovam que ele sabia da importância histórica da fotografia e do

registro do seu tempo. “Jaeci (Jaeci Emerenciano, fotógrafo natalense), um grande paisagista, não teve a percepção da importância histórica”, compara.

O olhar é o grande diferencial

O fotógrafo potiguar está rendido aos encantos da fotografia digital desde o ano 2000. “Fui um dos primeiros a migrar. Não há nada como a digital, mas é interessante ter vivido e saber fazer”, comenta sobre o uso das câmeras analógicas.



Matador de gado no Sertão

Giovanni Sérgio acredita que o advento das digitais cria mais naturalidade nas imagens. “Não se sabe mais quem está sendo fotografado”, comenta, apontando para a máquina digital do fotógrafo Anchieta Xavier. “A digital tira a obrigação do fotógrafo olhar através da janelinha. É mais natural. Há cumplicidade entre o fotografado e o fotógrafo”.

Os três filhos de Giovanni (Giovanna, 17, Renan, 16, e Georgia, 14) já fazem fotografias e lançam na Internet. O fotógrafo lembra o fato da juventude absorver informação cada vez mais através de

imagens. “Eles fotografam a si e aos seus e jogam na rede”, diz sobre os filhos.

Giovanni concorda que fotografar será cada vez mais fácil e corriqueiro, mas o avanço tecnológico não tira a necessidade da sensibilidade do fotógrafo. “Tudo vai fotografar. Caneta, relógio, celular... Todo mundo tem acesso ao retângulozinho, mas o olhar por trás é o grande diferencial”.

Giovanni Sérgio aparenta despreocupação quando o assunto é autopromoção. Averso ao marketing pessoal, uma prática que parece tão em moda, o fotógrafo prefere acompanhar os avanços da foto-

grafia e fazer valer seu olhar diferenciado. É como se ele, fotógrafo por opção, deixasse que suas fotos falassem por si. E dissessem, que quem está por trás das fotos dos meninos brincando nas águas do Potengi, é um adepto do uso da linguagem através das imagens tão bem captadas por ele.

“Eu sou a antipropaganda. Nunca tive um cartão de visita, não tenho página na Internet e nem placa na fachada do estúdio. O fotógrafo é antes de tudo um tímido. O desenvolvido, extrovertido, normalmente não é um grande fotógrafo”.



Transfigurativismo

Em busca da consciência mais profunda

Por David Clemente

Fotos: Anchieta Xavier

Definitivamente a artista plástica potiguar Zaira Caldas nasceu para pintar. Ou foi para esculpir? Ou foi para montar? Autora de um novo conceito em artes plásticas, da volta de Portugal para o Brasil, para Natal, sua terra de origem, a fim de apresentar o transfigurativismo.

O nome transfigurativismo foi dado pelo poeta, jornalista e crítico de arte, Walmir Ayala, em 1992, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO 92, quando Zaira já tinha a experiência de 58 anos de arte. Ayala explicou que o estilo deveria chamar-se assim porque “transcende a tudo que já se viu na arte”. Para definir, a autora diz que “é a transformação de uma imagem em outra com o poder de atingir a consciência mais profunda. Vai além da transfiguração porque transcende do artista por uma nova autonomia plástica, possibilitando ao espectador criar múltiplas formas metamorfoseadas em diversas dimensões, dependendo de como são vistas e sentidas”.

Seu irmão Dorian Gray Caldas, também artista plástico, elogia Zaira “pela sua inventiva plástica, tensa e redescoberta na autonomia plástica de sua pintura”. O

escritor Jorge Amado quando vivo registrou: “sua obra vem somar, no complexo cultural nordestino, a realidade de uma consciência sensível a chamados aparentemente díspares. Apenas aparentemente, pois existe uma real unidade na obra da artista: seu profundo sentimento de amor à vida”. Seu conterrâneo Câmara Cascudo escreveu: “é um temperamento que se expressa em arte forte, leal e nítida, documental e direita, antiga e contemporânea, sabendo comunicar os valores da motivação”.

A verdade é que descrever com palavras a arte de Zaira é difícil até para grandes nomes da cultura porque o transfigurativismo só pode ser entendido quando observado de perto. De frente para um quadro ou escultura de Zaira, ponha sua imaginação para trabalhar livremente. Os galhos, raízes e cores presas à tela ganharão formas novas a cada nova pessoa que se propuser a interpretar a obra. Ora se vê muitas pessoas num ambiente, ora, nenhuma. Ora uma floresta em decomposição, ora um bosque colorido. Cada obra ganha um significado que varia de acordo com a cultura de quem o admira.

A ligação com a arte começou inocentemente aos sete anos de idade quando ela e o irmão Dorian Gray brincavam de fazer construções de barro. “Fazíamos cidades inteiras”, conta Zaira. Entre brin-

car com o barro e desenhar com carvão no cimento, ela ocupou o período de 10 anos. Até que chegou 1944, 2ª Guerra Mundial, Natal era chamada de “Trampolim da Vitória” porque servia como ponto de apoio para os Estados Unidos. Nessa época, Zaira, então com 17 anos, era assustada com o cotidiano tenso da cidade. “Não saíamos de casa, não tínhamos luz, a sirene tocava...” descreve ela, para mostrar o propósito que a fez mudar-se para o Rio de Janeiro.

Na capital carioca, já casada, ela fez curso de cerâmica e tapeçaria. Foi a oportunidade de conhecer tecnicamente o que já fazia há tempos. E então se consagrar recebendo seu primeiro prêmio no Salão Nacional de Belas Artes.

Autodidata e sem influências

No campo da pintura, exatamente, Zaira foi sua própria professora. Admiradora do surrealista Salvador Dalí, do renascentista Michelangelo e do pós-impresionista Vincent Van Gogh, ela conta que adquiriu muitos livros sobre arte para estudar e que começou a criar seus próprios quadros quando percebeu que produzia com perfeição obras de autores famosos. Mesmo assim assume-se como uma autodidata que não sofreu influências. Na primeira fornada ela refletiu sua infância sertaneja com muita poeira e fi-



guras humanas dramáticas. “Minha vida não foi fácil, eu não tinha como pintar coisas bonitas”, explica Zaira, dizendo que exprimia seus medos nas telas. “Até hoje pinto muita água porque tenho medo dela”.

E Zaira continuou a testar, misturar e produzir muitas telas até descobrir que sua capacidade é infinita e poderia atingir público inimaginável. “Um dia desses vi uma reportagem pela televisão sobre a Itália. Em um momento passou um gabinete político e eu identifiquei um quadro meu de raiz na parede. É bom saber que meu trabalho está andando”.

Até o Papa João Paulo II apegou-se ao trabalho de Zaira. A pintora conta que numa exposição coletiva de artistas de Natal, em 1991, o Papa ficou encantado com uma de suas telas e o arcebispo que o acompanhava pediu para comprar. “Claro que eu não ia vender um quadro para o Papa. Eu dei de presente”. Em janeiro do ano seguinte, Zaira recebeu uma carta do Vaticano agradecendo a “bela composição artística elaborada com elementos naturais”.

A escola transfigurativista

Depois de 19 anos no Rio de Janeiro, ela foi morar no Distrito Federal, onde permaneceu por mais quatro anos e voltou à capital potiguar. De Natal para Portugal, que foi o ponto de partida para visitar toda a Europa como artista plástica autônoma e professora de artes. No país onde

nasceu Pedro Álvares Cabral, Zaira fez mais exposições que no Brasil, ganhou reconhecimento e prestígio suficientes para receber o apoio necessário para fundar a escola transfigurativista. Optou por recusar a oferta porque queria que o mundo soubesse que esse tipo de arte nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, sua terra de origem.

Ela pretende juntar pessoas interessadas em aprender as técnicas usadas por ela para darem continuidade ao estilo. “Vamos fundar a escola transfigurativista. Assim como foi com o renascimento, arte moderna, barroco...”, diz a artista.

Mas lacônico interesse não basta, também será necessária disposição, pois as principais matérias-primas usadas nos trabalhos têm que ser previamente preparadas para que a obra seja eterna. Primeiro uma visita ao mato para colher galhos, pedaços de pau e raiz que serão mergulhados em ácido nítrico, depois tomarão banho de sal, assarão numa grelha ou sol quente e, por último, cobertos por resina. Terminadas as preliminares, o criador decide se vai montar, esculpir ou criar um quadro.

Zaira diz que só decide até esse ponto. Depois ela vai deixando a criação ganhar espontaneidade e forma. Confessa que algumas vezes pensou em obter um resultado e deparou-se com outro bastante diferente. A interpretação é a derradeira e não são todas as obras que recebem nome. ■



M8M homenageia Zaira



Sayonara Pinheiro (Artista visual)

Longe de uma imagem romântica de artista, nossa geração tem uma proximidade com a vida cotidiana. O artista contemporâneo vive numa espécie de assentamento permanente no próprio habitat, reativa e recria formas de artes já realizadas, inventa maneiras de vidas no campo dos signos e da produção. O artista contemporâneo é um inventor de trajetórias na semi-esfera da sociedade atual.

Acreditar na percepção cultural do espaço e ter uma orientação em direção ao interior da narrativa biográfica pode ser o papel no primeiro tempo da arte hoje, já que a chave do discurso não está na obra de arte, mas sim no intervalo/lugar entre o espectador e a obra. Perceber e captar o lugar é uma maneira de surfar sobre uma estrutura cultural flutuante e existente ao mesmo tempo em que se vive dentro dela.

Com esse pensamento, o M8M (Movimento Oito de Maio), constituído de

artistas de todo o segmento, sendo em sua maioria artistas visuais, vem refletindo a vida, promovendo discussões, incentivando a produção e catalogando as artes visuais do Rio Grande do Norte, que culminará na edição de um livro/catalogo e uma exposição itinerante pelo interior do Estado.

O dia 8 de maio tornou-se um dia significativo para a arte visual potiguar, por iniciativa e persistência do artista plástico Pedro Pereira, que em 1999 e 2000 organizou um movimento com oficinas e exposições na Fundação Hélio Galvão e em 2001 o Projeto Nação Potiguar realizou a I Mostra de Arte Contemporânea, da qual fui curadora. Na ocasião, a historiadora de arte e artista pernambucana Maria Ducarmo Nino realizou uma comunicação.

Em 8 de maio de 2004, o M8M realizou o Panorama 0.8-RN BRASIL, coletiva que teve a curadoria da jornalista e crítica de arte Leonor Amarante e da pesquisadora do GRECOM (Grupo de Estudo para o Pensamento Complexo) Sânzia Pinheiro Barbosa, onde foi possível diagnosticar a produção local, evidenciando-se a necessidade de informações e intercâmbios.

Este ano, em comemoração ao dia 8 de maio, o M8M realizará um assentamento de artistas de 1º a 8 de maio no AN-DAIME, que contará com a presença de artistas da Paraíba, Pernambuco e Ceará; palestra de Ibis Hernández, curadora da IX Bienal da Havana no Brasil, no dia 6 de maio no Solar Bela Vista. O tema abordado será a organização da Bienal de Havana. Ibis terá uma conversa com artista na Fundação Capitania das Artes. O tema abordado por Leonor Amarante no dia 7 será curadoria e Walter Wagner, artista paraibano, ministrará uma oficina de montagem de exposição de 3 a 5. Haverá também, um diálogo com Xico Chaves, coordenador do setor de artes visuais da FUNARTE no dia 8. Ivens Machado, artista visual e representante oficial do Brasil na última Bienal de São Paulo, ministrará uma oficina e fará uma instalação. A comemoração prevê exposição coletiva na Fundação Capitania das Artes, na Pinacoteca do Estado e intervenções no corredor cultural. Tudo isso com artistas convidados do Rio Grande do Norte. Em 2004, o 8 de maio homenageou Marcelus Bob, que fazia 25 anos de arte. Este ano, a homenagem é para Zaira Caldas e seu universo criativo conduzindo o eu **transfigurativista**. ■

Centro de teatro está de cara nova

Por David Clemente

Fotos: acervo do CEFPT

Engana-se quem imaginar que salas com paredes negras são sombrias. As paredes das salas em que os alunos do Centro Experimental de Formação e Pesquisa Teatral (CEFPT), da Fundação José Augusto, têm aulas são negras como a noite e poéticas como a lua cheia. O CEFPT, mais conhecido como Centro Experimental de Teatro, está localizado na avenida Hermes da Fonseca, colado ao Aeroclube, em Natal.

A cor das paredes das salas foi um dos itens que a recente reforma do Centro contemplou. A fachada também ganhou nova cara, agora tem mais cores e melhor identificação, o que trouxe para o Centro mais alunos e mais público. O interior parece ter recebido vida própria e sorri para os visitantes de tão acolhedor que ficou. A parte administrativa também deve ganhar uma mudança em breve. Uma delas é a criação de um banco de textos do Estado do Rio Grande do Norte, com produções individuais e de grupos potiguares.

Por semestre são oferecidas 160 vagas para o aprendizado da interpretação. Os futuros atores ficam espalhados por quatro turmas de 40 alunos, cada. E se revezam por oficinas permanentes que têm períodos letivos de três meses, lecionadas pelos professores Marcos Martins, Fernando Yamamoto, Lenilton Teixeira e Mariana Guimarães, todos com formação em Artes. Ao final do curso, os alunos podem mostrar a eficiência das suas caras e bocas e eloquência, montam o espetáculo que será "o exercício final". Formados, todos recebem certificado de conclusão.

Como público alvo para o Centro, o coordenador João Marcelino é claro: "Qualquer pessoa que queira aprender teatro". Não há idade mínima, nem máxima. O que vale é o interesse pela arte. Até a taxa mensal de R\$ 20,00 pode ser flexibilizada de acordo com as condições financeiras do aluno. Das últimas turmas, algumas foram cobaias da idéia de estudar teatro como se os atores fossem uma família, ou seja, com atores de todas as idades. João Marcelino explica que há espetáculos em que existem personagens de todas as idades, então, por que não os trabalhar desde as aulas de interpretação?

Espaço aberto para os espetáculos

Sendo o Centro Experimental de Formação e Pesquisa Teatral (CEFPT) sustentado pela Fundação José Augusto, do Governo do Estado, então é dos potiguares. Assim, o Centro toma a liberdade de abrir suas portas para os artistas conterrâneos. As salas, com suas paredes escuras e todos os espelhos, estão à disposição para servir a grupos teatrais que não tenham lugar para ensaiar. "Quem quiser montar, ensaiar ou apresentar um espetáculo, venha para cá", convida João Marcelino. Até novembro do ano passa-

do, mais de 20 grupos já montaram seus espetáculos nas salas da casa. "O CEFPT é uma opção nova para a cidade, um espaço alternativo para quem quer se experimentar e não tem onde", diz João Marcelino. O filme "Fabião das Queimadas - O poeta da liberdade" apresentado na mostra "DOCTV - Brasil Imaginário", em setembro de 2004, é um exemplo disso. A escolha e preparação do elenco foram feitas inteiramente no Centro.

E se os grupos produzem, montam, ensaiam no Centro e não têm onde apresentar? Voltam ao Centro para isso, oras. O projeto "Teatro Alternativo" é uma parceria com o Departamento de Artes





pão” em que estava impresso o programa de um dos projetos que mais levou aplausos para o Centro, o “Café Teatro”.

Em 2002, quando o projeto teve início, foram realizadas cinco leituras dramáticas; em 2003, mais cinco, sempre aos sábados. Em cada sessão, que era dividida entre o “Prato de Entrada” e o “Prato Principal”, uma média de 100 espectadores prestigiavam os atores locais que interpretavam textos de autores potiguares e nacionais. O projeto ficou tão bem conhecido na cidade que o público passou a pedir por ele. Em razão disso, “em 2005 o projeto Café Teatro será nosso carro chefe”, adianta o coordenador.

CAFÉ TEATRO
I CICLO DE LEITURAS DRAMÁTICAS

POEMAS DE
ANA PAULA OLIVEIRA

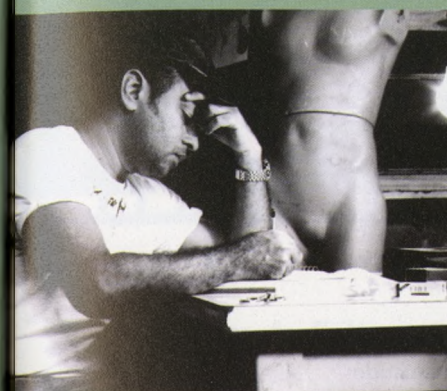
ENTRE QUATRO PAREDES
de Jean-Paul Sartre

da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), com o Teatro Municipal Sandoval Wanderley e com a Casa da Ribeira. Atores e estudantes oriundos dos três locais já utilizaram o Centro Experimental para apresentarem-se. Especialmente alunos formandos da UFRN com seus projetos de final de curso.

Para João Marcelino, os espetáculos exibidos no Centro movimentam o mundo artístico e formam atores. “Eu brigo para

quebrar a máxima de Câmara Cascudo em que ele diz que Natal não consagra, nem desconsagra ninguém. Eu digo que consagra sim”.

“Sagrados são os poetas, que tão bem traduzem a vida. Sagrados, todos os atores são por tornarem seus, os filhos dos outros, ao representarem, com a alma tantas personagens”. Fragmento de poema de João Marcelino, escrito no inverno de 2002 e publicado no mesmo “papel de



Ator por natureza

“O ser humano tem a necessidade nata de falar de suas paixões, falar da sua dor, das suas angústias, de todos os sentimentos”. É assim que João Marcelino, coordenador do Centro Experimental de Formação e Pesquisa Teatral (CEFPT), explica por que as pessoas envolvem-se na arte de representar. Ele, que tem 45 anos de idade e 24 de teatro, divididos entre a produção, o palco e as coxias, sabe bem o quanto o teatro mudou a sua vida. Sua mãe queria que ele fosse médico, mas ele queria mesmo era ser artista. “Driblei todos”, brinca.

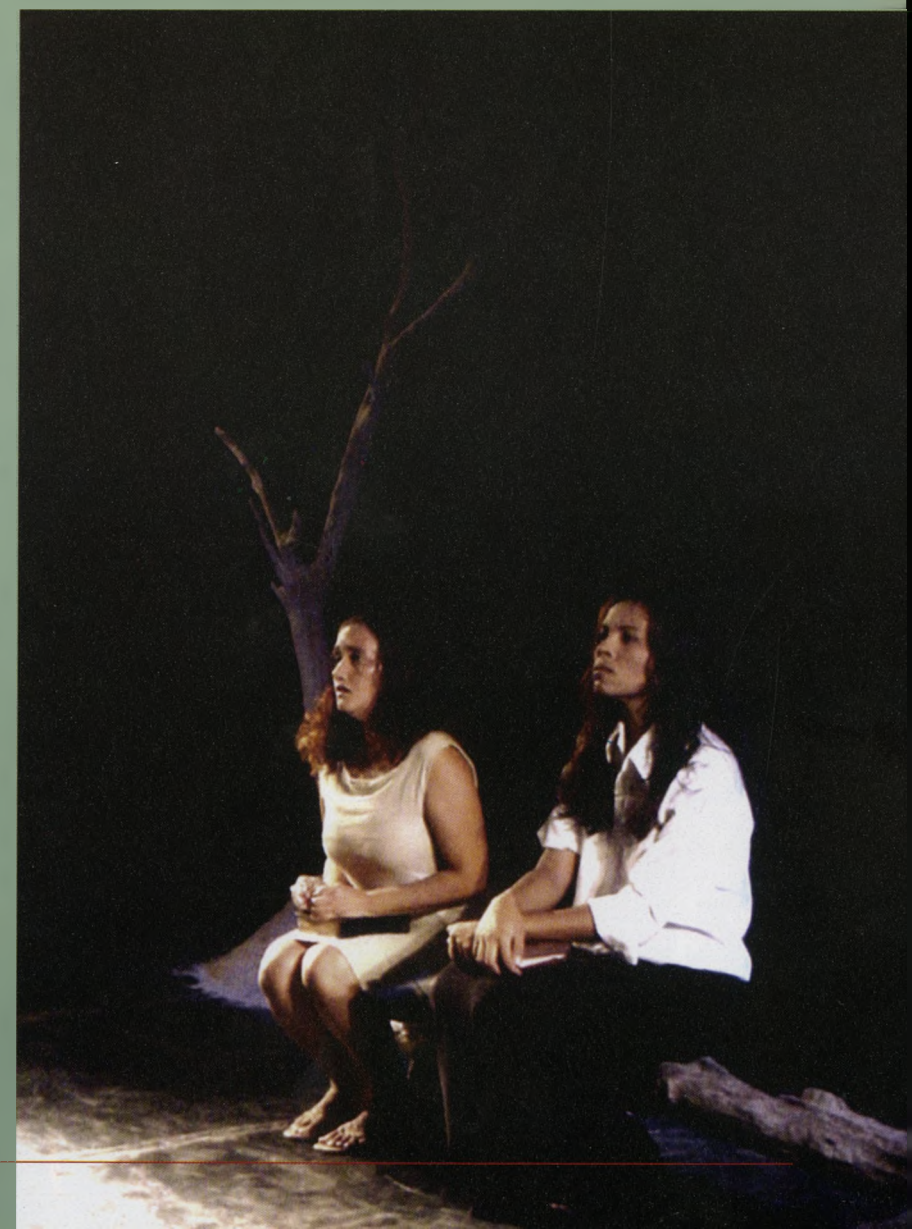
Todos os gestos com as mãos que ele faz é como se fossem provas de que ele nasceu para a interpretação. “Sou obsessivo. Se gosto, vai ser agora. Tenho que me apaixonar por alguma coisa”. A primeira manifestação artística chegou em forma de pintura, depois estudou, paralelamente ao teatro, dança clássica e canto. Como no seu tempo não existiam escolas de interpretação em Natal, João Marcelino teve que passar anos comendo livros para aprender teatro e pão com mortadela para vencer na vida. “Eu era autodidata. Fazia, estudava, experimentava...”, conta.

Depois de anos de dedicação, hoje em dia ele divide seu apertado tempo entre coordenar o CEFPT e administrar alguns convites que recebe para trabalhar em espetáculos. No seu currículo estão

as funções de figurinista, cenógrafo, diretor, ator e ainda produtor de adereços. Atualmente ele assina os espetáculos “Chuva de Bala no País de Mossoró”, que ocorre anualmente em julho, e “Oratório de Santa Luzia”, que é exibido em dezembro.

A entrada no CEFPT aconteceu em julho de 2002 graças a três indicações: dos artistas, do deputado estadual Cláudio Porpino e do presidente da Fundação José Augusto François Silvestre. Para ele,

o convite foi consequência de toda a dedicação que ele investiu em si. Tanta que ficou entranhada no seu dia-a-dia. Para suprir sua necessidade de encenar ele faz teatro na própria residência, no seu cotidiano. “Não sobra muito tempo para trabalhar como artista. Precisamos apenas de alma para fazer arte”, considera João Marcelino, que inclui a arte entre suas poucas ambições. “Dêem-me uma sala escura para criar fantasias e eu serei um homem feliz”. 📺



Rubens Lemos Filho

(Jornalista)

Esperava com a angústia dos noivos, a paciência dos vingativos e a resignação das mães. Não tinha a sabedoria dos orientais mas um amor transbordante e universal. Que explicava a ansiedade da espera pelo domingo do reencontro. Há algum tempo não via o objeto de adoração e queria estar inteiro, de corpo e de alma, para não perder um segundo sequer.

Lembrou, semana começando, dos gozos e contratempos daquela relação de vinte, trinta anos. Sentiu que amava ainda criança, passou à veneração adolescente e temperou o sentimento quando os cabelos brancos começaram a brotar.


Nos dias de glória, sempre adjetivou como os apaixonados patetas. E, finalmente, concordou com aquele amigo que dizia, falso dissimulado: "Todo apaixonado é ridículo". Foi repassando os episódios do seu velho caso e concordou: fez promessas, de joelhos jurou fidelidade (diga-se, mantida militarmente), quis abraçar a cidade, dançou na rua, meteu-se a poeta, brigou em mesa de bar.

No velório dos fracassos – que também foram muitos, o desabafo do palavrão, a blasfêmia contra a maior razão da sua vida, a promessa de nunca mais vê-la, a desgraça de preferir estar morto do que sofrer tanto.

A hora vai se aproximando e a pulsação é frenética. Nada merece tanta atenção, nunca uma expectativa machucou tanto. O domingo vai chegando e antes dele, para injetar coragem e anestésiar o medo, a entrega à bebida como bálsamo inútil. Apaixonado e bêbado, mais deplorável ainda.

E vai se perguntando, na solidão do quarto escuro, breu do tamanho das suas interrogações: "Será que vai ser como na primeira vez?", "Ou decepcionante como a última?". Sente-se um toureiro numa arena desconhecida. Um policial se esgueirando pelas velas de um morro, inimigo oculto e armado, pronto para o bote. Um doente recebendo o exame fechado que pode sepultar sua vida. Ou o aluno que aguarda ansioso o resultado do vestibular.

É angústia demais, ele reclama. Mas não se foge de desafio, se enfrenta. Está faltando uma hora para o reencontro da sua vida. O coração se dilata, é taquicardia, suspeita o perturbado cidadão.

Finalmente acaba o suspense, abre a gaveta, tira a sua camisa e vai rever, vestido de ternura, aflição e desejo, o jogo de futebol mais importante do mundo. O do seu time. Assim como foram os de ontem e serão os de eternamente. 

Um velho caso amoroso



Sobre "Luzes, Sombras e Magias"

Marco A. Felipe

O livro "Luzes, Sombras e Magias - Os filmes que fazem a história do cinema" (Sebo Vermelho Edições, 2005), do escritor potiguar Moacy Cirne, foi lançado em março como mais uma homenagem a Sétima Arte. Como toda produção cinéfila, este livro é o resultado de uma paixão que remonta a década de 50, mais precisamente ao Cinema Pax (Caicó-RN) e a revista manuscrita Cinematic, cujo editor, redator e único leitor se confundiam. Em sua trajetória, Moacy destaca dez momentos, dentre eles, "Luzes da Cidade" (1931, de Charles Chaplin), que preencheu sua existência de menino caladão; "A Aventura" (1960, de Michelangelo Antonioni), que o comoveu a ponto de deixá-lo apaixonado pela obra como concepção cinematográfica; e "Assuntina das Américas" (1976, de Luiz Rosenberg Filho), que o arrebatou pelo desespero e grandeza de sua narrativa anti-romanesca. Após comentar alguns filmes, nos brinda com o sempre possível futuro cinematográfico a partir de um conto-argumento de sua autoria.

Sendo a produção de um cinéfilo, "Luzes, Sombras e Magias..." têm seus cânones, suas escolhas e seleções particulares. No entanto, o estabelecimento dos melhores filmes não emana da particularidade sem critérios. Ao contrário, tem no uso orgânico

da linguagem do cinema o seu elemento definidor. Além de seus filmes preferidos, como "Cabra Marcado para Morrer" (1984, de Eduardo Coutinho), Moacy Cirne analisa livros necessários àqueles que fazem da Sétima Arte o "caminho do futuro". É quando comenta "Cine Lembranças" (Sebo Vermelho Edições, 2004), que resgata a crônica e a crítica cinematográfica de Berilo Wanderley, um potiguar que escrevia sobre cinema entre as décadas de 50-70, em Natal-RN. Como auxílio luxuoso aos cinéfilos, indispensáveis aos momentos que se dirigem às locadoras, Moacy tem suas listas intermináveis: 440 filmes ao todo (de "O Encouraçado Potemkin", passando por "Deus e o Diabo na Terra do Sol", a "Dogville"), listados e comentados sem o academicismo enfadonho que esquece o objeto e prende-se a teorias mirabolantes e circulatórias.

Seu livro tem, ao mesmo tempo, a marca da cinefilia e da memória, relacionando cinema e vida sob a perspectiva da "análise e crítica vivenciais". Portanto, através dos filmes, surge um cenário do mundo: o Rio Grande do Norte. Mais especificamente, as cidades de Caicó e Natal, a partir, respectivamente, do Cinema Pax e do Cinema Rex. Outro momento importante é a fundação do Cine Clube Tirol, desenvolvido com os amigos Anchieta Fernandes, Francisco Sobreira, Jarbas Martins e outros. Assim, Moacy Cirne não fica preso ao objeto como a semiologia mais banal fez em vários momentos. Ao contrário, relaciona cinema, espaço e tempo para, através de sua escrita, adentrarmos no passado dos cineclubes e sessões de arte locais, dos cronistas e críticos potiguares e, principalmente, no espírito de uma época que para ser cinéfilo era preciso muito mais do que ver filmes. Era necessário, antes de tudo, imaginá-los,

já que não havia possibilidade de assistir grande parte do cinema não-comercial na cidade de Natal dos anos 50-60 que, ainda hoje, permanece uma província, uma aldeia.

Livros e blogs de potiguares sobre cinema:

"Jazz, Cinema e Educação" (Plaquete, 1961, de Alvarado Furtado).


"Écran Natalense" (1992, de Anchieta Fernandes - Sebo Vermelho Edições). Sobre a história do cinema no Rio Grande do Norte, as primeiras salas exibidoras e os primeiros filmes produzidos no Estado.

"Cinema, Cinema - Os filmes dos meus sonhos" (2003, de Moacy Cirne - Sebo Vermelho Edições). Sobre o destaque que o cinema teve na sua infância e adolescência, além de listas com os 100 melhores filmes da história.

"Cine Lembranças" (2004, de Berilo Wanderley - Sebo Vermelho Edições). Organizado por Maria Emília Wanderley, esse livro traz crônicas e críticas de cinema escritas por Berilo Wanderley entre as décadas de 50-70.

"Os Cinemas de Currais Novos" (2004, de Manoel Jaime Xavier Filho). Sobre os vários cinemas que já existiram na cidade de Currais Novos-RN, destacando o ano de 1920 como a data inaugural da primeira sala exibidora.

"Blog Sétima Arte" (Blog de Marcos A. Felipe - <http://7arte.zip.net/>).

"Luzes da Cidade" (Blog de Francisco Sobreira - <http://luzesdacidade.blogspot.com/>). 

P o t i g u a r



Por Gustavo Porpino

Foto: Anchieta Xavier

O cantor Gustavo Costa, 31 anos, cresceu ao som das baladas de rock da Legião Urbana e outras bandas de sucesso dos anos 80. Tudo muito natural para quem nasceu e morou em Brasília até os 23 anos. O estilo de vida na capital federal, celeiro das bandas Capital Inicial, Plebe Rude, Paralamas do Sucesso, Legião Urbana e outras, influencia o cantor brasiliense até hoje. A música entrou na vida de Gustavo para nunca mais sair e ajudou o artista a enfrentar o glaucoma congênito. “Apesar dos obstáculos, nunca desanimei. Tem gente que não tem problema nenhum e quer morrer”.

Gustavo Costa mora em Umarizal, região oeste do Rio Grande do Norte, terra natal dos seus pais, desde 1996. Nestes quase dez anos, tem conseguido acumular diversos prêmios em concursos de interpretação pelo interior potiguar e também no Ceará. A TV Diário de Fortaleza e o cantor Raí, vocalista da banda de forró Saia Rodada, têm sido grandes incentivadores de sua carreira. Gustavo já participou de diversos programas da emissora cearense, incluindo uma participação de seis semanas no programa do apresentador Ênio Carlos.

A formação musical de Gustavo começou na infância. Ainda menino, gostava de freqüentar o teatro do Sobradinho, no Distrito Federal, e participava do Jogo de Cena, projeto educacional de

artes cênicas. Aos 14 anos, já tocava violão e bateria. A primeira apresentação aconteceu nesta mesma época, no palco do teatro do Sobradinho. Pouco tempo depois, veio o curso profissionalizante na Escola de Música de Brasília.

O cantor guarda muitas lembranças dos anos vividos em Brasília. A mais viva delas talvez seja um show da Legião Urbana em 1989. A apresentação, marcada pela histeria do público e tumulto, diminuiu drasticamente a quantidade de shows do grupo e separou, temporariamente, Renato Russo da banda. “Foi bastante tumultuada e eu estava lá. Renato Russo guardava mágoas de Brasília”, lembra.

A mudança da capital federal para o alto oeste potiguar, ocorrida quando Gustavo estava se profissionalizando na música, não chegou a ser um choque. Apaixonado pela receptividade do povo potiguar, o cantor diz ter sido recebido com tanto carinho que não pensou em voltar. “O que me cativou no Rio Grande do Norte foi a amizade do povo. Gosto muito do povo nordestino, não quero sair daqui”.

As amizades que fez em Umarizal resultaram na criação da banda “Cumade Cristina”, idealizada pelo professor Valmir Lopes. A banda formada por Gustavo Costa (voz e violão); Júnior Sidnelson (voz); Rafael (contrabaixo); Joelson (guitarra) e Jimmy Hendrix (bateria) é bastante conhecida no interior potiguar, levando a crer que o rock também tem espaço no cenário dominado pelo forró. Pau dos Ferros, Martins, Lucrécia e Mos-

soró já receberam a Cumade Cristina em diversas ocasiões.

O repertório da banda tem forte influência das bandas nacionais surgidas nos anos 80. Os clássicos do rock dos anos 60 e 70 das bandas Led Zepellin, Creedence, Deep Purple e The Doors também têm espaço. Gustavo Costa contribui também fazendo arranjos de composições de Renato Russo, Djavan, e até mesmo de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. “Sou meio camaleão, me adapto bem a qualquer estilo, pop ou rock”, conta.

A carreira solo de Gustavo Costa segue paralela à participação na banda. Incentivado pelo amigo Raí, cantor da banda Saia Rodada, lançou “A voz em canto”, CD gravado em Apodi, com interpretações de sucessos de diversos artistas e a composição própria “Ainda te espero”, uma balada romântica de rock. Enaltecendo o apoio recebido, o cantor lembra que “Raí está patrocinando a gravação de outro CD em março”.

Motivado, Gustavo faz planos de cantar também em Natal, e não nega o desejo de passar uma temporada curtindo o público e o sol da capital do estado. Inspirado nas canções de Renato Russo desde o início da carreira, o cantor deixa uma lição como se tivesse escolhido a música “Quando o sol bater na janela do teu quarto” para ser o fundo musical de sua vida - “A humanidade é desumana / mas ainda temos chance / o sol nasce para todos / só não sabe quem não quer”. ■



Gustavo Costa dá lição de vida aos músicos potiguares

O rock da “Cumade Cristina” invade o sertão



Um peixe pronto para voar

Por David Clemente

Numa praia paraibana, guardados pela sombra de um coqueiro, próximos a um chuveiro em forma de peixe, alguns amigos bebiam e conversavam sobre a possibilidade de montarem uma estrutura em que pudessem divertir a si próprios e a terceiros. Algo que tivesse relação com aquele momento e que simbolizasse confraternização de amigos. “Que tal uma banda?”, sugeriu um deles. Os demais concordaram empolgados. Pronto. Já sabiam que seria mais um motivo para se encontrarem. Mas qual nome adotar? Acima deles havia cocos. Ao lado, um chuveiro em forma de peixe. Assim surgiu a banda “Peixe Coco”, em 1997, sem nenhuma pretensão profissional.

O nome da banda foi o primeiro passo para a caminhada que já dura oito anos, se contados até hoje. A divulgação foi o segundo. Quando o nome da banda já estava espalhado pelos corredores da

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN -, surge o primeiro convite: apresentar-se no “Fantalismo”, uma festa à fantasia do curso de Jornalismo. “Teríamos que tocar e tocamos. Até então nós só simulávamos algumas batidas e brincávamos de fazer um som”, conta Caio Vitoriano, 26 anos, guitarrista.

Já que a intenção primeira dos amigos era diversão, quase que exclusivamente, as músicas primogênicas foram compostas em ritmo de brincadeira. Algumas em ocasiões tão pouco formais que nem todos os membros lembram, mesmo Caio e Luís Antônio, que estão na banda desde seu princípio.

Depois de algumas “tiradas de som” como membro interino, Leo HC, 32 anos, chegou para ser o vocalista oficial da Banda Peixe Coco. Além da voz, levou consigo algumas idéias que mais tarde ocupariam 11 das 12 faixas do segundo CD do grupo, que será lançado oficialmente em agosto deste ano.

O último a compor o quadro da banda foi o baixista Jeff Soares, 28 anos. Ele conta que já era fã da Banda antes de ser membro. Comprava CD e participava dos shows fervorosamente, até surgir o convite em julho de 2004. Quando perguntado se aceitaria assumir o baixo da Banda Peixe Coco, ele recusou-se a ter “um tempo para pensar” e respondeu imediatamente com um “estou indo com o baixo até aí agora”.

Em estúdio como uma banda de verdade

Observar os integrantes da banda fora do palco faz imaginar o quanto eles têm um bom clima de relacionamento. No dia em que a Preá esteve com a Peixe Coco, a banda estava no estúdio do fotógrafo Luís Morais, produzindo fotos para a divulgação do seu segundo trabalho.

Para quebrar a pouca inibição que os músicos diziam estar enfrentando, uma

música ambiente. Entra no aparelho de som um CD amarelo em seu anverso e com algumas listras pretas. Era o primeiro CD da Banda Peixe Coco, que eles sequer possuíam. Enquanto o fotógrafo preparava as luzes e lentes do estúdio, o guitarrista Caio sugeria fotos estouradas, o vocalista Leo acompanhava as músicas com a boca como se dublasse para si mesmo, enquanto dançava movimentando apenas a cabeça e os demais músicos “mimicavam” seus instrumentos. Provavelmente eles não perceberam, mas até mesmo naquele momento estavam em sincronia.

E seguiram com as fotos do ensaio. Muitos bolsos nas calças, algumas trocas de camisa, luzes coloridas, flashes, flashes, poses e mugangas. Mugangas principalmente do vocalista que tenta instigar os demais a acompanhá-lo nos gestos com os braços, pernas e cabeça, enquanto declara discretamente que apenas dispõe-se a ser fotografado porque é necessário. Mas minutos depois, contradiz-se comemorando que um ensaio em estúdio o deixa sentindo-se como se fosse de uma “banda de verdade”.

Mas o que dizer de uma banda que se prepara para lançar o segundo disco; já participou de quatro coletâneas; ensaia semanalmente por duas horas; já apareceu na Revista MTV e Revista Dinamite; esteve por uma quinzena como uma das bandas mais baixadas em sites de músicos independentes na Internet? Será que essa não é uma banda de verdade? Claro que é. Depois Leo explicou sua colocação dizendo que adoraria se dedicar à música sete dias por semana, ou seja, ser, exclusivamente, músico.

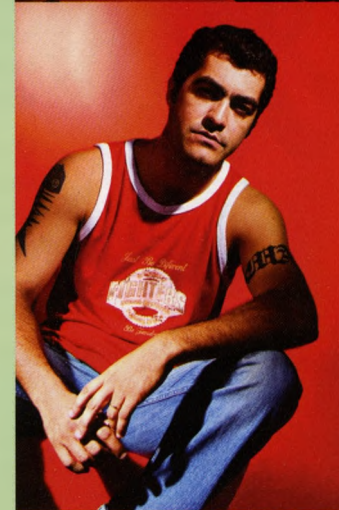
Para isso os membros tiveram que aceitar seguir o caminho inverso ao que costumavam fazer nas apresentações. Apenas há oito meses passaram a tocar músicas de outras bandas já conhecidas. Segundo Caio, essa foi a estratégia adotada para

conseguir espaço para tocar em boates, bares, ganhar público e ter a chance de fidelizá-lo. E só assim a banda conseguiu começar a perceber entrada de dinheiro. Até então, eles encaravam o trabalho musical como um “hobby de luxo”.

A Banda Peixe Coco compõe o grupo de bandas independentes que formam o selo DoSol. Com a união dos músicos, todas as bandas afiliadas são beneficiadas. Em vez de concorrentes, os músicos de diferentes grupos dividem seus conhecimentos e todos se ajudam. Há os que entendem de diagramação, outros de desenho, alguns mais apuradamente, de música e todos se divulgam juntamente.

A divulgação é o principal objetivo das bandas independentes. Por não terem nenhum vínculo empregatício com gravadora, elas podem disponibilizar suas músicas em sites com tal finalidade e, assim, ganham o gosto de internautas em todo o mundo, com a vantagem de atingir diretamente o público que gosta, especialmente, de bandas independentes.

Sua autenticidade já permite que a banda conte com um público fiel, que cantou, dançou e vibrou durante sua apresentação no festival MADA - Música Alimento Da Alma. A desentolura no palco já os levou a Pernambuco, Paraíba, Ceará e prevê apresentações em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo e Bahia até o final do ano. “Quando viajamos, vemos o quanto o pessoal daqui é bom em todas as vertentes”, diz Leo HC, elogiando o intercâmbio cultural proporcionado pelos trabalhos fora do seu Estado. Em terras potiguares ele lamenta o pouco incentivo que recebe dos conterrâneos. “Infelizmente Natal só vai ver o que tem de bom daqui a 30 anos. O que o artista quer é ser visto, exposto. Do jeito que está dá para mudar em seis meses, mas falta incentivo”. ■



Um marco da cultura contemporânea potiguar

Por David Clemente

Fotos: Evaldo Gomes

Considerado um marco na cultura do Rio Grande do Norte, o Projeto Seis e Meia está fazendo este ano dez anos de atividades ininterruptas. Poucos projetos artísticos conseguiram permanecer por tanto tempo em cartaz. Ainda mais sem sofrer alteração no local de exibição (Teatro Alberto Maranhão), no horário e, até mesmo, no preço da entrada (desde o primeiro show, é cobrado o valor de R\$ 10,00).

O coordenador do Seis e Meia, William Collier, explica que o sucesso do projeto é exatamente pelas regras definidas desde o início, sempre tendo como atrações um artista local e um nacional. “A intenção era atrair as pessoas que estivessem saindo do trabalho e quisessem voltar cedo para casa”, explica. “Sem a intenção de selecionar a platéia. Nosso público alvo é qualquer pessoa que goste de boa música. E não é elitista. Veja o preço da entrada”, diz William.

O projeto começou exatamente em março de 1995, sempre apoiado pela Fundação José Augusto, e recebe aplausos exata e semanalmente às 18 horas e 30 minutos das terças-feiras. Na noite de estréia, há dez anos, subiram no palco Pedrinho Mendes e Nico Resende como atrações local e nacional, respectivamente. De lá pra cá já foram 370 shows para mais de 18 mil pessoas.

O Projeto Seis e Meia também é um excelente canal para lançar os artistas locais e divulgar ainda mais os nacionais. Pelo projeto, já passaram grandes nomes da MPB, como Nana Caymmi, Paulinho da Viola, Leila Pinheiro, Chico César, Altamiro Carrilho e Ângela Maria, e da música potiguar, como Glorinha Oliveira, Babal, Cleudo Freire, Galvão Filho, Eline Julião, Valéria Oliveira, Mad Dog Blues, entre tantos outros. Além das duas apresentações da noite, o público ainda pode surpreender-se com um dueto inesperado entre as duas atrações. Assim foi com Marina Elali e Agnaldo Rayol e Oswaldo Montenegro e Diogo Guanabara.

Collier comemora também porque são 10 anos de músicas de difícil inserção nas rádios e, mesmo assim, a casa está cheia em quase todas as sessões. “Nosso grande mote é a MPB sem compromissos comerciais”. Do seu começo até o oitavo ano, o projeto dependia de patrocínio direto da iniciativa privada e da Fundação José Augusto. A partir do oitavo ano, o Seis e Meia foi enquadrado na Lei Câmara Cascudo de Incentivo à Cultura.

Para toda a produção dos espetáculos, o Seis e Meia conta com a empresa Super Star, que é formada por uma equipe de 20 pessoas. O fotógrafo Evaldo Gomes é o encarregado de registrar as imagens que formam a história deste projeto bem sucedido.

Para o artista, é subir ao palco, apresentar-se, receber seu cachê e ir embora satisfeito. Para o público, é adentrar o teatro, acomodar-se numa poltrona, deliciar-se com o show e sair satisfeito. Mas para a produção nem tudo é tão simples assim. William conta que os primeiros shows ainda não haviam firmado o projeto, o que deixou o caixa da produção no vermelho. Mas nada que persistência e uma boa crença não viessem a provar que os produtores estavam certos. Em 1999, doze shows foram realizados com a maior lotação que o teatro pôde suportar.

Com essa garra toda o Seis e Meia quer buscar mais espaço. Está em estudo a viabilização do projeto nas cidades de Parnamirim, Currais Novos e Caicó, todas no RN. Mossoró recebe os artistas desde o 7º ano.

Uma vitrine para os artistas

O sol sequer se pôs e já começa a movimentação na calçada do teatro. Os vendedores de bala, os flanelinhas, dispõem-se nos seus postos de trabalho da mesma forma que os funcionários do Teatro Alberto Maranhão. Os primeiros espectadores que chegam precisam aguardar até o acesso ser liberado. No interior do teatro, o iluminador Castelo Casado recebe os mapas de palco das atrações e repassa as orientações para o operador da mesa de luz. Os músicos afinam seus instrumentos já posicionados no palco, enquanto no camarim, os cantores preparam-se para a hora mais esperada pelo público.


A Preá esteve na sessão do Projeto Seis e Meia de 5 de abril deste ano. As atrações da noite eram a cearense radicada em Natal Lucinha Lira (local) e os gaúchos Kleiton e Kledir (nacional). Lucinha Lira chegou ao teatro pouco tempo antes de entrar no palco. Trazia consigo sua cabeleireira, pompa no figurino, um vozeirão e muito bom humor. Kledir chegou à casa de espetáculos antes de Kleiton, concedeu algumas entrevistas e fez um pedido aos organizadores: queria beber água-de-coco, com o detalhe que deveria ser servida no coco mesmo, já que estava na Cidade do Sol.

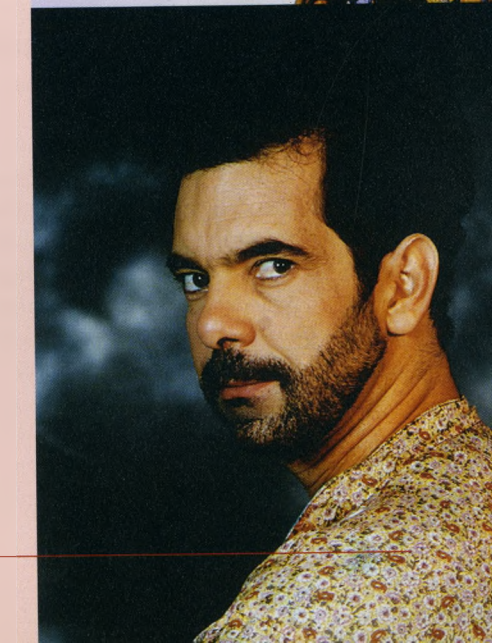
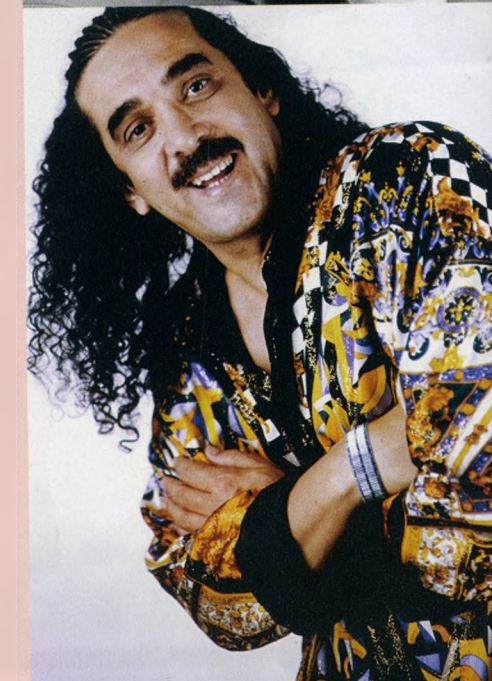
Os gaúchos participaram do Projeto pela quarta vez. E em todas, eles têm a mesma boa lembrança de casa cheia, público animado e participativo. Para aquela noite eles não queriam ter outra expectativa se não repetir o bom desempenho das vezes anteriores. Para quem vem de uma terra fria onde “as praias não são as mesmas”, como diz Kledir, o que mais fascina é o

povo caloroso. “Se pudéssemos viríamos todos os anos”, relata o cantor.

Para Kledir, que já se apresentou em muitos lugares do Brasil, é difícil encontrar outro projeto como o Seis e Meia e que tenha conseguido uma durabilidade tão grande. Até no Rio de Janeiro onde, segundo ele, existiu o projeto pioneiro, não durou esse tempo todo. E quando perguntado o que acha de participar do Seis e Meia, ele responde que “é bom fazer parte porque projetos assim têm que ser alimentados”.

A cantora Lucinha Lira teve que parar para contar quantas vezes já esteve no palco do Projeto Seis e Meia. “Acho que seis vezes”, responde ela. A cantora que já representou o RN em outros lugares do país comemora a existência do projeto e usa várias vezes a palavra “bairrista” para defender a cultura local. “O projeto Seis e Meia é uma vitrine para o artista local mostrar o trabalho. Sobretudo porque o teatro é um lugar nobre. Assim, nos apresentamos com trato e cuidado especial”. Ela elogia o projeto também pelo público, fala que os espectadores do teatro comparecem para assistirem ao show e que cantar para quem está atento é muito gratificante.

Enquanto fala para a entrevista, a campanha anuncia que está chegando a hora para as cortinas serem abertas. Numa fina calma, ela continua falando enquanto caminha para o palco e sua cabeleireira enxuga um pouco de suor de sua testa. Mal toma o microfone em punho, entoa sua voz com a primeira música. O repertório daquela noite era um tributo a Elis Regina que completaria 60 anos se estivesse viva. 



Severino Galvão

O eterno rei momo de Natal



Por David Clemente
Fotos: Acervo da família

Por incrível que pareça a história do amor verdadeiro entre Elvira Nascimento e Severino Galvão começou no “Dia da Mentira”, 1º de abril de 1938, numa festa dançante. Segundo ela, Severino era um rapaz do tipo bonito, que dançava com todas as moças do baile e namorava muitas delas. Enquanto a música tocava seus olhares se entranharam, ele deixou suas parceiras de dança e segurou a cintura de Elvira para a próxima música. Dançaram, dançaram e dançaram. Preocupadas, suas amigas a aconselhavam: “Esse rapaz é

conquistador. Não namore ele”. Foi quando Elvira cumpriu a tradição do dia em que estava e mentiu dizendo “É só hoje”.

Começaram a namorar. A própria Elvira admite que não tinha grandes expectativas para um casamento com Severino. “Ele era muito turbulento. Gostava de um movimento!”, explica ela. Mas para sua surpresa, veio um pedido formal de casamento. Apesar de sua família não ser favorável à união, depois de uma semana o pai da noiva resolveu conceder sua mão. Em 27 de dezembro do ano seguinte, 1939, ele militar e ela professora, oficializaram o matrimônio. Uma semana depois do casamento Severino Galvão foi preso porque “fazia soldo” (emprestava dinheiro para os colegas pagarem com

juros quando recebessem o salário). Sem o esposo, ela voltou para a casa dos pais. Mas lá permaneceu por mais uma semana apenas, o tempo do marido ser solto e continuarem a morar juntos no bairro do Alecrim, em Natal.

Em 1940 nasceu o primeiro filho, que foi chamado de Elvirino. Seu nome é a mistura dos nomes dos pais: Elvira e Severino. Viveu apenas até os 10 meses. A mãe conta que ele “teve uma crise de febre e não agüentou”. O segundo filho sequer saiu vivo do seu ventre, foi aborto espontâneo. No quinto ano do casamento, veio o terceiro filho, Erivaldo Galvão. Esse esperou para conhecer Erinalda, Erineide, Erivanaldo e João Galvão, respectivamente o quarto, o quinto, o sexto e o sétimo a nascer, mas Erivaldo faleceu aos 11 anos de uma doença que dona Elvira chamou de “Pielite” e descreveu que ele sentia muita dor de cabeça e urinava pó. Como forma de homenagear o filho falecido, dona Elvira e seu Severino puseram o mesmo nome no oitavo filho, mas, até hoje em dia, o segundo Erivaldo é mais conhecido como Babal. O nono e último filho de dona Elvira recebeu o nome do pai, Severino Galvão, que artisticamente apresenta-se como o músico Galvão Filho e assina Zé D Garva nas telas que pinta.

O patriarca da família nasceu em Pedro Velho em 12 de dezembro de 1914. Dona Elvira e os filhos nasceram em Natal. Os filhos nasceram mais precisamente no bairro do Alecrim, na Avenida 10, na casa onde o casal morou pelos primeiros 25 anos de matrimônio. Hoje com 87 anos, a matriarca da família comemora: “Não é bonito demais uma mãe rodeada de filhos”.

Um agitador cultural nato

Dona Elvira é toda alegria quando está reunida com seus filhos. Enquanto Erineide põe a mesa do jantar, Erinalda prepara a cadeira para que ela se sente, Galvão Filho a ajuda a andar segurando sua mão e entoando uma marchinha de carnaval como se dançassem em pleno sábado de folia. Também pudera, essa é a família de Severino Galvão, um pai, um carnavalesco, um marido, um publicitário irreverente que “viveu intensamente tudo o que pôde”, como destaca sua esposa.

Se Severino Galvão fosse vivo hoje em dia e organizasse os eventos que ele realizava há décadas, ele seria considerado um *promoter* ou um produtor cultural. Na época não existiam tais nomenclaturas, mas ainda bem que os participantes das festas não precisavam dar uma terminologia para o seu organizador para aproveitarem a festança.

Sua sina começou com a Festa de São Sebastião. Era uma quermesse realizada no Alecrim, em janeiro. Para saber como tudo acontecia, basta remeter a imaginação para as festas de padroeiros ainda realizadas em pequenas cidades do interior do Estado, aquelas em que sempre se encontra “maçã do amor”. Primeiro as meninas dividem-se em dois grupos: os cordões azul e encarnado. Cada grupo vai tentar buscar o maior número de clientes para consumir nas barracas do seu cordão. As arrecadações dos dois cordões vão para a igreja, mas vence a disputa quem conseguir mais contribuição. Severino Galvão, além de participar da prévia produção do evento, ainda convidava políticos amigos para consumir nas

barracas. Ele também participava da Festa da Primavera, que acontecia na Avenida Coronel Estevão, no Alecrim, nos mesmos moldes da de São Sebastião.

Os filhos de Severino Galvão contam que ele era afilhado de batismo de ex-prefeito de Natal Djalma Maranhão e que seu padrinho adorava a cultura popular e não fazia charme. Gostava tanto que se prontificava a subir em todos os palcos armados nas épocas de festa. Principalmente no carnaval.

Festa, cultura e política eram irmãs legítimas de Severino Galvão e, portanto, inseparáveis. Sempre que tinha festa, havia cultura e era um campo livre para fazer política. Se houvesse política, suas promessas envolviam cultura e, portanto, haveria festa. Como publicitário que era, Severino aproveitava as festas para apresentar-se como candidato a vereador, cargo que exerceu apenas duas vezes, apesar de candidatar-se a cada quatro anos. E se para ser lembrado, ele deveria ser visto, apareceria sempre que possível. “Todo evento com ligação cultural papai estava envolvido”, conta João Galvão lembrando as “Batalhas de Carnaval”, que, no período do pai dele, eram ensaios do carnaval ocorridos dois ou três meses antes da folia oficial. “As escolas desfilavam com as fantasias do ano anterior, era uma festa que servia tanto para eles ensaiarem, quanto para divulgar a escola e o carnaval. Com isso, as pessoas aprendiam as histórias, a tradição e todos se divertiam”, conta João Galvão com um certo ar de lamento porque considerava os ensaios de carnaval da atualidade uma propaganda dos carnavais baiano e pernambucano.

E por falar em Pernambuco, até lá Severino Galvão candidatou-se a vereador. Sua estratégia para conquistar eleitores contava com a ajuda de moradores de Natal que tivessem parentes na capital pernambucana. O então candidato bolou uma carta, fez muitas cópias e pediu que seus amigos potiguares enviassem por correio para seus parentes em Recife, onde montou residência. Depois, com o endereço dos destinatários em mãos, Severino visitou cada eleitor para tentar garantir a conquista do voto. O resultado da apuração das urnas não foi o que ele queria, mas os filhos admitem que ficaram surpresos porque seu pai ainda conseguiu votos para ficar na segunda suplência. “Nós não acreditávamos em muitas chances, afinal, ele não tinha raízes, nem conhecimento de pessoas por lá”, explica Erinalda.

Seus filhos contam que nos dois mandatos em que se elegeu, ele trabalhou principalmente pelo bairro do Alecrim. Uma das suas realizações foi a instalação do Relógio do Alecrim que hoje é ponto de referência na cidade do Natal e está tombado como patrimônio histórico. Outro projeto seu abasteceu com água os moradores do bairro. Como poucas casas tinham água encanada, ele propôs a instalação de chafarizes pelo bairro. Lá, todos poderiam comprar a água por um preço mais barato.

O publicitário excêntrico

Apesar de farrista, Severino Galvão não era malandro. Quando o mandato acabava e/ou ele perdia a eleição, tinha de usar a criatividade para levar comida para dentro de casa. Numa dessas vezes ele

mostrou seu lado publicitário. Seu pai tinha uma padaria que fabricava biscoitos, a venda desse produto serviria como renda familiar. Então, para ajudar a divulgação, Severino montou em sua bicicleta uma armação de arame e madeira que ele usava para colocar propaganda de estabelecimentos comerciais, pôs-se sobre o veículo e saía de porta em porta a vender os biscoitos. Numa de suas viagens foi alertado sobre um grupo de estudantes que o aguardava na subida da Avenida Rio Branco para vaiá-lo. Resolveu enfrentar. Ao se aproximar dos alunos, começou a oferecer os biscoitos num misto de oferta e elogios aos potenciais compradores. Recebeu aplausos imediatos e ainda vendeu toda a produção do dia. Da bicicleta evoluiu para um zepelim num caminhão com propaganda.

Num período diferente notou um terreno baldio na Cidade Alta (onde hoje em dia funciona a Caixa Econômica Federal) e percebeu também que muitos motoristas tinham dificuldade para conseguir um lugar para estacionar. Alugou a área, até então inutilizada, organizou-a e fez um estacionamento privativo. Passou um tempo trabalhando no local, mas a quantidade de idéias que fervia em sua cabeça não o deixava ser perseverante para permanecer muito tempo numa mesma rotina.

Severino Galvão era muito conhecido no bairro onde morava e em boa parte da pequena Natal da época. Ficou ainda mais conhecido pelos anúncios que publicava nos jornais impressos. Para vender imóveis ele descrevia o prédio, a localização e colocava “se quiser falar com o vendedor, procure no Edifício Leopoldo, sala 101, ou no meio da rua”. Uma vez anunciou

“um excelente terreno que serve para plantar urtiga para arder a mão de menino arteiro”. Quando se propôs a vender um hotel que era localizado ao lado do Café São Luiz, onde hoje é uma agência bancária, escreveu que havia uma botija escondida na construção. Ainda houve anúncios publicados propositalmente de ponta-cabeça. Mesmo com tantas profissões diferentes, ele dizia nunca ter juntado fortuna financeira. Pregava que toda sua riqueza resumia-se à mulher e aos filhos.

Amigo de todos os políticos

Erinalda orgulha-se em dizer que mesmo com tanto envolvimento em política, seu pai não teve inimigos políticos. Era, assumidamente, “dinartista”, mas mantinha laços de amizade com Garibaldi, José Agripino e gostava muito de Wilma de Faria. Da última ele gostava tanto que fazia questão de andar com um “santinho” dela no bolso da camisa. “Com a fotografia virada para fora porque quando a camisa era um pouco transparente dava pra outras pessoas verem. Quando gostava, ele fazia declaradamente”, destaca a filha.

Algumas relações políticas tornaram-se tão próximas que parte dos seus filhos são afilhados de batismo dos amigos políticos. Mesmo assim, todos tiveram liberdade para fazer suas opções por partido e candidatos.

De rei momo a “rei do protesto”

Já que Severino Galvão gostava tanto de política, até no carnaval ele se candi-

datava. Foi Rei Momo por tantas vezes que seus filhos nem conseguem contar. Participou até de um encontro nacional de Reis Momos, ocorrido em São Paulo, na década de 70. E se ele não fosse eleito como Rei Momo, vestia-se de “Rei do Protesto”.

Ele não se enquadrava no padrão estético esperado de um Rei Momo, mas tinha argumentos para se defender. Dizia que o eleito deveria ser magro mesmo porque, afinal, teria que dançar muito. Além disso, se ele era da terra dos Reis “Magros”, por que teria que ser gordo? Galvão Filho conta que numa das eleições de Rei Momo na Praia do Meio, Severino fez uma “brejeira” para ganhar.

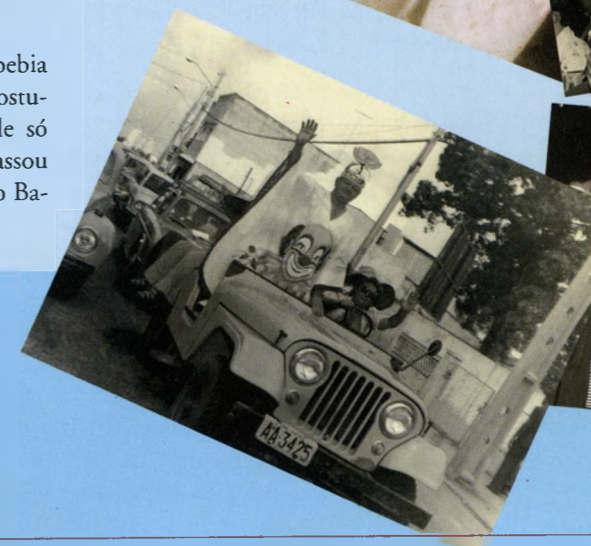
Para Severino, ter o título de Rei Momo era uma forma de conseguir uma oportunidade de subir ao palanque, segurar o microfone e, mais uma vez, fazer-se lembrado. Para ser percebido nas festas, seus filhos contam que ele costumava entrar e olhar imediatamente para o fundo do salão e acenar mesmo que não houvesse nenhum conhecido. “Era só pra chamar a atenção dos presentes”, diz Babal.

O título de Rei do Protesto ele adotou quando não pôde mais ser Rei Momo. Nesse caso não havia eleição, ele vestia-se de rei e respondia a todos que lhe perguntavam que naquela ocasião ele era o Rei do Protesto. E assim saía de casa às 10 da manhã, calçando botas e segurando uma bomba de borrifar veneno (mas com perfume).

Severino Galvão não fumava, mas bebia muita cerveja. Mesmo assim não costumava chegar bêbado em casa. “Ele só começou a chegar tonto quando passou dos 70 anos de idade”, conta o filho Ba-

bal. O problema é que ele era diabético e não seguia regras cautelosas com sua alimentação. Já com a idade avançada sofreu uma paralisia do lado direito do corpo, aos poucos perdeu a visão e como consequência ganhou uma depressão porque não podia mais ler nem escrever. Erinalda e Dona Elvira contam que costumavam ler o jornal para ele, principalmente as colunas políticas. Em 1993, aos 79 anos de idade, Severino Galvão faleceu.

Seu gosto como folião de carnaval foi completamente herdado pela filha mais velha, Erinalda. Seu filho Erivaldo também tem carnaval no sangue, há anos ele é jurado das escolas de samba do Rio de Janeiro e trabalha no SESC com o desenvolvimento de projetos de cultura. Seu prazer por eventos culturais influenciou os músicos Galvão Filho, Erineide e o compositor Babal. Dona Elvira acha que ninguém soube aproveitar a vida tão bem quanto seu marido. 📄



Emoções Rimadas



José Porto Filho

Porto Filho

O

poeta
popular

Luiz Cláudio Penha da Silva
(Estudante de Comunicação Social da UFRN
lcpenha@colegiodasneves.com.br)

Os quintais das casas dos pescadores, ouvindo a voz da minha mãe, Neide Penha (in memoriam), e de tantos outros cidadãos tourenses, acompanhados ao violão por Quinca Du, José Maria ou Raimundo de Artur, pode-se dizer que Porto Filho é o poeta popular da cidade de Touros. Foi lá que aprendi tão valorosa e inesquecível lição.

Lendo as breves notas sobre Porto Filho escritas pelo seu filho, José Erasmo Porto (in memoriam), para a segunda edição do livro “Emoções Rimadas”, editado pela Fundação Cultural Tourense, que leva o nome do seu pai, passamos a conhecer um pouco da história desse valoroso poeta.

José Porto Filho nasceu em Touros no dia 31 de agosto de 1887. Morou em Belém do Pará e Recife. Em 1932, por ato do Interventor Federal no Rio Grande do Norte, foi nomeado prefeito de Touros, tendo permanecido no cargo até fins de 1935, quando a Aliança Liberal dos seus amigos Mário Câmara e Café Filho perdeu as eleições.

Transferiu-se novamente para Recife em janeiro de 1936, sendo confundido como simpatizante da Aliança Nacional Libertadora. Nessa época foi colaborador diário do “Garanhuns Diário” e teve a oportunidade de editar o seu livro “Emoções Rimadas”.

No final dos anos 50 foi morar junto à família no Rio de Janeiro. Ao passar umas férias em São Lourenço foi acometido de um problema abdominal, vindo a falecer de um ataque de uremia no Hospital de Ipanema, em 03 de março de 1958. Foi sepultado no Cemitério de São João Batista com a presença de um grande número de amigos e de uma Guarda de Honra de Atletas do Clube de Regatas Vasco da Gama, do qual era diretor.

A maioria dos seus poemas está registrada no seu livro. Em “Trovadores Potiguares”, 1962, de Gumerindo Saraiva, pág. 208, encontramos as

modinhas Galo de Campina e Parracho Seco. Em “Antologia da Canção Brasileira”, 1963, do mesmo autor, pág.75, encontramos a modinha Galo de Campina; no livro “A Modinha norte-rio-grandense”, de Cláudio Galvão, 2000, pág. 204, encontramos registradas as modinhas Galo de Campina, Luar de Touros, Parracho Seco e Praieira de Touros.

Sua poesia brota da boca do povo, como aquele canto de exaltação ao “chão primeiro” em que nasceu. “... Touros meu berço querido, terra santa de meus pais...”.

Não somente os tourenses mais antigos, dos distritos como Carnaubinha e Perobas, solfejam os versos do poeta. Na própria sede do município, qualquer jovem que tenha ouvido as violas em noites enluaradas, quando criança, é capaz de cantar os seus versos:

*“Quando em noites de luar em minha vila
Até a própria natureza se retrata
E o clarão do luar que então cintila
Vem convidando o meu amor à serenata...”*

Porto Filho retratou em seus versos a vida do povo simples, o dia-a-dia do pescador e as belezas naturais da sua praia querida:

*“Escuta linda praieira
Por ti morrerei de amor
Confia que é verdadeira
A paixão do Pescador...”*

Os seus poemas ou modinhas mais conhecidas são *Ode a Touros, Adeus a Touros, Praieira de Touros, Galo de Campina, Luar de Touros e Parracho Seco*, além de outras que não estão registradas no seu livro, mas são cantadas pelo povo simples do seu lugar. ■

POESIA POTIGUAR

Raimundo Leontino Leite Gondim Filho (R. Leontino Filho) nasceu em Aracati/CE, em 1961. É poeta e professor de literatura brasileira, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (em Mossoró). Editou os alternativos “Flerte” e “i-kara-kati”. Faz parte do Conselho Editorial da Revista Literatura. Publicou os seguintes livros de poemas: “Amor – Uma Palavra de Consolo” (Fortaleza: Ed. do Autor, 1982); “Imagens” (Mossoró: Ed. do Autor, 1984); “Cidade Íntima” (1ª. ed. Mossoró: Queima-Bucha, 1987/ 2ª ed. Mossoró: Queima-Bucha, 1991 e 3ª. ed. São Paulo: Editora do Escritor, 1999); “Entressafras” (parceria com o poeta Gustavo Luz – Mossoró: Queima-Bucha, 1988) e “Sagrações ao Meio” (Pau dos Ferros/RN: Edições i-kara-kati, 1993). É autor do ensaio de crítica literária – inédito em livro, “Sob o Signo de Lumiar – Uma Leitura da Trilogia de Sérgio Campos” (Natal:UFRN/Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 1997).

Partida inteira

Minha alma cega
 enxerga o teu corpo
 rasgando
 os sóis nus da madrugada

Minha alma louca
 persegue os teus olhos
 incendiando
 as luas tortas da noite

Minha alma vã
 colhe o teu cheiro
 mergulhando
 nos ventos doídos da tarde

Minha alma vai
 sem pressa
 ao encontro
 da perdição:
 um corpo só corpo
 sem alma
 a minha

Dentro da noite, penso em ti

Volta e meia
 sigo rumo à ilha do amor
 coisas antigas que ficaram
 nau perdida no porto abandonado
 barco sem vela
 que persiste no desenho
 formado pelas águas dos rios.

Volta e meia
 o fluxo de imagens paira sobre as águas
 e sigo devorando
 a cauda dos sonhos
 retornando ao chão descontínuo da ilusória
 estrada do bem querer:
 uma outra história.

Volta e meia
 o amor perturba o sono descontente das estrelas
 e o luar embaraçado
 por tantos murmúrios
 arma a provisória tenda da paixão:
 o meu olhar de neblina
 costurado na memória
 tece a infância medieval
 do teu corpo.

Fio

o delírio da canção
 parte em revoada
 nada nasce do nada

sempre o sonho
 em mim
 fez morada

regaço de noite
 caminho e espaço
 poros da mesma
 tarde

sozinho
 o verso-flor
 por nascer
 anuncia o paraíso

ali
 onde o perto
 é sombra vagando céus sem fim
 ali
 onde o longe
 é calor arremessando lágrimas sem fim

paro

o delírio da canção
 descansa
 leito manso de rio
 punhado de sono
 consumido

sigo

Tristeza

as sombras ressecadas da noite
 com a ágil visão do corpo
 ou o aflito caminho inscrito na pedra
 lembram
 este exílio:
 pergaminhos da alma
 ao sol

nos loucos ofícios da vida
 a palavra vence
 e a morte do tempo
 transborda neste azul feito de saudade:
 o retrato da despedida
 mais
 um coração sem versos
 vencido pelo cansaço do silêncio

exílios
 do único corpo desossado
 na taciturna neblina
 da alma:
 mãos que não suportam
 a claridade dos céus
 pensamentos
 dos amantes enfurecidos

Folha falha

estas folhas tão murchas
 sombreando o frescor dos lábios

estas folhas tão verdes
 apagando o sabor dos beijos

estas folhas tão brilhantes
 sonegando o prazer dos olhos

estas folhas tão soltas
 fermentando o desejo das línguas

estas folhas tão minhas
 desvirginando teu chão

estas folhas tão minhas
 negando tuas carícias

estas folhas tão nossas
 desencontrando veredas

folhas e falhas
 tão nossas

na beira dos corpos
 no abismo das almas

na distância do nunca
 na descida da dor

tão sim
 tão não

falhas e folhas
 do tempo

De esguelha

Ao Ascendino Leite

três copos de chuva dançam
 o peito alegre do tempo
 já não mais sorri

dois pingos de sol cantam
 o olho mareado do dia
 já não mais sorri

um suspiro de vento baila
 o braço cansado da noite
 já não mais sorri

três braços de cansaço
 duas marés de olhos
 uma alegria do peito

na chuva sorridente
 no sol sorridente
 no vento sorridente

chega um tempo
 de não mais sorrir

hora de dançar na chuva
 hora de cantar ao sol
 hora de bailar com o vento

chega um tempo
 de esquecer o tempo
 de penetrar o tempo

e
 de viés
 ser o tempo
 por vir

como o sol enamorado da chuva
 como o vento apaixonado pela noite

ser
 quem sabe
 só
 como
 de viés
 a vida sabe ser

Grafite

1.

arestas de luz
ramagens radiosas
tangidas pelo silêncio
o cristal dos signos
tinge o ser de esmalte
dígitos versáteis
na última tentativa da dúvida

sonora apreensão do lugar
partículas de tempo
quando às passagens do verbo
recobrem a cidade
leitura de véspera
no click do texto

entre o salto e a queda
a presa devora a si mesma
cães aprendiz
mero abandono
neste desacerto vazio
rascunho de alguma madrugada
pétala insone no cais

2.

as projeções do pássaro
na escrita
da delirante lâmina
a palavra pode tudo
fere nada condena tudo
salva nada
pupilas precipitadas na harmonia
dos sinuosos gestos

a palavra objeto-mundo
neblina margens desertas
planta.o silêncio espregia conversas
muda rotas

emana do signo nu
a palavra tempo
naquele êxtase
contra-vácuo
o cotidiano código
migra para o olho
crisálida no alfabeto final
do corpo entreaberto do amor

A ginga da capoeira



Ilnete Porpino de Paiva

(Doutoranda em Ciências Sociais - UFRN - iporpino@uol.com.br)

O mesmo pé que dança o samba se preciso vai a luta, capoeira.

(Marcos Vale)

Escrever sobre capoeira é instigante. São mais de três séculos de história, em diferentes contextos: de coisa de malandro, de homem, de preto passa a ser coisa de profissional - mestres e professores - de mulher e também de branco, de estudante e trabalhador. Antes praticada nas ruas, nos largos e nas praças; passa a ser amplamente exercida em recintos fechados: academias, clubes, escolas, universidades. No Brasil do século XIX tinha apenas quatro grandes pontos de capoeira: Bahia, Rio de Janeiro, Recife e São Luís; hoje, é possível encontrá-la em todo o território brasileiro e em muitos países.

O aumento significativo do número de capoeiras passou a ser percebido a partir dos anos 70. Negros, brancos, mulatos, homens, mulheres e crianças tocam, cantam e movimentam as rodas, sejam elas de Angola, de Regional ou simplesmente de capoeira. Para saber o que é capoeira, não há informante melhor que os capoeiristas, e eles, de acordo com o seu grupo, com o seu mestre, com a sua linhagem, com o estilo da capoeira, elaboram noções e representações vinculando a capoeira a uma manifestação da cultura afro-brasileira; à arte; à dança; ao esporte; ao folclore; à cultura popular; à arte marcial e à história. Muitos a compreendem como *uma filosofia de vida*. A capoeira, diz Mestre Pennati: *É uma brincadeira, é um passatempo, é uma modalidade*.

Não dá para tematizar sobre a capoeira deixando de fora a origem. Sobre esta questão há controvérsias. Uma corrente de praticantes e estudiosos concorda com a hipótese de que ela foi criada no Brasil, pelos negros bantos, naturais de Angola. Os defensores dessa tese se apoiam no argumento de não existir formas de lutas semelhantes à capoeira em outras ex-colônias do continente americano, o que sabemos é que em Cuba, Martinica, Venezuela e em outras partes das Américas algumas danças foram identificadas com características de luta. Mas, essa não é uma posição unânime no campo da capoeira. Há aqueles que afirmam ser a capoeira africana, isso porque na África existem danças rituais com características semelhantes à capoeira, como o n'golo - dança das zebras. Antigos mestres, discípulos do Mestre Pastinha, como os Mestres João Grande e João Pequeno defendem essa possibilidade. Já os mestres mais novos pensam o contrário dessa versão. Para o Mestre Luiz Renato, a capoeira surgiu no Brasil e deve ser considerada como parte da dinâmica da cultura afro-brasileira. Sua história tem relação com luta e resistência de uma comunidade que, diante da situação que vivia precisou criar técnicas de ataque e defesa para se proteger.

Foram muitas as mudanças ocorridas com a capoeira. Inicialmente, praticada pelos negros escravizados. Ela era a arma do escravo em busca de liberdade. Durante o século XIX era praticada, especialmente, nas ruas dos centros urbanos do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São

Luís. A capoeira não se restringia apenas a negros e pobres, estendendo-se também aos brancos, uma presença menos significativa. Nesse período é marcada pela repressão. O código penal de 1890 associa a capoeira à criminalidade. Capoeiras pegos em flagrante eram presos. Deixa de se constituir crime na década de 1930, quando por interesses conjunturais, Getúlio Vargas decide tirar a capoeira da ilegalidade, concedendo a ela uma liberdade vigiada.

Quando se pensa em capoeira nesse período de perseguição, imediatamente, a cidade de Recife merece atenção pela relação entre as bandas de música, as maltas de capoeiras e o nascimento do frevo - um detalhe significativo. No final do século XIX e início do seguinte, durante o carnaval, à frente das bandas que desfiliavam nas ruas de Recife - a do Quarto (4º Batalhão) e a do Espanha - saíam os capoeiras, conhecidos como uma rapaziada de valentões, malandros ou desordeiros. Da movimentação executada pelos capoeiras, perseguida pelo código penal, nasceu o passo do frevo, um legado da ginga e dos saracoteios da capoeira como sinalizou Edison Carneiro ao escrever sobre capoeira em 1971.

Nos anos de 1930, a capoeira passou por mudanças significativas. Dois nomes passaram a ser notabilizados: Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), o Mestre Pastinha, e Manoel dos Reis Machado (1900-1974), o Mestre Bimba. A capoeira dá lugar à capoeira Angola e à capoeira Regional. Duas modalidades, talvez possamos falar em estilos, modelos, sub-campo da capoeira. A primeira é vista como a capoeira-mãe, a capoeira "antiga", "primitiva", voltada às raízes, tem um discurso afirmador da tradição. Capoeira mandingueira, de improvisação e criatividade, de movimentação lenta e rasteira, e de luta, seu nome está ligado ao Mestre Pastinha. Considerado um dos grandes mestres da cultura popular, homenageado por capoeiristas, escritores, artistas e músicos. Não é por outro motivo que os versos *Eu louvo os Mestres das danças, lhes dou todo meu carinho. Pastinha e Zé Alfaiate capoeira e cabocli-*

nho. Eu louvo Mateus Guariba, do meu Cavalo-marinho, de Antônio Nóbrega e Wilson Freire expressam tamanha dedicação.

A Capoeira Regional foi criada por Mestre Bimba, a partir da capoeira que existia. Um dos objetivos, segundo o seu criador, era procurar desenvolver uma capoeira mais rápida e direcionada, principalmente para o combate, para a luta. Outras técnicas de lutas como o jiu-jitsu, por exemplo, foram incorporadas a ela. As inovações não se limitaram apenas à técnica dos movimentos.

A partir da década de 70, é o momento da institucionalização da capoeira como esporte oficial (1972), é o período em que ela se expande de forma considerável por todo o país e pelo estrangeiro. Começam a se formar as federações. A primeira foi a Federação Paulista de Capoeira. Também é a época da formação dos grupos. Os praticantes, na sua grande maioria, se identificam pelo pertencimento a um grupo, antes era a academia do Mestre. Hoje é comum ouvirmos os capoeiristas se identificarem dessa maneira: "eu sou do Grupo Abadá-Capoeira", "pertencem ao Grupo de Capoeira Boa Vontade", "sou Capoeira Beribazu", "faço parte do Cordão de Ouro", "sou do Grupo de Capoeira Corpo Livre", "do Grupo de Capoeira Nacional", "Grupo de Capoeira Angola Pelourinho". Uma outra mudança importante na capoeira foi a presença forte da mulher, que também acontece a partir dos anos 70.

Presente em todos os Estados do Brasil, no Rio Grande do Norte, verifica-se a sua prática na maioria dos municípios. Segundo o Mestre Alexandre Marcos Brito, a capoeira chegou a Natal no início da década de 60, quando um praticante de luta livre e aluno do mestre Caiçara, conhecido na capoeira como Touro Novo, veio residir em Natal. Recém-chegado de Salvador, ele passou a dar aulas de luta livre e de capoeira. Esse é, provavelmente, um dos primeiros núcleos de capoeira na terra potiguar.

O Mestre Alexandre conta que em meados dos anos 60, marinheiros vindos do

Rio de Janeiro e de Salvador, e praticantes de capoeira, começaram a divulgar e ampliar a capoeira em Natal. Nessa época era praticada nas ruas e em praças públicas. A movimentação da roda de capoeira na Praça Gentil Ferreira atrai a atenção do Sr. Severino Guedes, na época, presidente da Escola de Samba Asa Branca. Encantado com o que viu, convidou os capoeiristas para praticar capoeira no espaço onde acontecia os ensaios da sua Escola. Lá, eles passaram a dar aulas e formaram a primeira geração de capoeiristas. Nela, estava Fernando Guedes, que mais tarde, se tornaria o primeiro instrutor de capoeira do Rio Grande do Norte.

Vale destacar que nessa mesma década, a Escola de Samba "Aí vem a Marinha" já contava com a participação de capoeiristas em suas apresentações e desfiles. Nas décadas seguintes, a capoeira cresce no Estado, com mais capoeiristas vindos de outras cidades, outros já formados em Natal. Marcos Antônio, Iranir, Índio, Canelão, Geronilton, Mário, Márcio, Robson são mestres e professores citados como uma nova geração que vem contribuindo para aumentar o número de praticantes da capoeira.

Praticada em estabelecimentos de ensino - públicos ou privados -, em clubes e academias, na rua, nas praças, na praia, no quintal, em casas de show; ela é trabalhada com diversos propósitos. Como lazer e recreação, como parte de projetos sociais para tirar crianças e adolescentes da rua, para a integração social dos portadores de deficiências, para competição, para a formação de profissionais. Mestre Acordeon, em entrevista à Revista Capoeira (1999) verbalizou: *A Capoeira é uma*

expressão popular de muita força. Muita gente com expectativas e necessidades diferentes pode se beneficiar através da sua prática.

É brincando, criando, gingando, lutando e jogando que a dupla de capoeirista, seja *homem, menino e mulher*, como nos diz a música, dão formas aos movimentos na roda: a ginga - o principal deles -, as meias-luas (de angola, de frente, de costa, de compasso), o rabo-de-arraia, o chapéu-de-couro, as esquivas, a banda, a vingativa, a tesoura, a rasteira, o au, o S dobrado, entre outros. Para efeito de esclarecimento, há movimentos que não são praticados por todos, isso devido a divisão entre a capoeira angola e a capoeira regional.

Onde tem capoeira tem roda e onde tem roda tem uma orquestra formada por instrumentos. Os mais utilizados são o berimbau, o pandeiro e o atabaque. A formação da orquestra sofre alterações, dependendo do mestre. Os mestres angoleiros falam que a orquestra era formada por três berimbaus - um berra-boi, um viola e um gunga - e os caxixis, três pandeiros, um reco-reco e um agogô. Não tinha atabaque. Sobre essas informações, Luiz Renato diz que não se pode estabelecer um padrão rigoroso de como se organizavam as rodas da antiga capoeira. Com relação à utilização do atabaque, sabe-se que a sua associação à prática da capoeira é anterior ao berimbau como constata a obra "Jogar capoeira ou danse de la guerre" (1835) do pintor alemão João Maurício Rugendas.

Como o berimbau passou a ser um instrumento imprescindível nas rodas de capoeira, é nele que a roda se apóia. Arco musical de fabricação artesanal, ele é um

instrumento monocórdio. Toca numa corda só: Angola, São Bento Grande, São Bento Pequeno, Cavalaria, Iúna, entre outros. É usado por músicos percursoristas como Naná Vasconcelos que o transformou em um instrumento solista, ampliando as suas possibilidades de uso. Outros músicos e bandas têm contado com a presença do berimbau em seus trabalhos. Pangaio (RN), Berimbrown (MG), Dinho Nascimento (BA), Cacau Arco Verde (PE), Carlinhos Brown (BA), Papete (MA) são alguns deles.

Para finalizar, não dá para falar sobre capoeira sem mencionar a musicalidade, as cantigas entoadas nas rodas, narrativa rítmica e poética, especialmente as ladinhas, aquelas que falam dos negros e de sua luta por liberdade, da sua cultura, da história da capoeira, uma música que remete à afirmação da raça negra:

"Às vezes me chamam de negro pensando que vão me humilhar, mas o que eles não sabem é que isso só me faz lembrar, que eu venho daquela raça, que lutou para se libertar, que criou o maculelê e acredita em candomblé, que traz o sorriso no rosto, a ginga no corpo e o samba no pé (...)"

(Luiz Renato)

Há cânticos para louvar os velhos mestres, fazendo referência à sua história. Outros, entoados para pedir proteção aos santos padroeiros, para referendar os orixás, para louvar o berimbau, para saudar a mulher e para se despedir.

Adeus... adeus

Eu vou m'embora

Coro: Boa viagem 🎵



Recebendo boas-novas

ADRIANO DE SOUSA

O alvissareiro

Francisco Vitoriano da Silva Júnior
(Graduando em Letras pela UFRN)

“O alvissareiro”, livro do poeta norte-rio-grandense Adriano de Sousa, foi publicado em 2001 pela Fundação José Augusto, Natal.

Válido é definir o substantivo alvissareiro: aquele que dá boas-novas. Boas-novas de quê? Da poesia, obviamente. O alvissareiro é o próprio poeta, que cunha de suas impressões íntimas sobre o mundo as boas-novas (= os poemas), fazendo-nos enxergar esse mundo a partir de um viés refratário ao automatismo do cotidiano.

Obra que paga tributo à modernidade pela aura do criativo que circunda os poemas; podemos citar, como exemplo, o poema “Graffito Augusto Luís da Câmara Cascudo”: “fucklore”, modelo também de bom humor. Característica que está presente em outro texto, “Interativo”: “incluo no poema o substantivo/ poetastro/ o word 6.0 aciona o verificador ortográfico/ sugere a alternativa/ poetaste.”, quinteto o qual nos lembra que só o homem consegue poetar, ficando restrita ainda aos sensíveis e assinalados essa façanha. Isso é ratificado, ao analisar o fazer poético, em “Exercício de composição”, o que nos faz ver que esse alvissareiro sabe de sua missão e de seu valor: “você deve retomar a questão do ponto inicial/ se não há palavras então as coisas e os seres/ são idéias puras livres da coleira de um nome/ quanto a você pode renomeá-los à vontade/ e assim criar as palavras das quais precisa/ para escrever sem elas”.

O poeta não utiliza, em nenhum poema, a capitular maiúscula no início de cada verso e dificilmente faz questão de empregar os sinais gramaticais, sendo a vírgula

um dos poucos sinais usados. De algum modo, tal procedimento influencia na sua dicção, tornando-a mais livre, em um ritmo bem natural, o que é típico da poesia contemporânea.

Há ainda poemas que trazem elementos (boas-novas, presentes), ora naturais, ora culturais, de nossa terra potiguar. “Salina”, de metáforas tocantes e de um descritivismo perfeito, chega a comparar o sal ao diamante: “o sol ceifa o crespo capim/ do mar// decanta na laguna a seiva/ das ondas em fuga// diamantes coruscam/ no instante salobo”. Outro poema com essa característica é “A fortaleza”, que nos faz lembrar imediatamente o Forte dos Reis Magos, a todo instante visitado por turistas de “coxas alvas”: “o que miram os canhões/ narram-no (talvez) o vento/ em anais de areia e mito/ o mar/ que a história guardou no búzio/ para esmaltar cartões-postais”.

Saindo das terras potiguares, mas ainda de cunho nacionalista, sem querer sê-lo, podemos citar “Marinha”: “por decreto exarado a 21 de abril de 1960/ o mar de Brasília/ é o céu” (a título de curiosidade: Adriano de Sousa produz seus belos textos, ora em Natal, ora em Brasília, devido aos prazos tirânicos das empresas jornalísticas e publicitárias).

Em “O alvissareiro”, fala da miscigenação de raças que gerou a bela raça brasileira: “eu francês eu português eu batavo/ eu americano bastardo/ ameríndio/

ameraba/ ex-tupi degredado na minha pele/ eu negrocafuzomamalucomulato/ eu branquelo mazombo/ caboclo confuso/ amarelo mofino/ sará sebento”.

Rediz as exaltações a Natal, proferidas nos muitos momentos de entusiasmo onírico, trazendo os diversos epítetos que essa cidade recebeu durante a história: “a cidade do rio grande uma nova Amsterdã/ a esquina do continente o trampolim da vitória/ chave do brasil & cães da Europa/ Londres nordestina a capital espacial do país do futuro/ uma perspectiva indefinida”, contudo, a realidade é bem outra: “olhai no que deu o sacrário do meus amores/ [...] a cidade do já-teve, a capital do já-foi/ drag queen das dunas/ he terra de ñhu proueito/ a mais perto que há no brasil a este reino/ não consagra nem desconsagra ninguém”. Notemos que nem sempre é portador de boas-novas, mas de notícias que são ruins também.

Já se sabe que nem tudo são belezas naturais e culturais: a nossa história é vergonhosa e fica-nos de alerta para o futuro. Assim, ainda no último poema do livro, esse mensageiro se transforma em profeta, denunciando-nos os erros passados e ainda presentes, para que não erremos mais no futuro e destruindo a visão romântica da história, a qual, na realidade, tem por elementos a injustiça, o roubo, a matança de inocentes, a exploração do mais fraco pelo mais forte: “eu vi os fo-

dedores de alma/ jesuíta judeu calvinista/ os conversores de sangue e pau de tinta/ em ouro/ gado peixe gentio em ouro/ eu vi as armas e os barões assinalados d'el-rey/ os brasões nas sacas de açúcar & cera & sal & algodão/ eu os vi eu os vejo/ os capitães-mores da perene indústria/ a esfolar os bugrés que algum atoleimado tomou por entes/ olhai sob o lustro das plumas de escol/ cutucaí as águias imperiais e vereis a velha escória”. E que quinhão nos resta afinal? Responde: “e não somos todos larvas de soezes/ ou menos/ protoburgueses/ fodidos entre cobras criadas/ então não somos apenas o que fomos/ uns lambe-botas da história/ uns rufiões da linguagem/ uns pobres-diabos mourejando por uns cobres”.

E por fim fala de si mesmo, poeta como os demais e também os profetas, tresmalhado na vida e sem muita perspectiva de reconhecimento, pois ninguém o ouve ou vê, somente ele mesmo o faz, numa espécie de narcisismo, próprio de um grupo que sabe sua missão e seu valor e que, por isso, continua a vaticinar (em vate cabem os dois outros vocábulos): “eu o ouço/ visionário vendido ao banal/ anunciar o devir sem porvir/ eu o vejo/ donatário do ar/ sesmeiro da estrela de pedra e cal/ legar sua data/ uma gota de mar que a duna há-de beber/ eu o ouço/ galo gago/ banido da torre/ degredado no rés do chão/ cacarejar para a manhã mercantil/ uma salva/ que o terral há-de”.

Recebendo boas-novas



Carlos Gurgel (Poeta)
Arte digital de Flávio Novaes sobre
fotograma de Carlos Teodósio

Modernos dois cajus maduros

Interpretando o sentimento de uma arte rebuscada, baseada na utilização de elementos sonoros os mais diversos, Simona Talma (<http://simona.weblogger.com.br>) e Luiz Gadelha (<http://luizgadelha.weblogger.com.br>) se colocam na cena musical da cidade, dispostos a interagir com suas lâminas que retocam o desafinado afinado, a bossa dos lamentos urbanos e a necessidade de serem entendidos.

Eles dois, companheiros inseparáveis, já de algum tempo, criam música como quem alimenta paixões e pousam na identidade de um canto que fortaleça as emoções, desejos e caprichos da ousadia das suas peças autorais.

Já (até aqui), no seu primeiro CD "Flor de Mim" (2001), Luiz Gadelha desfolha uma poesia impregnada de confissões, renovando o elenco dos artistas comprometidos com o tempo da música que retrata a *via crucis* de um espelho que se fragmenta e camaleônicamente se recompõe. Como se não bastasse na sua visão o que se vê e o que se lê na vida real.

No currículo de Luiz Gadelha, a permanência de dois anos no Rio de Janeiro, onde por inúmeras vezes confirmou no palco a versatilidade das suas canções que confessam e retratam os recados de quem tem muito o que dizer. Sim, porque o artista em constante trânsito criativo se permite ao discernimento de textos, tons e timbres.

Assim sendo, quando Luiz pega o violão e canta, ele nos brinda com as partes de um paraíso que abrigam sombras e sambas, sendas e curas. Ele dissimula com sua voz a rota dos que nunca souberam usar todos os perfeitos caprichos de quem ilumina e sabe bem o que quer.

E como todas as sentenças que se pronunciam ao redor de um céu azul e límpido, assim ousa o som que Luiz respeita e repete. Todas as funções de uma escolha pelo palco. Pelos canhões de luzes, mais do que todos os roteiros turísticos. Mais do que todas as nuances e intuições que foram preferidas pelas luzes e luas que aparecem quando o sol se põe.

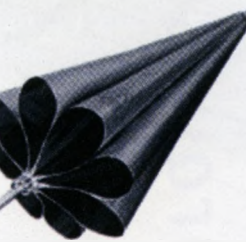
E é assim também, que Simona se lança. Com sua voz que mima a fina flor de uma senha enlacrada de sabores. Assim Simona se faz voz. Voz que acalma e aperreia. Aperreia os sons de quem não tem o que sonhar. Assim, Simona se encanta como borboleta que abre as asas e canta as histórias dos que ficaram olhando a paisagem de uma janela imaginária. Sua voz acaricia as flores e as dores dos lascivos uivos urbanos. Simona embala o solar das pessoas ausentes e refaz os passos de um frevo que mora na saudade dos que já foram.

Por isso, é necessário reconhecer que a safra de novos compositores e intérpretes é enorme. Mas, recônditos são Simona e Luiz, onde nas suas *descobertas* animam o Forte e o Farol. E flertam os desvarios das metrópoles, antenados que são com todos os estios e estilos. Assim Simona e Luiz confirmam os seus nomes como valores que necessitam de uma atenção e audição dos que gostam de quem gostam deles.

Sendo assim, no final de 2004, protagonizaram dois acústicos CD's demos, o "Apaixonada Poesia, Música Louca" de Luiz e o "Guarde Para os Dias de Chuva" de Simona. Duas imensas súplicas. Dois imensos brados. Roteiro de uma viagem de dois corações apaixonados. De dois personagens de uma bússola que não tem fim. Duas imensas árvores: violão e voz. E os imensos segredos de dois artistas audazes e vorazes, antônimos desse tempo que contempla com seus relógios a consagração das vespertinas e repentinas sessões sem arte: só o tempero da mesmice e do óbvio das paradas musicais.

Recém-chegados de Salvador, onde na capital baiana se afastaram de trios e "frios", pois sendo nômades os dois artistas preferiram os passos de um roteiro de balsas, a paisagem das belas velas que fortalecem o repertório, iluminam a via artística e organizam a pulsação de quem se toca.

Sendo nômades, eles vêem a paisagem da janela, mas rompem com a maresia das ondas de um mar, de um quadro na parede. Tentam e teimam e conseguem



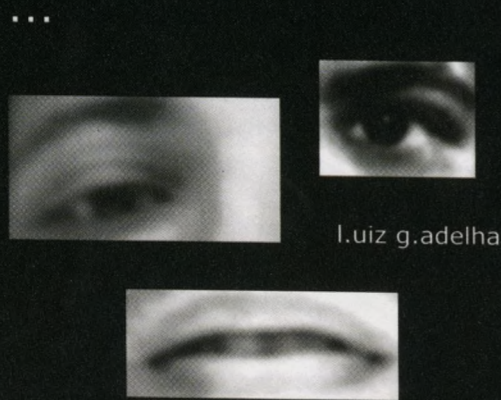
Guarde para os dias de chuva

enxergar os dias e as noites como seus fiéis aliados. Encaixam o céu da boca no céu azul do mar. Do mar que revisitam quando partem e quando chegam.

E assim, sonhadores que são, Simona e Luiz renovam danças e canções.

E como duas sementes maduras e modernas a modular o fruto do seu trabalho, eles confessam que querem mais. Querem o quintal das suas casas. Como dois cajus maduros. Mas querem também a linha teleférica das grandes cidades, por onde passeia o temporal dos séculos insólitos, a rispidez de um oráculo. E por onde vagueia a sacra virgem que teima em se tornar pagã, ou o vestido que encobrem cetim e dólar, requinte e solidão.

E como tudo que passa envolve confissão, Luiz e Simona tocam. E cantam. Espantam com suas bocas e seus olhares o medo do consciente coletivo, que transportam pelas suas janelas a promessa de longos e tardios desejos. De singelas e aromáticas lágrimas. E de um candelabro que se espatifou na noite que os loucos silenciaram. ■



Luiz G. Adelha

Spok Frevo Orquestra

Carlos Eduardo Linhares Rebouças (Engenheiro Civil)

Nas palavras do mestre Valdemar Ferreira, “a multidão vista de longe dá a impressão de uma superfície líquida fervendo. Do popular ferver, tornou-se frever e depois frevo”. Quem quiser ter uma aula de frevo é só colocar no toca-disco este CD de Spok e sua Orquestra. Nele se toma conhecimento do que é um frevo de rua, um frevo-canção ou um frevo de bloco. Que o frevo de rua ainda se subdivide em frevo de abafo ou frevo de encontro, frevo de coqueiro, frevo-ventania e o frevo de salão.

Tudo isso é mostrado neste trabalho de uma jovem orquestra de músicos pernambucanos com bastante tempero de jazz. O resultado não poderia ser melhor. Trata-se de um disco irretocável.

Com apenas uma audição, chegamos a mesma conclusão que chegou o músico Zé da Flauta: “O Frevo está para o Capibaribe assim como o Jazz está para o Mississipe”. Como se tudo isso não bastasse, a orquestra ainda conta com as participações especiais de Marimbanda, Genaro, Adelson Viana, Antônio Nóbrega e Zezinho Pitoco.

Tudo neste disco é inovador. Trata-se na verdade de uma nova maneira de se fazer frevo. Verdadeiramente encantador.

Contatos: SPOK 81.8845.0353-spokfrevo@aol.com - www.spokfrevo.com.br



Paisagem de interior 1 e 2

Quem quiser se contaminar com o que há de melhor da música e, principalmente, da poesia nordestina, é indispensável ter contato com este trabalho. Trata-se da mais refinada produção dos últimos tempos em se tratando de coisas do gênero.

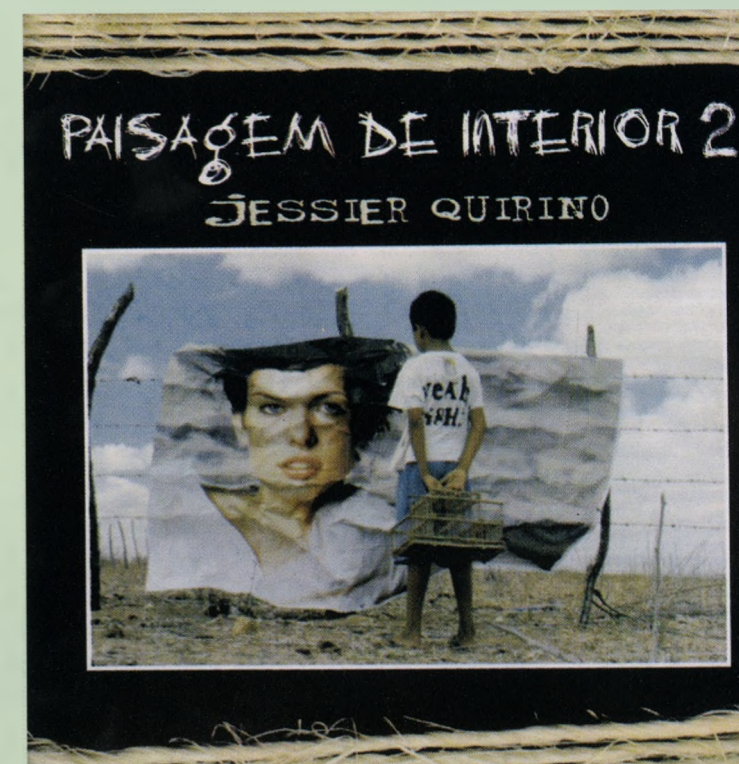
Jessier Quirino, como ele mesmo se define, é arquiteto por profissão, poeta por vocação e matuto por convicção. Sem depender de grandes centros urbanos para trabalhar, optou por morar em Itabaiana/PB apenas para conciliar suas atividades às de sua adorável esposa (chamada carinhosamente de Doró), ela que é a fonte de equilíbrio e o veneno que escolheu para ingerir vagarosamente até o último suspiro de morte morrida bastante tardia (quando já tiver caducando).

Trata-se de um grande ourives da palavra. Tudo que esse palavreiro lapida não carece de nenhum retoque. Ao ouvirmos os discos, ficamos a mercê de reações as mais inesperadas. Em determinadas ocasiões, as lágrimas são inevitáveis, Tamanho o lirismo e perfeição na arquitetura poética. Em outras, desembestamos a rir, pois o humor, ao mesmo tempo refinado e traquinoso, pega qualquer vivente com o mínimo de sensibilidade, como um surto de catapora ou uma diarreia para quem comeu uma buchada e depois completou o tanque do estômago com aquela graxa que fica no fundo da panela.

O primeiro disco traz treze faixas e o segundo catorze. Todas elas têm produção e direção do próprio Jessier Quirino e arranjos de André Correia e Vitor Quirino (filho de peixe é peixinho). O resultado final pode se comparar a um alfinim “no ponto”. Qualquer mexidinha a mais, poderia ter botado tudo a perder.

OUTRAS RECOMENDAÇÕES:

- Maciel Melo - Dê cá um chêro. www.macielmelo.com.br
- Zé Renato & Trinados - Navegantes. www.biscoitofino.com.br
- Sérgio Santos - Sérgio Santos. www.biscoitofino.com.br
- Jackson do Pandeiro - 50 Anos de Ritmo. P&C EMI music do Brasil. 📀





A narrativa performática de “A obscena senhora D”

Florêncio Caldas de Oliveira

(Professor de língua portuguesa e literatura brasileira - CEFET-RN, mestrando em Literatura Comparada - UFRN, fcaldasf@yahoo.com.br)

Narrativa entrecortada. Cenas que se justapõem, ora se entrecruzam enfileiradas tal película cinematográfica. Fluxo de imagens que se rarefazem à medida que o leitor vai se deixando envolver pelas perguntas e delírios da Senhora Derrelição - *a Senhora D*. Hilda Hilst nos apresenta uma narrativa cuja compreensão de leitura torna-se possível se o leitor tiver em mente que está diante de um texto literário que extrapola seu conhecimento sobre aquilo que é literário. Melhor dizendo, o texto hilstiano rompe com os modelos de narrativa literária tradicional. O texto de Hilda Hilst, a exemplo de “A obscena senhora D”, mesmo que pareça ao leitor um fluxo quase ininterrupto de cenas e fragmentos narrativos, não pode ser visto apenas como uma inesgotável confluência de idéias vindas diretamente do inconsciente de sua autora ao papel e deste ao leitor. Tem-se um processo criativo no qual predomina uma linguagem aprimorada, um texto complexo em estruturação formal.

O trabalho com o aspecto formal do texto em “A obscena senhora D” confere-lhe uma peculiaridade que podemos afirmar performática. O texto de Hilda Hilst

traz em si mesmo um quê de teatralização, de *performance*. Ao lê-lo, tem-se a impressão de se estar em um ambiente onde se assiste a um espetáculo teatral. No espaço vazio, incide um facho de luz sob o qual um(a) *performer* desenvolve a cena. Embora, no nosso caso de simples leitores solitários diante da obra, não haja o elemento mediador comum ao teatro: o *encenador*, que ultrapassou a função de organizar cenicamente o espetáculo, assumiu a posição de leitor privilegiado, tornando-se uma espécie de co-autor. Nesse tocante, o texto não-dramático diferencia-se do texto de teatro por a “mensagem” se fazer direta, cabendo ao leitor a construção do cenário, por corporificar a *persona* e por dar-lhe corpo e voz para que viva no espaço da cena, ou em um outro espaço que não seja o palco nem a platéia. Segundo Antonio Hildebrando (2003, p. 25), *é preciso dominar o mecanismo que me faça sair da frente do livro para estar, virtualmente, na posição de espectador que vê no palco a letra transformada em voz. O mesmo processo, elevado à máxima potência, mostra-se uma ferramenta necessária para a transformação cênica do texto não-dramático.*

O espaço em que podemos situar, conforme o próprio texto, a imagem de Hillé - personagem de “A obscena senhora D” - é o vão da escada, à qual leitor é levado, através de sua imaginação, a um espaço físico - o vão de uma escada que está, evidentemente, no interior de uma casa -; todavia, ao leitor, cabe situar-se em um

espaço psicológico (o que lhe dará maiores possibilidades de criação, de fantasia, de imaginação). Renato Cohen em “A performance como linguagem” (2002), ao se referir à experimentação no teatro, denomina esses espaços de *topos*: lugares onde se dão as relações entre os dois pólos definidos da expressão cênica (atuantes - público). O “texto” - que, no nosso caso, torna-se mais intrigante por tratar-se de obra literária em prosa - será o elo dessas relações, ou seja, o próprio *topos*. O texto se tornará o mediador da cena, por onde acontecerão as transformações características da arte (passagem da vida para a representação, do real para o imaginário e o simbólico, do inconsciente para o consciente etc.), embora fique claro ao leitor que o *topos* da cena com todos os seus elementos se constituem como tal. Sendo a literatura a arte por excelência imaginária, principalmente no que diz respeito à relação do objeto imaginado, ao leitor-receptor da narrativa de Hillé compete a liberdade para situar a cena em qualquer espaço, seja uma praça, um edifício-teatro etc. O importante é que haja alguma ruptura com o “real” ambiente, uma fissura pela qual se introduz uma alteridade. Assim, identificação será a condição necessária à emergência de uma teatralidade performancial, pelo espectador-ouvinte, de um outro espaço; a percepção de uma alteridade espacial marcando o texto, como observa Paul Zumthor em “Performance, recepção, leitura” (2000).

O espaço escolhido por Hillé é o vão da escada, porém existe, ainda, a janela que, vez por outra, é aberta e a senhora D se mostra, ora com máscara ora sem máscara, entretanto fazendo caretas. Além disso, há espaços entrelaçados oriundos de seus delírios. Ou, ainda, os espaços reais de Hilda Hilst como a Casa do Sol (sua residência em Campinas-SP) e o hospital (o leito de morte de seu pai), este se confunde com o espaço da cena da morte do pai de Hillé, ao final do livro.

O jogo de espaços presentes em “A obscena senhora D” contribui para a reconstrução da realidade por meio da livre-associação, num ato de *collage*, que permite o processo de “reconstrução” do mundo, no qual se justapõem imagens inusitadas. Para Renato Cohen (2002): *O artista, recriando imagens e objetos, continua sendo aquele ser que não se conforma com a realidade. Nunca a toma como definitiva, visa, através de seu processo alquímico de transformação, chegar a uma outra realidade - uma realidade que não pertence ao cotidiano. Essa busca é uma busca ascética talvez, a do encontro do artista, criador, com o primeiro criador.*

Hilda Hilst atribui ao leitor, através de seu texto, esse “poder” de reconstrução do mundo, da realidade - que é próprio do artista - conferindo ao texto o poder de funcionar como uma espécie de chave para uma possível “decodificação mágica da realidade”, constituindo-se num dos quatro caminhos para a Verdade ao lado da religião, da filosofia e da ciência, segundo o pensamento esotérico.

Assim é o texto de Hilda Hilst: intrigante e verdadeiro porque revela a universalidade da busca da verdade, dos medos, do grotesco: paroxismos da humanidade revelados por essa mulher de sessenta anos (Hillé) que perdeu o marido (Ehud), mas o traz na memória delirante. Para que isso se concretize em texto, Hilda recorre à “temporalidade”, que é característica na *performance*. Para o leitor de “A

obscena senhora D”, o que fica é uma incapacidade de contar o que leu, pois, ao final da leitura do livro, o que vão estar em sua mente são recortes, recordações, fragmentos de uma narrativa estruturada por *collage*. Essa estruturação narrativa traduz-se, ainda, na *atemporalidade*, ou seja, o texto oscila no *Cronos*. Aqui não há cronologia, conforme estamos habituados a encontrar em narrativas convencionais (começo, meio e fim), e, ao mesmo tempo, tudo parece acontecer em um “aqui-agora”: só existe o instante-já de Hillé no vão da escada. Tudo o mais - imagem, sons, movimentos etc - decorre da relação interativa leitor/texto, corroborando a tese de que “A obscena senhora D” seja uma narrativa que traz, através de seu processo de ruptura com a tradição literária, elementos próprios da arte de *performance*: elaboração, trabalho com a forma e a necessidade de um público. Aqui, metaforicamente, o público personifica-se por meio da capacidade imaginativa do leitor, pois, durante a leitura do texto, sente-se uma *energia* que arrebatava o leitor para dentro do universo da senhora D. Tal energia e arrebatamento podem ser percebidos ao se ler o seguinte trecho:

E agora vejamos as frases corretas para quando eu abrir a janela à sociedade da vila: o podre do cu de vocês vossas inimagináveis pestilências bocas fétidas de escarro e estupidez gordas bundas esperando a vez. De quê? De cagar nas panelas sovacos de excremento buraco de verme no oco dos dentes o pau do porco a buceta da vaca a do teu filho cutucando o ranho as putas cadelas imundos vadios mijando no muro o pó o pinto do socó o esterco o medo, olha a cançãozinha dela, olha o rabo da

vibora, olha a morte comendo o zóio dela, olha o sem sorte, olha o esqueleto lambendo o dedo o sapo engolindo o dado o dado no cu do lago, olha, lá no fundo olha o abismo e vê eu vejo o homem. [...]

Evidentemente, tudo o que fora dito até então a respeito do caráter performático do texto de Hilda Hilst, apenas será relevante, dependendo da maneira pela qual for lido. Isso, sim, dará ao texto o estatuto estético do texto literário. A leitura, nesse contexto, se define como absorção e criação, processo que constitui a obra na consciência do leitor. O encontro do leitor com a obra, em nosso caso o texto hilstiano, opera-se em âmbito infinitamente pessoal. O texto vibra de corpo e alma. Não há algo que a linguagem tenha criado nem estrutura nem sistemas completamente fechados; as lacunas e os brancos constituem um espaço de liberdade: ilusório pelo fato de só poder ser ocupado por mim, por ti, leitores nômades por vocação. O gozo de tal liberdade se produz na nudez de um face-a-face com o texto, através de uma palavra pronunciada, imprecisa, obscurecida talvez pela dúvida, que nós perturbados leitores procuramos a todo custo dar-lhe um significado, um sentido o qual só terá uma existência ficcional, transitória.

O jogo entre cena, tempo e recepção (tão característico da linguagem performática) faz-se uma constante ao longo da narrativa de “A obscena senhora D”, obra composta com grande economia de recursos, cujo texto encena uma mulher de 60 anos de idade que opta por viver num vão de escada, em busca do sentido das coisas, onde revive a perplexidade do marido (Ehud) que compreende suas recusas do bom-senso, do sexo, da vida simples. ■

Uma história do laço entre mestre e discípulo, iluminada pelo Édipo

Luiz Gonzaga Medeiros Bezerra (Professor-Doutor)

A profissão de professor é uma das mais antigas do mundo e sempre foi objeto de estudo de muitos intelectuais, tanto em um contexto geral que envolve educação e sociedade ou educação, ideologia, cultura e história.

Na Antiguidade, foi Platão quem primeiro descreveu o contexto educacional de sua época e as células neuronais que envolvia o educador e o educando, mostrando esses processos potenciais de ação e de subjetividade e o lugar em que se dava a formatação do espaço e do vínculo entre aluno e professor.

Um dos teóricos da educação que procurou desvendar a história deste laço e deste campo foi Aníbal Ponce, quando escreveu "Educação e luta de classes", escrita esta elaborada sob o candelabro do Materialismo Histórico Dialético, mostrando que a educação é produto das condições materiais da existência.

Seguindo os trilhos de Ponce, encontramos a obra de Maria Lúcia Arruda Aranha, que tratou de elaborar uma crítica à educação e à história, através de uma reconstituição do passado, colocando o fenômeno educacional como parte da história geral.

Numa abordagem positivista, é conveniente evidenciar a contribuição de Émile Durkheim, ao ministrar na França um curso de história do ensino, entre os anos de 1904 e 1905, publicado no Brasil com o nome de "A Evolução Pedagógica". Trata-se de uma sociologia da Educação, cujo objeto de estudo é o exame das instituições, desde os primórdios até o Renascimento. Este autor trata do fenômeno pedagógico através dos programas, fazendo assim um auda-

cioso afresco de dez séculos de história do ensino, do organismo escolar e de sua evolução.

Um outro autor que buscou desvelar a história da educação foi Lorenzo Luzuriaga, que mostra a educação como produto da cultura e da mentalidade de uma época. Ele relata uma história da relação educacional de forma melodiosa. Esta mesma proposta é partilhada com Henri - Irene-Marrou, que de modo erudito, limita-se a descrever a educação-paidéia greco-latina, numa síntese de significações que revelam esta educação como a matriz de toda a educação ocidental, sendo nesses pilares clássicos que se efetivou uma proposta educativa determinada a educar o homem para a vida na Polis, tendo o seu limiar no mundo helenístico, no vigoroso fluxo da pedagogia, cujo principal norteador foi Platão, sendo posteriormente ancorado às outras possibilidades de educação no mundo ocidental.

A partir dessas ancoragens já efetivadas, nos propomos a delinear a educação e a relação aluno-professor à luz da psicanálise da arqueologia e genealogia, como métodos de análise e de procedimento.

Nesse sentido, a educação e o vínculo aluno-professor se consubstanciam pelo laço do Édipo, que é repassado do ambiente familiar para o ambiente pedagógico, formando um campo, um espaço, um horizonte de promessas e de expectativas desejantes, em que se assume a postura edípiana do amor, do cuidado, da legislação, do conhecimento, do desejo, criando assim um laço pulsional cognitivo.

Nessa perspectiva, essa pesquisa vem mostrar que a educação ocidental passa por quatro etapas. A primeira dá-se com

o "Despertar do Édipo", na Educação do Mundo Greco-Romano, cujo desvelar desta educação é descrito no "Banquete", de Platão, em que é na união entre Eros e Édipo que a relação docente-discente era efetivada, no propósito de preparar para o mundo da Cidade-Estado (*Polis*) ou para a Cidade-Estado (*Civita*) romana.

O segundo momento trata do "Édipo Consolidado" na Educação e a relação aluno-professor no Mundo Medieval, que em *prima facie* é norteada pela Escola Patrística, com o vislumbre de uma Paidéia Cristã; e, posteriormente seguiu o modelo da Escolástica.

Com o surgimento das Universidades, em conexão com as Escolas das catedrais, dá-se o nascimento dos intelectuais na Idade Média, momento em que se evidencia a trama de Abelardo e Heloísa, cujas feições do Édipo é de um "Édipo Penalizado"; é quando o aluno e professor passam a viver um vínculo fora da lei.

O terceiro momento aqui referenciado é o do "Édipo Encarcerado". Refere-se à Educação na Modernidade, cuja relação professor-aluno é vislumbrado no "Emílio", de Rousseau e na "Ciência como Vocaçãõ", de Max Weber.

Quanto ao quarto momento, este se refere ao "Espernear do Édipo". Trata-se do cuidado, do desejo e do instinto retomados na relação aluno-professor e abordados nas letras de Karl Marx, Engels, Freud e Nietzsche.

A pesquisa procurou efetivar uma arqueologia da representação do professor, mostrando os elementos dessa representação, desde a Antiguidade Clássica (greco-romana).

Pode-se dizer que todo percurso histórico do período medieval, da modernidade e do mundo contemporâneo é entremeadado pelo vínculo edípiano. Desse modo, a pretendida arqueologia tem como fio condutor o Édipo, apresentado como mito-metáfora pela psicanálise, como esteio da organização psíquica dos seres humanos. É, portanto, pela via do Édipo, que é transposta a dimensão cultural familiar para a dimensão pedagógica, de modo consciente e inconsciente. Fazemos o rastreamento da relação mestre e aluno, configurando, dessa forma, o vínculo educacional pleno de representação.

A primeira ancoragem é a de assumir o cuidado, à medida que os pais transferem boa parte da educação para o professor. Em cujo processo ocorre o cuidar e o conhecer, pois o docente é aquele que passa a conhecer, cuidar, ter responsabilidade com o aluno, passando também a amá-lo. Não é por acaso que a cultura se refere ao mestre como o segundo pai; o professor torna-se padrinho das turmas conluíntes, recebe o título de "Amigo

da Turma" e são homenageados nos finais de cursos.

A segunda ancoragem diz respeito à posição que vem a ser ocupada pelo professor: a condição de pai e de mãe. Nesse aspecto, o Édipo está implícito na relação professor-aluno, emergindo na prática pedagógica greco-romana, em que o professor tem dupla posição: a de um mestre que se representa e efetiva a lei, os limites, o castigo, tendo um papel fundamental na construção do superego dos alunos, repassando os valores da cultura, a eticidade e a moralidade, impõe a disciplina, cobra responsabilidades; concomitantemente, ele é o mestre que ensina, seduz, esclarece o educando sobre o mundo, a vida, as dúvidas, escuta, ama, protege, prepara para a vida na *Polis* e para a vida pessoal

Em sendo assim, o professor tanto é pai quanto é mãe, sendo através dessa dualidade que se efetiva um Eros pedagógico, superado dialeticamente no preparo para a vida.

Édipo é o professor. Em sendo assim, o Mestre é um ser bífido, como o Deus

Romano *Janus*, que era representado em moedas como um homem com dois rostos: deus tutelar de todos os começos. Desse modo, o professor como bífido encarna a posição de pai, portador da lei e da renúncia. É aquele que traz a ordem, é o símbolo da figura paterna, delimitando os espaços e fundando uma relação de poder.

O professor como representante do pai elabora os caminhos para que a ordem social e cultural sejam preservadas dos limites; ao mesmo tempo em que assume a posição de mãe, fundadora do amor, do cuidado, da proteção e do ensino. Como mãe, alimenta o educando através dos desejos que se cruzam, realizando a passagem do sexual para o não-sexual, através da sublimação.

Destarte, é na educação, através do percurso do ato de aprender que as forças sexuais ou pulsões passam a ser investidas em um alvo não-sexual ou de objetos socialmente valorizados. É o mestre que vai construir saídas diversas, no sentido de favorecer o educando ou fazer o seu remanejamento pulsional para produtos sublimados.

A educação é um processo civilizatório, encarregado de desviar totalmente, ou em parte, os impulsos sexuais infantis, expressos na fase de latência, para fins culturais, como atividades artísticas, investigação intelectual ou esportes. E pelas mãos do professor, que essas energias de caráter sexual são desviadas para realizações artísticas. Há, portanto, uma conexão entre as pulsões do saber e a sublimação e isso fica mais explícito ao se observar o que nos diz Freud em "Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci". O autor diz que a libido pode ser colocada a serviço da pulsão de investigação e da ânsia de saber, podendo se constituir como um substitutivo da atividade sexual. Tal energia pode atuar de modo livre, a serviço do intelecto. Essas

atividades emergem na criança entre três e cinco anos de idade, estando associadas à pulsão escópica, que se relaciona ao ato de ver, de observar e de examinar.

O professor é aquele que possui um papel simbólico, como mãe, alimenta o educando e se encarrega, como foi acima explicitado, de transformar o sexual no não sexual, transformados em objetos culturais. Enquanto que, como pai, ele vai agir no sentido da medida educacional, da análise, passando ao educando aquilo que é valorizado pela cultura. Assim, quantitativamente, é ele quem tem o poder de realizar a correção, a reprovação, atribuição de faltas, efetivando o vigiar e punir o educando, é ele quem vai orientar os trabalhos acadêmicos em seus diversos níveis, participando também das bancas examinadoras de final de cursos.

Nessa perspectiva, a construção da adoção da filiação e da busca pelos herdeiros, portanto é nestes inúmeros vínculos que o laço edípiano é reconstituído na relação aluno e professor, em que este assume consciente e inconscientemente estas posições, criando representações ao longo da história do fazer educacional.

Quando o Édipo vem espernear, este movimento só é possível a partir da recuperação do cuidado com o outro: aluno-professor, professor-aluno, o cuidado entre os seres humanos, no ideal de sublimação, recuperado nos escritos de Karl Marx e Friedrich Engels, que, de modo transgressor, apontam para o cuidado, para a responsabilidade, efetivando um exame genético-materialista histórico da sociedade, provocando um desencantamento do mundo. Desse modo, reabilitam o Eros edípiano no cuidado dentro da construção material da existência, possibilitando, assim, o desvelamento de um ser, do ser construído a partir das relações materiais da vida.

Sigmund Freud veio resgatar o desejo, isto é, o elemento perdido e ignorado no modelo racionalista de interpretação do mundo. Ele inaugura uma via alternativa para o restabelecimento de uma educação em que possam conviver razão e pulsão, ou o desejo e a lógica, vendo os homens como seres edípianos, desejantes. Assim, a relação aluno-professor passa pelo laço fundado na responsabilidade, no conhecimento do outro, no desejo de criar algo juntos, ficando tudo isto muito claro nas dedicatórias das obras, onde sempre aparecem os mestres antigos e os discípulos e também nas cartas trocadas entre mestres e alunos, que na verdade são cartas epistolares. Freud veio desvelar a existência do ser desejante de um ser guiado pela pulsão, que é uma espécie de enigma e de força constante que desconhece a lógica e o cálculo racional, que desconhece as estações do ano e os princípios da identidade.

A última etapa do espernear do Édipo é retomada pela letra de Nietzsche, apresentado como filósofo-educador, que faz um retorno ao Édipo pela via do instinto, este retorno ao Édipo nos traz de volta o mundo primeiro da Grécia pré-alexandrina, em que o homem buscava o desvelamento da natureza e também percebia que era a natureza e desencantava o mundo a partir da convivência entre razão e paixão, encontramos neste momento o homem como ser do instinto, ser do espanto, ser do medo, ser da existência, ser do mundo, ser do cuidado e ser para a morte.

Com a monarquia de uma razão absoluta e de uma moral platônico-cristã, o homem perdeu sua capacidade de lutar e ultrapassar os obstáculos racionais, assumindo no mundo uma moral de rebanho. Nietzsche veio apontar para o renascimento de um homem forte, sem medos, metaforicamente representado pelo leão e pelo super-homem, livre de

preconceitos e criador de uma nova tábua de valores.

Todo esse processo de educação - que envolve o cuidado, o desejo e o instinto - somente pode ser efetivado na figura do professor. Tal qual o mito de Édipo, o mestre é portador da razão e da desrazão. Desse modo, a relação professor-aluno instaura o Édipo no campo educacional, no campo científico, pois que o Édipo é pesquisador, ele busca a verdade e o saber.

Assim, o professor, na posição simbólica de pai e de mãe, consciente e inconscientemente junto ao educando vive o Eros de uma busca, da aliança, cuja mola é a mola do amor. Isso fica bem explicitado em convites de formatura, nas placas comemorativas de conclusão de curso, bem como nas lembranças de cada um de nós; nas dedicatórias de livros como a efetivada pelo ilustre mestre Geraldo Ataliba a Seabra Fagundes; como a que Yoshiaki Ichihara faz em seu livro "Direito Tributário" ao mestre Annibal Fernandes; na escrita de Fabio Fanucchi para seu professor, amigo e conselheiro Rubens Gomes de Sousa; na escritura que Vittorio Cassone oferece, quase poesia a Ives Gandra da Silva Martins; e a que Leda Pereira Mota e Celso Psitacou-sky fazem em seu livro "Curso de Direito Constitucional" aos alunos e ex-alunos. Em sendo assim, existe um laço entre educador e educando, laço que é construído no cruzar da razão e da desrazão, da lógica e da pulsão, nas leituras efetivadas na sala de aula, nos momentos em que aluno e mestre examinam o mesmo fenômeno, um fato social, um fato histórico, uma hipótese de incidência e um fato gerador ou venha a ensinar como se verifica os sintomas vitais. ■



Sigmund Freud e Wilhelm Fliess no início da década de 1890



Laurence Bittencourt Leite

(jornalista e mestre em Literatura Comparada)

Ilustração: Pintura em gouache e desenho com grafite de Erasmo Andrade sobre idéia de Carlos Gurgel

“Estou literalmente morto”. Assim disse o “velho” Alfredo, sentado em sua poltrona numa sala modesta de um pequeno imóvel alugado, ao seu amigo Lucas. Ele sabia que tinha passado a vida em vão. “Fui sempre um covarde diante da vida”, dizia sem resistir à autocomiseração. Os anos vividos de forma monótona não lhe traziam nenhuma recordação prazerosa. Lucas achava excessivo e tentava animá-lo:

— Que é isso, homem, todos somos felizes e infelizes. Não há só prazer ou desprazer isolado. Uma vida de felicidade plena não existe. Portanto, anime-se!

Alfredo iria completar 67 anos. Nunca casou. Funcionário público durante o dia, e professor de História em colégio público à noite, aposentado já há três anos, era o perfeito cavalheiro, como gostava de dizer Natércia, sua vizinha de rua. Em seus momentos só, que não eram poucos, se afundava na idéia de ter sido sempre muito tímido com as mulheres. Não que tivessem faltado pretendentes.

Houvera, sim. Lembrava com carinho de Lídia e de Cíntia em especial. Com a última chegou a iniciar namoro. Garota tímida como ele, quase da mesma idade, foi surpreendida por um assalto quando voltava do colégio numa noite chuvosa.

— A morte não manda recados, disse uma única vez, a Penélope, uma preta gorda de ancas largas que conhecera e que passou a fazer parte de sua vida, e que se encarregava diariamente da faxina da casa, deixando pronto o almoço e o jantar.

De família humilde, pobre mesmo, do interior de Pau dos Ferros, Alfredo viera para Natal, “a Capital”, como diziam, tentar a vida. Passara em concurso público. Alfredo sempre gostara de ler, cultivado mesmo pela leitura. Criara verdadeira admiração por Padre Vieira, Olavo Bilac, Guimarães Rosa e Carlos Drummond. Sua leitura, no entanto, incluía também pesos pesados da literatura estrangeira, como James Joyce, Dante, Cervantes, alguma coisa de Shakespeare e Sófocles. Gostava de ler. Seu pai, silencioso, nada dizia. Mas o tio paterno, reprovava.

— Isso não leva a nada! E soltava uma fumaça do cachimbo. O negócio é trabalhar — prosseguia dizendo, — arranjar emprego certo. É isso que dá futuro.

Alfredo tinha vontade de retrucar, dizer que cada cabeça uma sentença, até mes-

mo soltar um palavrão, mas calava-se. Resignava-se, como veio a admitir depois. Mas naquele momento, como uma corrente oposta de pensamento, lhe vinha a idéia de que não valia a pena rebater. Seu pai nada dizia. Nenhuma palavra. Alfredo também nada dizia. Para o pai, a vida em família sempre fora amarga. Homem do campo, mas de alma sensível, Rui Pedroso, seu Rui como era chamado, era homem de poucas palavras. Pouquíssimas. Tinha um pequeno comércio de onde tirava o sustento da família. Nem mesmo com o irmão mais velho, o único irmão, era dado a conversas. Ouvia mais que falava. “Ouvido maior que a boca”, dizia João Pedroso, o irmão. Rui casara já tarde, com idade de 35 anos. Nunca ninguém soube de alguma namorada, antes de conhecer Do Céu, Maria do Céu, sua futura esposa. Mulher um tanto rude, de língua solta, falava pelos dois. Tiveram dois filhos. Depois de Alfredo, Rita. A Ritinha, que casara no próprio interior de Pau dos Ferros, com Osmundo e que de lá nunca saíram. Apenas Alfredo que debandou depois de ser aprovado em concurso público, para trabalhar como funcionário do governo.

Veio para Natal com recomendação do tio João, que conhecendo um amigo de nome Ernesto, lhe pediu para abrigar



Uma alma resignada

por uns dias, o sobrinho. “Era melhor não ter ido”, lembrou mais tarde a seu amigo Lucas. Ernesto era jogador inveterado. E beberrão. Tinha o mau hábito de bater na mulher quando chegava em casa alcoolizado, o que era uma constante. Ainda passara quase um ano morando com a família de Ernesto. Mas olhando pelo retrovisor do tempo, achava que só mesmo um temperamento brando e resignado como o seu, para ter suportado o tormento de morar naquele inferno.

– Era um cubículo, Lucas – dizia Alfredo lembrando o passado. Eu dormia numa sala menor do que essa minha. Ele chegava de madrugada, se segurando nas paredes, bêbado, e trombava em minha rede. Já soltava palavrões. Eu acordava e ficava quieto. Ele ia para o quarto onde dormia a esposa e dois filhos pequenos. Imagine! A mulher ainda tentava negociar, pedir silêncio, alegava os filhos, mas o sujeito provocava tanto, que em minutos o vendaval estava feito. Era choro de crianças, a mulher chorava, até que o sátrapa, depois de alguns sopapos se deitava e ia dormir. Como agüentei quase um ano não sei. No outro dia ele agia como se nada tivesse ocorrido. Todos fingiam. Tinha pena dela, mas nunca sequer questionei porque agüentava tudo aquilo.

Uma alma tão resignada quanto à sua, refletia em Lucas silêncio.

– Quase uns dez anos depois, fiquei sabendo que ela se mandara com os filhos para o Sudeste. Até hoje não sei o que restou de Ernesto, muito menos dela e os filhos, dizia o “Velho”.

Mas mesmo morando naquele “inferno”, e trabalhando em uma Secretaria de governo, Alfredo concluíra os estudos secundários e arriscara vestibular para Direito. Foram duas tentativas fracassadas, até que desistiu de vez, após receber convite para lecionar História em um colégio público à noite. Foi amor à primeira vista. Foram anos de acúmulos de leituras desovadas naquela atividade. De vinte alunos que tivesse em sala de aula, se um mostrasse interesse e compreensão tudo já valia a pena, dizia. Depois de um ano no “inferno”, Alfredo enfim tomara um pequeno quarto alugado num pensionato. O trabalho na Secretaria e como professor lhe permitiu uma certa independência.

No entanto, com o tempo a chatice e a monotonia do serviço público foi lhe roubando um certo prazer inicial. Quando veio a se aposentar nenhum prazer mais lhe restava. As aulas noturnas de História, entretanto, sempre permaneceu

ram como um “lado bom”. Falar sobre a história da humanidade, o que incluía a história do Brasil, era, para ele, uma aventura inesquecível. Queria transmitir em sala de aula, de uma tal forma, que os alunos estivessem vivendo cada um dos episódios contados, cada etapa dessa aventura humana. Alfredo parecia se transportar quando dava aulas. O élan de transmitir jamais morrera com os anos. Mesmo quando teve que reconhecer, com o passar dos anos, que os alunos “atuais” pareciam cada vez mais distantes do desejo de saber, viver e compreender a História.

Alfredo tendia ao pessimismo e aos poucos foi se tornando cético. Mas sempre propunha um contraponto ao desinteresse dos jovens em sala de aula, alegando que os governos brasileiros nunca investiam o suficiente em educação, terminando por gerar um sentimento de inutilidade ao desejo de estudar e de saber.

– Nesse país o que menos tem valor é a educação, dizia a Lucas, que balançava a cabeça afirmativamente. E era para ser o contrário, prosseguia. Para um país que só veio a conhecer Universidade apenas no século XIX, parecia justificar e confirmar seu ponto de vista, levando-o a dizer que essa pouca importância com o saber,

resultou em atraso e em especial em baixos salários para a classe dos professores ao longo da nossa história.

– É incrível, Lucas, o descaso que temos para com a formação educacional do nosso povo. Sempre foi assim. Todos os países do Primeiro Mundo tiveram essa preocupação e esse estímulo no seu nascedouro. Entre nós não houve essa preocupação, e eu falo preocupação, no sentido de estudar as Humanidades. Quando o mundo moderno abriu-se ou voltou-se para as Humanidades com o declínio da terrível Idade Média, nosso país se fechou, ficando preso ao dogmatismo católico medieval. Fomos colonizados por esse espírito, afirmava.

Lucas concordava e acentuava que o Renascimento fora palco morto no Brasil. De espírito liberal, Lucas acentuava que enquanto nos Estados Unidos da América, já havia Universidades em pleno século XVII, a Universidade de Harvard de 1636, a de Yale de 1701 e a de Princeton de 1746, nós estávamos fazendo a catequese de Índios, cujo único objetivo era a maior Glória de Deus. Ad Maiorem Gloriam de Dei. Enquanto a Europa, com exceção de Espanha e Portugal se tornaram protestantes, renascentistas, modernas, entrando na era da industrialização, nosso país vedou a aceitação de todas essas mudanças e perspectivas.

– Tivemos uma má formação e educação na base. Não é à toa que damos tão pouca importância e não temos mesmo um espírito científico, fruto também do Renascimento e da quebra do monopólio medieval católico, enfatizava Lucas concordando com Alfredo. A liberdade científica, emendava Alfredo, fora um resultado da abertura moderna, protestante e renascentista.

A conversa entre os dois se prolongava. Alfredo achava que o desinteresse dos alunos se devia a essa má formação na base, cujo desenvolvimento não teve o intuito humano, de gerar Humanidades, nem do interesse científico, que a modernidade fez jorrar. Mesmo a liberdade política e democrática, consequência lógica dessa abertura, foi palco morto entre nós, justificava.

– Veja Lucas, quando Lutero rompeu com séculos de atraso e dogmatismo da Igreja Católica, ele, sem perceber, estava gerando uma liberdade maior, permitindo que o ser humano pudesse conversar no seu próprio quarto com o Divino, nesse momento, ele estava democratizando e acabando uma hierarquia rígida que propunha mediadores para com Ele. Isso foi um avanço e um ato de libertação, Lucas, imenso, arrematava o “Velho” em tom de entusiasmo.

Alfredo se negava a aceitar a opinião de que com o mundo moderno, e ainda

mais no mundo contemporâneo a juventude desejava muito mais se entregar a “aventura” do nivelamento por baixo, do que se aventurar pelo conhecimento intelectual, sendo uma vítima da má formação de origem e dos nossos políticos.

– Se os protestantes assim como os judeus adquiriram o hábito da leitura através da Bíblia, nós, pelas idéias dos jesuítas, nos fechamos no dogma católico da Contra-Reforma. Nem adquirimos o hábito da leitura, nem a vocação científica, consumava. Alfredo, no fundo, era um idealista.

Lucas, ao lado de Natércia e da preta Penélope foram os seus únicos amigos. Lucas, por ser, como ele, um grande leitor, e por trabalhar na mesma Secretaria, Natércia era sua vizinha. E Penélope, sua trabalhadora. Alfredo como a maioria dos brasileiros, sonhava para esse país, um lugar melhor de se viver e de se morar. Acreditava que a política um dia, como dizia ele, pudesse coligar no governo ou governos pessoas mais comprometidas com a educação. Que pudesse varrer esse país da corrupção. Que pudesse fazer dos seus filhos, uns abençoados de Deus.

Um belo dia e sem mandar recado, a morte veio mansinha e levou essa alma benigna, digna, que morreu sem ver esse país mudar. ■

O que houve com Spengler e Toynbee?



Carlos de Souza (Escritor)
Ilustração: Desenho a mão livre de Ricardo Tinoco sobre idéia de Carlos Gurgel

Para o historiador Renato Pinto Venâncio

Ele pediu mais uma cerveja e bebeu lentamente. Aquelas tardes na lanchonete do conjunto habitacional do campus tinham um certo sabor de irresponsabilidade. Aliás, a vida toda tinha esse sabor. Acabara de ler o livro de Jack Kerouac, "On The Road", e a única coisa que realmente importava era poder pegar um carro e tomar o caminho de volta para casa, a dança do vento nos cabelos, a música de Bob Dylan no toca-fitas, a lembrança de Easy Rider e o gosto ardente do bourbon presente ainda na boca... Como se vê, suas referências são todas americanas, muito pouco de sua cultura ainda lhe era impermeável. Chega então um amigo, um conterrâneo que veio fazer Física na mesma universidade e pede mais uma cerveja. Traçam planos impossíveis: uma viagem à Europa, um roteiro de cinema, um livro de filosofia. A vida era assim mesmo, uma imensa história de impossibilidades.

Chega outro amigo, um cara de uma cidade vizinha que veio fazer História. Bebe o que resta da cerveja e pede outra. Diferentemente dos outros, ele não faz planos imediatos. Apenas quer um pouco mais de elegância e sossego na vida. Elegância no sentido que Baudelaire imprime ao termo. Quer caminhar pelos bulevares de Paris, tomar um conhaque

e sonhar nas sombras de Notre Dame, amar aquele tipo de mulher linda que ninguém pode amar. Só ele, nunca os outros. Bebem, bebem, bebem. Já é noite quando o garçom avisa que vai servir a última. Decidem esticar a farra para o apartamento de um deles.

A noite naquele lugar tem um tom fantasmagórico, como se de um futuro que já aconteceu, como o futuro antigo de "Blade Runner", filme que idolatram e escutam a trilha sonora sem parar. Um trem passa à distância, riscando a noite com suas luzes que vazam das janelas, como num filme de ficção científica e eles se sentem modernos por isso. Os prédios novos que aparecem através da janela parecem ruínas. E são ruínas, pois este é um país que repete a idéia de Walter Benjamin sem saber do que se trata. As paredes de compensado daquele conjunto de edifícios guardam sonhos, frustrações e quase sucessos. O cara do apartamento ao lado quer concluir o curso de Veterinária para poder voltar ao seu "Mato Grosso dourado"; a linda morena, de cabelos negros como a crina de um cavalo, quer ir para sua fazenda e ser médica de animais; o homem gordo quer contabilizar logo os espermas dos bodes para poder voltar ao seu sertão distante; a moça pernambucana tresloucada quer arrumar um marido que financie seus pós-pós-tudo; a gaúcha de sotaque forçado, que também gostava de meninas, quer voltar para o pampa com seu diploma de mestre; o filósofo que parecia um tarado poliglota sonhava em voltar para a casa da avó. Enfim, a fauna toda que faz da vida uma festa um tanto quanto grotesca.

A vida só não era assim para ele, que se sentia cada vez mais um peixe fora d'água, sempre encharcado de álcool, sonhando com praias e coqueirais, querendo largar aquilo tudo para viver uma vida mais verdadeira, mais próxima da natureza, mais próxima do paraíso de onde fomos todos expulsos pela espada flamejante. No rádio-relógio escuta todos os dias música erudita e corrida de cavalos. Não quer terminar seu curso, nunca quis, mas teme voltar para casa com a derrota. Enquanto isso abre uma garrafa de uísque e mostra aos amigos um livro que leu, mas não gostou. É um volume de história de Arnold J. Toynbee, que havia deixado esquecido no piso ao lado da cama, na noite anterior. O cara que estava fazendo História ri e avisa, "cuidado para não vomitar em cima do livro". Ele responde, "sim, sim, talvez faça isso", e todos riem sabendo que no dia seguinte o livro fatalmente amanheceria vomitado. O cara também diz, "é melhor ler Lucien Febvre, este sim, um verdadeiro historiador". Ao que ele assente e diz, "vou ver se é verdade, mas hoje não, hoje nós vamos encher a cara e ouvir Mozart até enjoar". Todos caem na risada.

Chega outro cara. É também um estudante de História, esquisito, inteligente, mas de discurso completamente desarticulado, risada nervosa, estridente, com trejeitos de homossexual. Sonha em fazer mil coisas, cada uma mais impossível que a outra. Mas pelo menos sonha. A conversa prossegue noite adentro. Já é madrugada quando decidem ir dormir. Quando o dia já vai alto, uma luz forte entra pela janela, o vento faz uma dança suave na cortina, todos saíram. Ele abre

os olhos, olha ao redor e vomita sobre o livro de Toynbee.

O tempo, essa matemática da eternidade, efetuou um hiato entre esse dia, tão distante no passado, com um outro dia, igualmente distante no futuro. E fez uma estranha ligação. Ele bebe um copo de água mineral após a xícara de capuccino na nova livraria de sua cidade. Vasculha a estante mais uma vez, à procura de um livro de Lucien Febvre. Lá estava, escondido entre os demais de história geral, baboseiras acadêmicas e livros mais ou menos sérios. Sorri com satisfação, afinal, a vida é boa, já tem lhe dado grandes lições e compreende agora que todas as culturas têm algo de interessante para oferecer. Já lera Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Darcy Ribeiro, Câmara Cascudo, Frantz Fanon... Os cabelos ficaram grisalhos, a barriga maior, os amigos daquele tempo não estão mais próximos (a última carta do amigo historiador enviada de Paris dorme na mesa de cabeceira), outros amigos foram chegando, outros sumiram na viagem dos dias. Não bebe mais álcool como antigamente. Agora é só um passatempo pueril dos finais de semana. Não sente mais o mesmo prazer.

Voltando da livraria olhou a cidade passando pela janela do carro, sentiu uma doce sensação de felicidade, afinal abandonara mesmo seu curso na cidade grande e voltar para sua terra amada. Lembrou de uma frase de Henry Miller, do livro "O Colosso de Marússia": "Naquele momento, eu me alegrei em ser livre, livre de bens materiais, de qualquer vínculo, livre de inveja, de medo, de ma

O que houve com Spengler e Toynbee?

lícia. Poderia ter passado de um sonho a outro, devendo nada, lamentando nada, desejando nada". Sorriu pensando no que faria ao chegar em casa. Estacionou o carro e foi direto para seu quarto. Lá fez os preparativos para uma boa leitura: Armou a rede, colocou o ventilador e abriu o livro na página exata. Leu de um fôlego só e ficou ali deitado, o livro aberto sobre o peito, pensando, pensando, pensando. Não concluía o curso, e isso o deixara mal por bastante tempo. Mas agora estava curado, fizera um outro curso, agora em uma disciplina que amava. Fora mais duro enfrentar o olhar de decepção dos pais, o descrédito das pessoas próximas, as palavras compreensivas dos amigos. Concluía outro curso, repetia para si mesmo, um que lhe dera mais prazer, não é? Então que se dane o mundo! Ali, deitado na rede, espantou tais pensamentos de fracassos e vitórias e deteve-se em algo mais precioso, a leitura de um livro indicado por um velho amigo, em tempos tão remotos que pareciam nem ter acontecido. Por que esperara tanto para ler aquele texto? O que o incomodava mais, a lembrança do livro molhado de vômito que fora lançado ao lixo? Ou a arrogância do cara que o afrontara com uma presumida cultura superior à sua? Uma mágoa que é o fruto dessa dicotomia existente em seu país. Um país que separa pessoas de uma determinada região da outra, seja do Sul contra o Norte, ou vagamente do Sudeste contra o Nordeste, não importa. O preconceito existe. E só por isso, algumas pessoas poderiam se julgar superiores às outras? Teve raiva do amigo, mas depois perdoou.

Não, talvez o que o incomodasse mais, fosse a certeza de que não fora suficientemente compreendido pela maioria das pessoas durante boa parte de sua vida. Ora, esse negócio de artista incompreendido não cabia em sua visão de vida. As coisas acontecem conforme as circunstâncias. E mágoa não é coisa para se guardar. Para tanto existe o perdão e o tempo. Ali estava a chave de sua serenidade. Agora conseguia compreender tudo melhor.

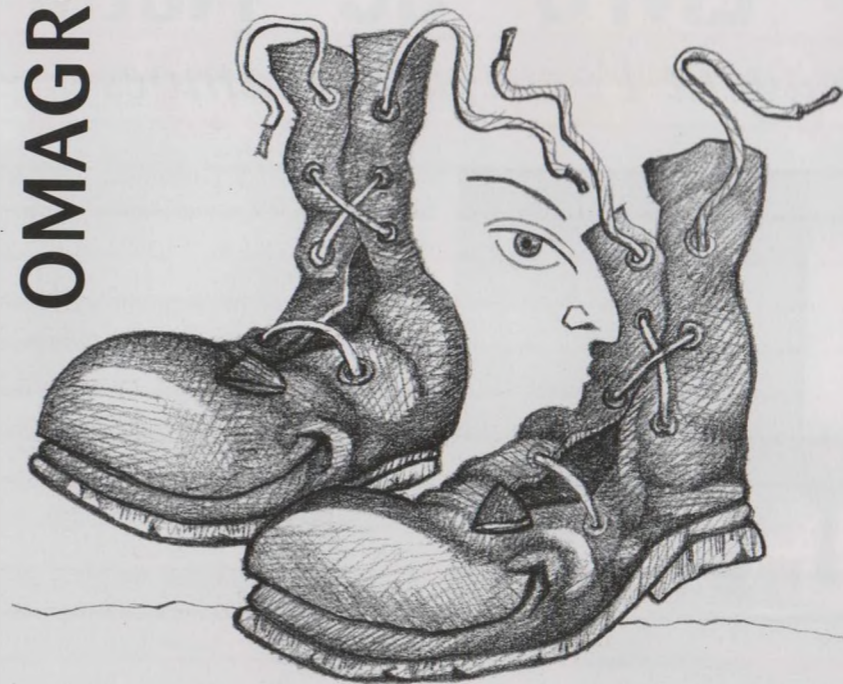
E leitura do livro? Bem, segundo Lucien Febvre, todas as generalizações são condenáveis. Quando Oswald Spengler pregava que todas as civilizações teriam que nascer, viver e morrer e que o futuro pertencia aos grandes homens que desprezavam a poesia, a filosofia e a pintura, estava preconizando o nascimento do nazismo. Depois, quando insistiu na infalibilidade da decadência da civilização, bateu de frente com os ideais nazistas que viam em si mesmos, os pilares de uma nova civilização através da supremacia racial e outras besteiras que acabaram levando milhões de pessoas aos fornos crematórios. Spengler morreu em completo esquecimento no ano de 1936 e seu livro "Decadência do Ocidente" é hoje uma peça do inesgotável Museu da Estupidez Humana.

Quando Arnold Toynbee formulou suas teorias de desafio e resposta, recuo e retorno, colocando todas as civilizações no mesmo prato raso de análise, cometeu mais uma generalização absurda e quis passar por cima dos historiadores, mais calmos e mais sérios, que fazem seus estudos como formiguinhas dedicadas,

cada um mordendo seu pedaço de folha até chegar a um resultado plausível. Toynbee preferiu ignorar tudo isso, lançando-se às alturas de uma montanha do tamanho de sua pretensão, que ruiu com o passar do tempo. Os livros de Toynbee são hoje bibelôs acadêmicos no eterno Museu da Vaidade Humana.

Depois da leitura, ele fechou o livro, calçou seus tênis de caminhada e saiu para a rua. O sol ainda lançava uma pátina avermelhada por trás dos edifícios, os carros roncavam em sua pressa de chegar logo em casa, as mocinhas passavam na calçada deixando um suave perfume de sexo no ar. Então ele pensou mais uma vez nos velhos amigos e naquela tarde distante, em que beberam à decadência de um livro que seria vomitado. E como a história dos homens pode ser complexa, misteriosa e mesmo assim tão bela e simples que pode ser compreendida em detalhes. Lembrou também da história contada por Lucien Febvre no final do texto que dizia: "O bibliotecário de um Xá agonizante, ouviu o pedido do monarca, no último minuto da sua vida. Seu grande desejo era aprender toda a História... Respondeu o homem: "Meu príncipe, meu príncipe, os homens nascem, amam e morrem". Só isso e nada mais. Uma montanha não é tão simples de ser escalada quanto pode ser simples de ser explicada. Desde que seus especialistas se detenham em cada detalhe e não tentem explicá-la com mais uma generalização. Depois de caminhar até a beira-mar ele ficou olhando as ondas batendo na areia da praia. Agora a noite não era só escuridão. ■

OMAGRO



Por Milena Azevedo

Ilustração: João Natal

Todos o chamavam "Omagro"; assim mesmo, tudo junto. Ele era completa languidez, totalmente desproporcional em um metro e noventa e três centímetros. Geralmente não sentia fome, mas comia; outras vezes, tinha vontade de comer, mas a despensa estava vazia. Num desses famintos dias, Omagro resolveu ir ao mercado. Como era fim de mês, só dispunha de míseros trocados. Por isso, ao invés do ônibus, pegou o metrô, que, pra variar, estava lotado. Omagro, mesmo usufruindo de sua tão esbelta silhueta, teve que se espremer entre os demais, pois, como se sabe, alguns ainda insistem naquela velha vinheta do "sempre cabe mais um".

- Quem senta-se num banco de metrô lotado, nunca compra atum enlatado, filosofava Omagro.

Eis que num dos muitos abre-e-fecha de portas, entra no vagão, que estava Omagro, um sorridente palhaço. Assim que viu aquela figura, Omagro desviou seus olhos para os classificados, os quais estavam sendo meticulosamente examinados pelo senhor sentado ao seu lado. Como não o interessava comprar nem vender carros, Omagro preferiu voltar sua atenção ao palhaço. Quão grande foi o seu susto ao constatar que estavam, à sua frente, apenas as botas do palhaço!

- Por acaso, o senhor viu para onde foi o palhaço que estava aqui em frente? O louco devia estar com tanta pressa que esqueceu as botas!!!, perguntou Omagro assustado, para o senhor dos classificados.

- Rapaz, acho que o louco aqui é você!, disse, rispidamente, o senhor dos classificados.

- Me desculpe, mas o senhor deve estar cego pra não ver esse par de botas de pa-

lhaço, largado aqui na nossa frente!, rebateu Omagro ironicamente.

- Rapaz, vou lhe dar um conselho: diminua a dosagem do que sei lá que você está tomando..., respondeu o senhor dos classificados, já cortando qualquer tentativa de prolongar a conversa.

- Será que estou com tanta fome assim, a ponto de sofrer alucinação?, pensou Omagro, com os olhos esbugalhados.

Como todos olharam para ele, deixando escapar um riso de deboche, Omagro, atordoado, saiu do vagão e entrou no seguinte, afinal faltava mais de uma estação para o terminal. Preferiu ficar de pé, ainda que agora tivesse a opção de poder sentar-se mais confortavelmente. Sentiu que alguém tinha lhe pisado os pés, e quando olhou para baixo, perplexo, deparou-se com as mesmas botas de palhaço.

- Não acredito, não é possível!!!!. Por que só eu vejo essas botas?, pensou Omagro, esfregando as mãos em seus olhos.

O ponto terminal chegou e Omagro saiu do metrô. E as botas insistiam em lhe fazer companhia. Caminhou uma quadra até o mercado, sempre parando e olhando incrédulo aquelas botas que o seguiam. Pegou o carrinho e foi às compras. Nada de enlatados ou embutidos, ia levar somente pão, queijo, um litro de refri e um pote de sorvete, caso aparecesse algum amigo. Dirigiu-se ao caixa e pagou a quantia de treze reais e setenta e dois centavos (sim, Omagro sempre andava com moedas de um centavo nos bolsos, para que ninguém lhe enrolasse com o troco). Mas, para sua surpresa, quando já estava deixando o mercado, o segurança lhe grita:

Ei, aonde você pensa que vai, sem pagar por essas botas? ■

Bienal do Livro de Natal

Evento homenageia Portugal e Camões



Solenidade de lançamento da III Bienal do Livro de Natal

Consolidada como um importante evento cultural do Rio Grande do Norte, a Bienal Nacional do Livro de Natal chega à sua terceira edição com uma expectativa de se tornar também um dos maiores eventos em participação de público no Estado, com visitação prevista de 250 mil pessoas.

Uma das novidades da Bienal, que este ano acontecerá entre os dias 03 e 12 de junho de 2005, no espaço de eventos do Midway Mall, o novo shopping da cidade, será a criação do espaço "RN Leituras", para a discussão da produção literária potiguar. Diversos autores do Estado estarão discutindo o tema durante os nove dias de feira.

Outra inovação será a presença de um "País Convidado", que terá um espaço para divulgar a sua arte e cultura. Portugal foi o país convidado este ano. A III Bienal será realizada abrangendo o dia em que se homenageia o poeta portu-

guês Luís de Camões, dia 10 de junho. O poeta será homenageado com palestras e exposições que terão a participação do Instituto Camões e da Embaixada de Portugal no Brasil. Autores lusos, como José Saramago, foram convidados, através da embaixada portuguesa, a apresentar suas obras na Bienal.

Entre os autores brasileiros convidados estão Fernando Morais, Néida Piñon, Rui Castro, Oswaldo Lamartine, Fernanda Young, Ariano Suassuna, Lia Luft, Drauzio Varela, Ligia Bojunga, Murilo Mello, Edney Silvestre, Décio Pignatari, Ivan Junqueira e Ferreira Gullar.

O principal objetivo da Bienal é estimular a leitura e formar novos leitores, contribuindo desta forma, para o crescimento do mercado editorial da região. O evento terá diversas iniciativas para incentivar o contato entre o público visitante e o livro. A Bienal terá espaços dedicados à discussão literária de segmentos especifi-

cos, como o infantil, professores, universitários e também a literatura religiosa, esotérica e de auto-ajuda, além da produção literária potiguar. A programação também será composta de café e chope literários, exposição de sebos e uma mostra artística.

A Bienal Nacional do Livro de Natal, em sua terceira edição, amplia as atividades de estímulo à leitura além de agregar atrações artísticas que incrementarão o número de visitantes ao evento. Os espaços criados por arquitetos e designers são estes: Grande Ponto Literário (Espaço do Professor, Leituras Acadêmicas, Leituras de Fé, RN Leituras, Grandes Autores) e Espaço Criança (Contação de Histórias, Exibição de Vídeos, Feira de Troca de Gibis, Oficinas de Quadrinhos, Oficinas de Desenhos, Espaço de Leitura, Exposição de Gibis Antigos).

"A Bienal de Natal, que cresce motivada pelo desenvolvimento cultural do RN, será muito mais que uma 'grande loja de livros', pois estará envolvendo uma série de atividades que agregará ao evento atrações artísticas de qualidade, de modo a incrementar o número de visitantes e as vendas de livros", diz a coordenadora geral do evento, Alair Rosélli, da Accessus Eventos & Comunicações, que promove a Bienal.

Mais informações podem ser obtidas através da página na internet www.bienaldenatal.com.br.

Pedro Velho



Cultura ressurgue sobre as ruínas do passado



Pedro Velho - Cultura ressurgiu sobre as ruínas do passado

Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

Antiga Vila Nova de Cuitezeiras, a 92 Km ao sul de Natal, pode ter sua cultura popular dividida em antes e depois de Chico Antônio, o embolador de cocos que encantou o escritor paulista Mário de Andrade. Nascido no povoado de Cortê, em 1904, o embolador continua sendo o ícone da cultura de Pedro Velho e, onze anos após sua morte, a população pedrovelhense parece finalmente reconhecer seu valor.

O município de Pedro Velho ganhou este nome em homenagem a Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, primeiro governador do Estado. A mudança, ocorrida em 1908, foi a forma encontrada para agradecer a Fabrício de Albuquerque Maranhão, irmão de Pedro Velho, pelas terras doadas para a reconstrução da Vila Nova de Cuitezeiras, destruída na enchente do rio Curimataú em 1901.

O município já foi mais próspero. A linha ferroviária, desativada há algumas

décadas, contribuía para o incremento do comércio local. A queda na economia significou também o desaparecimento de antigas tradições culturais. O boi de reis de Cuité, considerado um dos mais tradicionais do Estado, só ressurgiu em 1997, com o lançamento do Encontro de Artes, Cultura e Humanidades. O evento, mais conhecido como Semana de Cultura Chico Antônio, conta com saraus poéticos, danças folclóricas e mostra de artesanato. A comunidade de Cuité também realiza sua própria semana cultural nos meses de outubro.

O antigo museu municipal, na praça Claudino Martins, não existe mais. Pedro Velho também não possui biblioteca pública. Mas um novo alento para a cultura pode estar surgindo. Andréia Juvêncio, coordenadora de Cultura de Pedro Velho, e os professores João Hortêncio Sobrinho e Stella Azevedo planejam inserir uma programação cultural dentro dos festejos pelo aniversário do município no dia 10 de maio. Carlos Alberto Carvalho, secretário de Educação, prepara um livro contando a história do

município. Há também o interesse de criar o Espaço Cultural Chico Antônio, ocupando a praça entre a igreja matriz de São Francisco e a praça Claudino Martins.

As ruínas da igreja de Santa Rita, destruída pela enchente de 1901, são uma das atrações de Pedro Velho. A construção de 1862 foi tombada em julho de 2002 pela Fundação José Augusto. A fachada do prédio e a parede lateral correm risco de desabamento. A antiga igreja de Santana, construída em 1891 na comunidade de Tamatanduba, está abandonada desde 1910 e também virou ruínas.

A cultura de Pedro Velho, felizmente, não vive só das lembranças do passado. O município tem rabequeiros, violeiros, artesãos e muitos jovens interessados em valorizar as tradições locais. Alguns estudantes aprendem desde cedo a preservar a identidade cultural. Alunos dos 12 aos 15 anos da escola São Sebastião, no Cuité, por exemplo, formaram um grupo de coco de roda. Ninguém quer ver a cultura local virar ruínas.



A habilidade dos catadores de coco impressiona. Todo início de manhã, eles repetem o sobe e desce nos coqueiros altos e de troncos irregulares. Não precisam mais do que uma alça feita de corda e uma foice para executar o trabalho.



Sargento protege a samaumeira

A árvore conhecida como “pau grande”, uma samaumeira com aproximadamente 45 metros de circunferência, cresceu imponente nas margens da estrada de barro que liga o centro de Pedro Velho a Cuitezeiras. A samaumeira, considerada a maior árvore da floresta amazônica, é centenária. A história mais aceita é de que teria sido plantada no início do século XX por Joaquim Barbosa de Oliveira, um antigo seringueiro.



O sargento Jaldemar Nunes, 70 anos, o Jajau, é o guardião da árvore de galhos robustos e copa suficiente para fazer sombra até mais de dez metros do tronco. Jajau mora há nove anos ao lado das ruínas da igreja de Santa Rita, quase em frente à samaumeira. Foi erguida uma cerca ao redor do tronco a pedido do sargento. “Foi necessário, teve um que chegou a machucar o tronco com um machado. Já distribuí muitas mudas de samaumeira que fiz”.

Jajau, natural de Florânia, chegou em Pedro Velho recém-nascido. O amor pelas terras onde cresceu ele não esconde de ninguém. Já mandou até construir a própria sepultura nos fundos da antiga igreja de Santa Rita para nunca mais ter que deixar o lugar. O sargento mostra preocupação em preservar a história. “Tudo que se passa em Pedro Velho tenho o hábito de escrever”.



Boi de reis renasce das cinzas

*Ai joventina
Que é Seu Juvená?
É hora de tirar leite
E o bezerro quer mamar
Balança que pesa ouro
Não pesa todo metá.
Ô papai, ô mamãe, ô titia
Ô que dor nas cadeira de Maria, ai, ai, ai, ai*

(refrão da Masseur)

A tradição do boi-de-reis está muito bem preservada em Pedro Velho. Os participantes do folguedo, conhecidos como "maruja", brincam acompanhados do rabequeiro, pandeirista e triângulo. O boi-de-reis de Bocas, povoado próximo ao distrito de Cuité, percorreu diversos municípios do agreste potiguar e litoral Sul até

meados da década de 70. A tradição chegou a desaparecer, mas foi resgatada na Semana Cultural Chico Antônio, em 1997.

"Com a chegada da energia elétrica ao nosso distrito e mais particularmente a televisão, a nossa arte, tão genuína, espontânea e alegre, sucumbiu", comenta o professor João Hortêncio, nascido em Cuité e acostumado a ver na infância as pessoas formando círculos para ver o boi. "Lembro dos aboios fortes e das lamparinas a óleo clareando as noites de Cuité".

O boi-de-reis do Cuité é tão alegre que a tradicional morte do boi, ao final da apresentação, não acontece. O Birico, um dos três personagens cômicos, segura uma tocha enquanto faz graça com o Mateus e o Cravo Branco. O trio de mascarados tem o rosto pintado de preto e, normalmente, usam chapéu de couro. Seis galantes com espadas e duas damas completam o grupo.

O rabequeiro fica no centro tocando acompanhado do pandeirista e triângulo. As cantorias são tradicionais. A masseira, um canto inicial de saudação, anima os galantes antes da chegada do boi. A brincadeira mistura sagrado e profano. A maruja do boi-de-reis inicia a apresentação dentro da casa. A primeira parte enfoca o lado mais sério do folguedo com músicas religiosas e também elogiando o dono da casa e seus familiares.

A segunda parte é feita no terreiro. Os galantes, damas e mascarados entoam músicas e dançam. João Hortêncio recorda que no passado o chamado terreiro era iluminado com três tochas. O momento mais esperado do "reze" é a chegada do boi. Depois das músicas de saudação, iniciam-se as chamadas "vendas" ao público para agradecer algum espectador conhecido que recompensa o boi com dinheiro.

Os cantos do boi-de-reis do Cuité estão em duas faixas de um dos CDs da coleção "Música do Brasil", lançada em março de 2000, projeto de pesquisa desenvolvido pelo antropólogo carioca Hermano Vianna em 19 estados do Brasil. O reconhecimento fortificou ainda mais a maruja. "Depois de 20 anos no anonimato, a arte das famílias Joaquim e Marreiro, como na minha infância, volta com o aboio forte, as cantigas bem entoadas e os mascarados com suas loas hilariantes".



Teimosia dá certo para "Missionário"

Se o boi-de-reis de Cuité tem tanta animação, muito se deve a Damião Soares de Lima, 63 anos, o Missionário. O rabequeiro mais antigo de Pedro Velho aprendeu a tocar rabeça por pura teimosia. "Carregava a rabequinha do rabequeiro Antônio Pedro, quando ele encostava a rabeça, eu pegava escondido para arranhar um pouquinho. Inventei por minha conta, porque não sei ler".

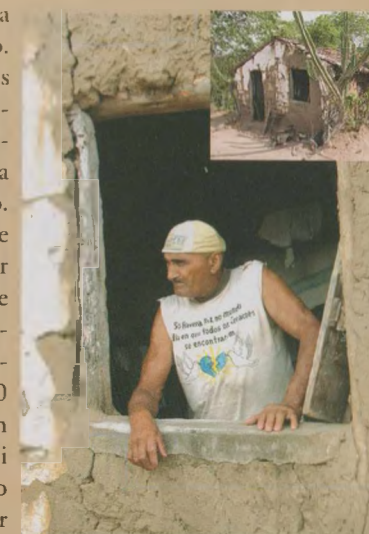
A infância de Missionário, nascido e criado no mato como costuma dizer, foi movimentada pelas apresentações do boi-de-reis. A vida do rabequeiro segue alegre até hoje. Depois de aprender sozinho a tocar rabeça, começou a animar uns forrós de pé-de-serra. "Tinha vontade de tocar sanfona, tenho uma inveja danada de sanfoneiro".

O rabequeiro, um homem simples e trabalhador, faz questão de ser modesto. "Não sei tocar nada não. Faço um forrozinho do meu jeito e o reis".



Os muitos aperreios de Biu

Chico Antônio não chegou a marcar época no seu tempo. Pelo relato dos mais antigos, os contrerrôneos não viam no coquista nada além de um agricultor que dividia o tempo entre a enxada e o ganzá. Puro engano. Foi preciso o escritor Mário de Andrade viajar pelo interior potiguar, em 1929, para que Chico Antônio sáísse do anonimato. Mas o reconhecimento foi temporário. Somente 50 anos depois do encontro com Mário é que Chico Antônio foi redescoberto. Daquela vez pelo folclorista e escritor potiguar Deífilo Gurgel. Chico Antônio morreu, novamente no ostracismo, em outubro de 2003.



"O encontro de Mário com Chico Antônio foi decisivo para a vida do nosso coquista. O estudioso paulista ficou perplexo, diante do encantamento que lhe despertou a arte de Chico Antônio", salienta Deífilo Gurgel.

Chicô Antônio morou a maior parte de sua vida nas Porteiras, localidade na zona rural de Pedro Velho. A casa de taipa do embolador de cocos, a 5 km do centro passando pela igreja de São José (1891), fica a poucos metros da margem direita da estrada das Porteiras. Severino Ramos Moreira, o Biu, irmão de Chico Antônio, continua morando no casebre e já perdeu a conta de quantas vezes teve que escorar o que resta do telhado com forquilhas de madeira para a casa não desabar. "Moro aqui há muitos anos. Já veio uns homem aqui com uns negócio de medir. Deve ser coisa do cão".

O irmão de Chico Antônio das Porteiras, como o embolador era conhecido no seu tempo, parece não acreditar que a casa venha a ser transformada em memorial. A construção, de aproximadamente 12 metros de fundo por cinco de largura é patrimônio histórico do Rio Grande do Norte desde o decreto de tombamento publicado em 28 de maio de 2004. Se resistir mais algum tempo em pé, pode contribuir para perpetuar a imagem do coquista citado em seis obras de Mário de Andrade, entre elas "Turista aprendiz" e o romance "Café".



Marta guarda a pouca herança do avô



Marta Viana Moreira de Meireles, 35 anos, neta de Chico Antônio, guarda uma bengala e um ganzá do avô. Homem de poucas posses, o coquista não deixou quase nenhum objeto de uso pessoal. A neta guarda na lembrança os relatos das aventuras do avô pelas terras das Porteiras. "Além de cantar, ele contava muitas histórias de quando ia caçar e passava as noites na mata". Felizmente, a memória de Chico Antônio tem sido preservada desde 1997, ano de lançamento do Encontro de Artes, Cultura e Humanidades. O professor João Hortêncio, um dos entusiastas do coquista, reivindica um monumento em homenagem ao artista em sua terra natal. A França saiu na frente. Uma estátua de Chico Antônio pode ser vista em praça pública em Toulouse, mas o empate pode acontecer em breve. O artista plástico João Natal projetou uma escultura para ser exposta em Pedro Velho. "O projeto já foi apresentado. É muito interessante. É uma réplica da casa de Chico Antônio e de um ganzá", comenta Hortêncio.

A homenagem do "Pau e lata"



O Boi Tungão, principal composição de Chico Antônio, publicada no livro "Vida do Cantador", de Mário de Andrade, está ganhando vida através do som das latas e tambores de plástico do "Pau e lata". Os jovens tocadores, entre eles um bisneto do coquista, vão além na homenagem ao mais ilustre conterrâneo. Utilizando imagens de arquivo do programa Memória Viva, exibido em Natal pela TV Universitária, o grupo produziu um vídeo de 16 minutos respondendo ao balanço do ganzá de Chico com as batidas fortes dos instrumentos artesanais.

Segundo o professor João Hortêncio, o vídeo já está sendo exibido nas escolas de Pedro Velho. A iniciativa visa apresentar Chico Antônio aos mais jovens. "Não há algo sistematizado, dentro do programa de ensino, para que se estude a obra de Chico Antônio", comenta.

O "Pau e lata" de Pedro Velho, uma ramificação do projeto artístico-pedagógico criado em 1996 pelo alagoano Danúbio Gomes, envolve 18 estudantes. Álvaro José Viana do Nascimento, 15 anos, bisneto de Chico Antônio, aprendeu a dançar coco de roda e a tocar através dos ensaios do grupo. "Latas que poderiam estar jogadas no lixo estão sendo usadas para tirarmos som delas".

O estudante Paulo Antônio de Souza Neto, 17 anos, é regente dos tocadores há quase dois anos. Os ritmos do maracatu e afoxé também são ensaiados pelos jovens. "A gente ensaia na porta do cemitério, embaixo da ponte, onde for possível".



Rabecas feitas com amor e arte



A paixão do feirante José Antônio de Sena pelas rabecas começou aos 30 anos. Naquele tempo, admirava a habilidade de Pedro Rozendo, um antigo rabequeiro, no sítio Lapa, e ficava imaginando como seria o trabalho de confeccionar o instrumento. Arriscou fazer a primeira, mas, segundo conta, "ficou mal feita toda".

A habilidade do artesão de 74 anos, natural de Nova Cruz, no agreste potiguar, veio com o tempo. As rabecas nascem na pequena oficina montada nos fundos de sua própria casa. Quando não está moldando a madeira, preferencialmente mogno ou freijó, José de Sena gosta de tocar o instrumento que tão bem aprendeu a fazer. "Só apronto alguma coisa".

Dentre as músicas favoritas estão os tangos que ouvia a mãe Alzira Maria da Conceição cantar quando era menino. "Eu toco, mas sem saber bem qual é". O clássico "Tico-tico no fubá" e a "maseira" do boi-de-reis também estão entre suas preferências. José de Sena recebe encomendas de várias cidades do Nordeste, mas o ganha-pão do artesão continua sendo vender mangaio na feira. A média de dez pedidos por ano não é suficiente para o sustento. Missionário, rabequeiro do boi do Cuité, toca com uma rabeca feita pelo colega e elogio. "Zé de Sena gosta e sabe fazer. É um artista."

Do sertão ao trono da Tupi



Já são mais de 50 anos dedicados à viola e muitas histórias para contar. Antônio Francisco Dias, 79 anos, percorreu boa parte do Nordeste, passou algumas temporadas no eixo Rio - São Paulo e venceu duelos contra violeiros tidos como imbatíveis. Muitos caíram diante da verve e criatividade do violeiro potiguar, dentre eles, o alagoano Lourival Bandeira Lima, repentista que chegou a frequentar a casa do folclorista Câmara Cascudo.

Antônio Dias é violeiro desde o início dos anos 40, quando começou a acompanhar o parailha no José Lourenço Leal "nos pratos de cantoria", em Nova Cruz, município do Agreste com grande feira popular na época. Pouco tempo depois, viveu a era de ouro do rádio e chegou a passar oito meses participando dos programas de auditório na Tupi do Rio de Janeiro. "Meu irmão já era repentista e um primo de meu pai, Hermenegildo Pontes, foi um grande repentista. Já vem de família."

O desafio a Lourival Bandeira, falecido no ano passado em Brasília, é o episódio mais marcante da vida de Dias. O alagoano não era um violeiro qualquer. Bandeira chegou a cantar um mourão de dez pés com o cearense José Siqueira de Amorim, na casa de Luís da Câmara



O repente gravado no código genético



Cascudo, em Natal, na noite de 23 de maio de 1949. O mourão, gênero que se canta em diálogo, é uma variante do desafio. O próprio Cascudo explica em seu livro "Va-queiros e cantadores" que "o mourão nunca significou senão divertimento, afoiteza, alegria dos cantadores."

O palco do desafio a Bandeira - o auditório da rádio Tupi no Rio de Janeiro - não podia causar mais espanto. O ambiente de sonhos para quem era recém-chegado à cidade grande causava encantamento no violeiro potiguar. "Quando cheguei lá com minha violinha de pau e um terno de brim quase meu coração veio abaixo", confessa.

Como se não bastasse, Antônio Dias não havia sido avisado que na primeira noite teria que desafiar o detentor do trono do programa de Almirante, pseudônimo do músico Henrique Domingues, responsável em comandar o desafio entre violeiros vindos do Nordeste e mandar o vencedor para o chamado trono. "Lourival, cantor pra valer, estava no trono há três meses. Era o assombro do mundo inteiro."

A imponência de Lourival, "vestido em terno de casimira Aurora e com uma viola muito bonita", meteu medo em Antônio Dias, mas o potiguar mostrou logo nos primeiros versos que não estava para brincadeira. "Botei para quebrar. O julgamento era por palmas, quase que o auditório vem abaixo."

A vitória significou o reconhecimento que Dias precisava para seguir carreira num grande centro. "Ganhei 300 cruzeiros da época e a primeira coisa que fiz foi comprar uma viola boa e um terno bom", diz sem conter o sorriso. O violeiro passou oito meses no programa de Almirante. A esposa Maria Ana Dias, que havia permanecido em Nova Cruz, chorava ao escutar a voz dele pelo rádio.

O repentista Valdemar Marques Teixeira, 75 anos, faz parte de uma família de violeiros que marcou época em Pedro Velho. Os irmãos Antônio e Manoel, ambos já falecidos, tocavam viola com Teixeira em diversos municípios do Nordeste.

O violeiro, natural de Santa Luzia do Sabugi (PB), participou do programa de Almirante na Tupi, tocou na feira de São Cristóvão, no largo do Machado e praças públicas. Foram 11 anos morando no Rio, entre os anos 50 e 60, até decidir retornar a Pedro Velho. "Particpei de todo tipo de apresentação folclórica. Depois de 1975, quando veio o som, é que a cantiga ficou mais abandonada."

Antônio Dias decidiu retornar ao Nordeste em 1953 para morar em Pedro Velho. Formou dupla com Antônio Teixeira e percorreu a cavalo "todo Agreste e meio de Sertão". Os tratos de cantorias acertados nas feiras garantiam o sustento. Já em 1965, foi convidado para substituir o repentista Patativa de Campina Grande, na rádio Rural. Permaneceu na emissora por três anos fazendo um programa em parceria com Chico Traíra, poeta popular que dá nome a uma coleção de cordel publicada pela Fundação José Augusto.

Outra grande experiência na vida do violeiro foi participar durante alguns anos do "Viajando o Sertão", programa de cultura nordestina que era apresentado pelo professor Tarcísio Gurgel, na TV Universitária de Natal. "Ainda tive um programa na rádio Agreste de Santo Antônio até 2003".



Artesanato chega até os gringos



As artesãs Helena Francisca da Costa, 63 anos, e Rosiane da Costa, 34, estão entre as 16 mulheres que retomaram o artesanato com agave em Pedro Velho. "Antigamente o povo fazia, mas tinha acabado", recorda Helena.

O trabalho, todo manual, começa a ganhar forma com as artesãs enrolando os fios de agave nos pés de um tamborete. Rosiane faz o artesanato há dois anos. "Primeiro a gente lava o agave, seca e bate com um pauzinho pra ficar solto".



A Associação de Apoio às Comunidades do Campo está exportando parte da produção para os Estados Unidos. As bolsas feitas de agave são vendidas a R\$ 20. O produto, muito bem acabado, exige muita paciência das artesãs. "Vão construir um galpão pra gente trabalhar. Melhor todo mundo junto do que cada um em casa".

Uma carioca danada de arretada

A carioca Fátima de Lourdes Castro Fernandes, natural de Volta Redonda, chegou em Pedro Velho com 21 anos. Desde então, aplica sua habilidade no trabalho manual para criar artesanato com pedras e as mais diversas criações artísticas feitas com papel jornal, madeira ou garrafas plásticas.

A Flora Artes, lojinha de artesanato montada por Fátima, também vende telas pintadas por sua irmã, a pintora Maria Freitas. A maior procura é pelas lembrancinhas de chá de panela ou recém-nascidos.

As imagens da igreja de São Francisco foram restauradas pela artesã. Fátima pretende fazer um curso de especialização em restauração de arte sacra. A artesã sugere que o município organize uma feirinha de artesanato durante os festejos ao padroeiro São Francisco. "Deveria ter. Outros fazem bordados, artesanato com agave, quenga de coco..."





O silêncio da poetisa

A pedagoga Telma Galvão de Lima, 36 anos, já gostou mais de poesia. Há 12 anos trabalhando como agente de saúde, foi aos poucos abandonando o hábito de escrever poemas. Chegou a publicar "Silêncio", em 2000, e "Quadro de poeta", em 2001. Os versos livres sem preocupação métrica agradavam aos leitores, mas a poetisa confessa que "estava frustrada e não via motivação no que fazia".

A poetisa continua escrevendo crônicas, mas talvez por timidez ou falta de apoio, prefere guardar os escritos só para ela. "Não estou me assumindo como artista da palavra". A felicidade, ela bem sabe, está ao alcance da mão. "Vou voltar a escrever".

Os selos raros do professor Genar

A coleção filatélica do professor Genar Bezerril, falecido em 1998, conta com cerca de 15 mil selos. Os 93 catálogos guardam, em sua maioria, selos em homenagem a datas comemorativas e alusivos ao Rio Grande do Norte. Estão lá, entre muitos outros, o raríssimo selo de 1902 estampando o dirigível Pax, uma homenagem ao potiguar pioneiro da aviação Augusto Severo, uma série de 1974, referente ao cinquentenário de pesquisas folclóricas de Cascudo e um selo de 1954 em homenagem a Nísia Floresta.

O filho de Genar, Maximo Hercules Bezerril, lembra que a mãe Esmeralda Bezerril tem muito apego pela coleção, mas que o acervo está aberto para pesquisadores. "É uma coleção que ele iniciou quando tinha 15 anos".



ANTÔNIO FRANCISCO

Apenas um remador da canoa da cultura nordestina



Por Everton Dantas e Moraes Neto

Fotos: Moraes Neto

Estávamos em Mossoró a trabalho. Moraes (Neto, fotógrafo) me consultou se poderíamos abrir uma brecha no trabalho para visitar um grande amigo seu, um tal de Antônio Francisco, do qual ele tinha sido ajudante de sapateiro - histórias de bem antes de ele dominar a arte da fotografia. Eu disse que sim. Dois dias depois, conversando na casa do petroleiro Antônio Kydelmir Dantas, o nome de Francisco ressurgiu numa conversa. Moraes e Kydelmir descobriram que tinham em comum o mesmo amigo, que depois de "velho" deu a ser poeta. Ficou acertado naquela noite um encontro no bar Chap Chap, aproveitando o lançamento do livro "Dicionário de Poetas Cordelistas do Rio Grande do Norte", de Gutenberg Costa.

A ocasião não poderia ser melhor. Estariam presentes todos os que mantêm viva a poesia popular em Mossoró e região. De minha parte - tenho de confessar - ainda não estava convencido de que aquele baixinho, calvo, moreno, roliço, forte e agitado fosse o que diziam. Em meia hora, mudei de opinião. Bastou para isso ver Antônio Francisco recitando versos - seus versos - com os olhos em brasa; o suor escorrendo; e os braços a desenhar as imagens que - decoradas - iam uma a uma saltando de dentro dele, indo animar a imaginação dos presentes. Filho de Pedra e Petronilo, Antônio Francisco Teixeira de Melo tem dois livros lançados - "Dez cordéis num cordel só" (2000) e "Por motivos de versos" (2003). É casado com Josenira Maia de Melo, 56 anos e tem duas filhas: Adriádina Nígea de Melo, 30 anos, e Joana Pedra de Melo, 18. Nas páginas seguintes conheça um pouco mais da vida e da poesia deste "soldado remador" da cultura popular.

Preá - Quando você percebeu que tinha essa habilidade para escrever poesia?

Antônio Francisco - Eu sempre tive. Mas nunca imaginei que o povo gostasse. Eu escrevia mais para mim. Hoje não. Hoje eu me vejo como uma pessoa que tem a responsabilidade de perpetuar a cultura do Nordeste.

Preá - Antes você não tinha essa percepção?

Antônio Francisco - Não. Eu fui vítima da geração de 60. Época dos Beatles e dos Rolling Stones. Eu tinha vontade de escrever mas não tinha coragem. Todo mundo de cabelo de banda, medalhão no pescoço... Foi a maior revolução do mundo. Sem nenhum tiro houve uma revolução enorme no mundo. Foi a Jovem Guarda.

Preá - E você também usou cabelo de lado?

Antônio Francisco - Não. Sempre fui um cara muito original. Eu nunca fui nesse negócio do 'comando do mundo'. Eu nunca fui de seguir a opinião dos outros, tipo: 'compre isso', 'faça isso'. Não. Eu sempre tive uma identidade forte e natural mesmo. Eu nasci na cidade, mas sempre saltou algo de mim assim: 'eu queria ter nascido num sítio'. E ter ficado lá. Enquanto o cara vem do mato e faz tudo para virar um cidadão, um homem da cidade e aprender a falar bonito; eu nasci na cidade e a cada dia que passa quero ficar mais matuto.

Preá - Por quê?

Antônio Francisco - Porque pra mim é o seguinte: Crispiniano {Crispiniano Neto, poeta popular} fez uma peça de teatro chamada "Sanduíche de gente", aonde o cara vem do campo e ele é aquela pessoa simples, trabalhadora e honesta. Chega aqui e começa com os vícios de Bolsa Escola, Bolsa Renda e não sei o quê e tal. Então, o cara finda perdendo a dignidade, o respeito, a auto-estima e o trabalho dele, acima de tudo. Enquanto o cara vem para cá atrás de luz, eu sou aquela mariposa que nasceu rodando na luz e quer ir para o escuro.

Preá - Quando foi que nasceu o Antônio Francisco "poeta"?

Antônio Francisco - Foi por volta de 96.

Preá - Onde?

Antônio Francisco - No "Sujeito" {bar de Mossoró}. Crispiniano Neto fez lá um movimento dos poetas e pediu que eu fizesse uma glosa de amor. Crispiniano foi o primeiro a me incentivar.

Preá - Por que sabia desse seu talento?

Antônio Francisco - Ele conhecia. Mas ele... Como mestre, quando eu mostrei, ele disse: 'rapaz, está perfeito'. Quer dizer, com o aval de Crispiniano Neto e com a amizade de Luís Campos, que é outro poeta vizinho meu, aí eu continuei escrevendo.

Preá - E métrica e rima, onde você aprendeu?

Antônio Francisco - Na escola. E com Luís Campos.

Preá - Qual é o poeta que mais te influenciou?

Antônio Francisco - Foi mais Luís Campos mesmo. Os cantadores de viola. Veja que eu tenho um pouco de métrica e rima de viola, mas também tenho uns poemas que também saem em outra linha porque já conhecia Khalil Gibran, Hermann Hesse...

Preá - Sempre gostou de ler?

Antônio Francisco - Sempre. Fui jornalista. Vendi "Cruzeiro", "Manchete"... Vendi garrafa, fui jornalista, sapateiro, soldado, pintor, soldador...

Preá - E hoje em dia você é o quê?

Antônio Francisco - Não sei.

Preá - Você faz o quê para viver?

Antônio Francisco - Faço placas de automóvel.

Preá - Pensa em se aposentar?

Antônio Francisco - Não sei o que é isso. Eu acho que o lado meu de poeta é mais isso. De não me preocupar com o dia de amanhã. Eu nunca nem liguei. Às vezes assim é que eu me lembro que estou com 55 anos. Uma mulher me perguntou se eu nunca tinha ido ao médico tirar a pressão. Eu disse: 'Se tirar, eu morro'. Aí ela disse: 'Tirar não, medir'. Aí eu respondi: 'Eu estou com vontade de pegar minha bicicleta e ir para Tibau amanhã'. Não vejo diploma maior de saúde que esse não. Eu estar aqui sen-

tado numa rede, levantar, pegar minha bicicleta e ir para Tibau. Tenho certeza que o médico não vai reclamar.

Preá - Como é sua rotina?

Antônio Francisco - Eu acho que é uma virtude minha, acordar cedo. 4h30 eu me levanto. Eu planto ali. Tenho um roçado. Vou só para andar lá dentro mesmo porque não tem nada de futuro lá. A minha vida todinha eu acordei cedo. Eu passei 15 anos correndo de bicicleta, aí eu tinha que treinar de manhã. Porque eu só faço as coisas depois que ganho o meu pão de cada dia. E eu ganho o meu pão na oficina.

Preá - É verdade que você só fica bem depois que vai à oficina?

Antônio Francisco - É. Porque minha vida todinha foi dentro de oficina. Só não vou quando viajo.

Preá - Quem te incentivou a lançar livros?

Antônio Francisco - Vingt-un (Rosado). A Fundação Vingt-un. Eu juntei os dez cordéis que eu tinha e aí lancei. Está na quinta edição.

Preá - E saiu quando?

Antônio Francisco - Em 2000.

Preá - E o segundo?

Antônio Francisco - Em 2003.

Preá - E como se chama?

Antônio Francisco - "Por motivos de versos".

Preá - Também por incentivo de Vingt-Un?

Antônio Francisco - Isso. Eu chego lá e ele sempre pergunta se eu tenho alguma coisa.

Preá - E de onde você tira inspiração para escrever?

Antônio Francisco - Do dia-a-dia. Das pessoas. Do povo. O mundo é muito duro, mas também é muito inspirador. Eu uso a gola da minha camisa para den-

tro, todo mundo reclama. Agora matam um rio e ninguém diz nada. É muito interessante isso, não é?

Preá - O que há de mais duro no mundo?

Antônio Francisco - O mais duro é você ver o desprezo do cara com a terra. O homem ainda vai aprender que a terra é sagrada. Que ela é a mãe. Que ela é a maior riqueza. O maior patrimônio. Sem terra não há vida.

Preá - E o que há de mais belo?

Antônio Francisco - O mais belo é o céu. E o amor, né? Quando a pessoa começa a amar - tudo - ela começa a se libertar. O homem é muito preso por preceitos, por essa correria, por essa insatisfação de querer, de ter, de ser, de parecer... E a vida é muito simples. Tudo o que é belo é simples. A chuva, por exemplo, é muito bonita. Eu comecei a gostar da chuva lendo Khalil Gibran. Ele diz num livro: 'Espero que depois seu espírito perca o medo da tempestade'. Aqui o povo vê uma neblina e corre para dentro de casa. As coisas naturais são bonitas. O ser humano é... Um dia o ser humano vai se encontrar, né, Neto {Moraes Neto}? Porque Neto gosta de mim independente do que eu sou. Quando Neto me vê, vem a infância dele.

Preá - Você já se apresentou em muito locais?

Antônio Francisco - Já. Em Natal, Recife, Olinda. Só não fui ainda para as bandas do Ceará. Em Mossoró eu vou sempre para os colégios.

Preá - Você imaginava um dia se apresentar tanto?

Antônio Francisco - Imaginava não.

Preá - Por que você acha que gostam das coisas que você escreve?

Antônio Francisco - Porque o pessoal é muito carente de poesia, de justiça e de verdades. Eu minto muito. Eu gosto. Eu não faço calúnia de ninguém. Mas gosto de mentir. E dentro das mentiras eu digo

verdades. Eu minto dizendo a verdade. O bom do escritor é a viagem que ele faz. Eu gosto de fazer aquela viagem.

Preá - O que mais lhe incentiva a escrever? É a satisfação pessoal?

Antônio Francisco - Também.

Preá - Aliás, o que há de melhor em escrever?

Antônio Francisco - Rapaz, você já imaginou que eu estou aqui escrevendo um poema e daqui a seis meses o cara vai estar lá em São Paulo ou no Rio de Janeiro, numa rede, lendo um poema meu. Isso é muita satisfação. Eu já recebi telefonema aqui de 12 horas da noite, a pessoa estava lendo em casa e disse: 'Olhe, desculpe lhe incomodar, mas eu tinha que lhe dizer que estou lendo seu poema aqui e estou viajando no seu sonho'. Eu digo muito que às vezes a pessoa acha que riqueza é só o dinheiro, né? E eu me acho um cara tão rico. Como um rapaz que chegou aqui, de Natal, telefonou querendo me conhecer. Eu disse: 'Não vale a pena não, homem'. Porque o cara só imagina aquele intelectual. Aí quando me vê, eu vejo o choque das pessoas. Eu escrevo, falando, vamos dizer: *O sol cochilava no meio do céu / jogando seus raios na cara chã / a gaita estridente de uma cigarrá / tocava sem graça a triste canção / daquelas que vivem nos braços da seca / tirando da fé um pouco de pão. É o sertão, né? É a seca. Quem já passou no sertão / e viu o solo rachado / a cantinga cor de cinza / duvido não ter parado / pra ficar olhando o verde / do juazeiro copado. Sertão, né? Nas noites que o sono foge / a minha mente descansa / debruçada sobre as páginas / do caderno da lembrança / recapitulando as cenas / do meu filme de criança / logo na primeira cena / eu vejo nosso casarão / com quatro silos na sala / cheios de milho e feijão / e um quarto pegado à casa / que pai guardava algodão. Papai foi jogador de futebol...*

Preá - Qual era o nome dele?

Antônio Francisco - Francisco Petronilo de Melo. Minha mãe se chamava



Pedra Teixeira de Melo. É a única Pedra do mundo. Quando eu estava no Exército uma vez me disseram: 'Rapaz, eu já vi muito filho de pai ignorante, mas de mãe ignorada eu nunca tinha visto'. Isso porque o cara errou meu registro e botou Pedro. Aí eu fiquei sendo filho de dois pais.

Preá - E brincavam muito com isso?

Antônio Francisco - Não. Porque eu sempre tive habilidade de me livrar de apelido. Eu sempre gostei de brincar com o povo. Antes que botem apelido em mim eu já botava neles.

Preá - Você nasceu em Mossoró mesmo?

Antônio Francisco - Minha vida toda foi aqui, nessa casa.

Preá - Quanto irmãos teve?

Antônio Francisco - Dezesseis.

Preá - Teu pai jogou em que time?

Antônio Francisco - Jogou no ABC, em Natal. Jogou em todo canto. Papai não fez outra coisa senão jogar bola. Nunca plantou algodão. Ele era meia-direita. Ele chegava no campo e perguntava: 'Pra onde é que eu boto?'. Aí, jogava em Natal, terminava e vinha embora. Pois é, tem o meu lado sertão, mas também tem o meu lado urbano. No qual eu digo: *O verde acendeu / soltei a embreagem / e pela janela do carro avistei / um homem fardado / pisando um menino / com uma das botas / de chumbo da lei / Os olhos do trânsito / queimavam a criança / o guarda tragava / seus gritos de dor / o carro perdeu-se / num mar de ferrugem / perdeu-se a cena / no retrovisor / senti muita pena / daquela florzinha / e um pouco de pena / do pé que pisou (...)*. Porque a gente tem que ter pena do ignorante. O cara que pisa hoje foi pisado quando era criança. Ninguém recebe carinho e amor que não devolva. Nós todos somos frutos da sociedade. A sociedade bota o ladrão para depois fazer a lei.

Preá - Sua poesia retrata o sertão e tem um forte componente social.

Antônio Francisco - A vontade que eu tinha de ter nascido no sertão faz com que eu escreva sobre o sertão. E ao mesmo tempo tenho aquela preocupação com a incoerência do ser humano.

Preá - Por que você escreve?

Antônio Francisco - Por satisfação pessoal e porque eu quero sempre dizer alguma coisa. Acho que é por isso que eu não tenho coragem de subir num palanque e dizer isso tudo. Porque se você vai discutir, acaba perdendo a amizade com a pessoa. Quando você escreve poesia, você diz tudo e o cara bate palma para você. Eu acho melhor fazer assim. Tem um poema que eu digo assim: *Cansado dos olhos / da luz da cidade / do trânsito caótico / gritando estressado / das cercas elétricas / dos muros de medo / do óleo que deixa / o mar sufocado / parti, fui embora / deixando para trás / as ruas de pedra / de chão enlutado / Morei cinco anos / no vale das sombras / sem ver luz elétrica / nem nastro de gente / comendo os retalhos / da sobra de um lobo / dormindo enrolado / com uma serpente / ouvindo as maniacas / das hienas a cantar / cortando carniça / na ponta dos dentes / Aprendi com o lobo / a caçar nas florestas / sangrar a jugular / rasgar a carne crua / andar pelos bosques / pisando nas sombras / fazer do meu corpo / um arco de pua / passar pelas fendas / estreitas das serras / e plantar liberdade / uivando pra lua / Aprendi com a hiena / a esperar pela sobra / da boca faminta / do puma valente / deixar que a onça / se afaste dos filhos / para eu abatê-los / na ponta do dente / esperar que a zebra / de velha padeça / para que eu possa atacá-la / depois de doente. Quer dizer, estou agora na África.*

Preá - Você faz a viagem completa.

Antônio Francisco - Eu não me admiro. Às vezes eu saio do mundo e vou para outro mundo. E quando eu volto de lá? Aí é quando eu digo: *Voltei para viver / nos braços do medo / lamber vaidade / inveja e cobiça / olhar para o céu / pisando*

mais fraco / quebrar meu joelho / na hora da missa / mentir para comer / na mão da riqueza / banhar-me de sangue / nos pés da injustiça / Voltei para ouvir / sermões de mentira / discursos sem rosto / sem gosto e sem nome / o eco da serra / ferindo a floresta / o grito daquele / que planta e não come / alguma inspirada / pedindo comida / na casa do pai adotivo da fome / Voltei para não ter / que dizer ao lobo / nem aos companheiros / do vale fecundo / que nosso papel / em todo o planeta / é plantar vaidade / num pano de fundo / colher tempestades / de inveja e cobiça / e cuspir desaforos / na cara do mundo. Aqui, a vocês eu disse tudo isso. Mas ao lobo eu tive vergonha de dizer como nós agimos.

Preá - Você está escrevendo outro livro?

Antônio Francisco - Estou. Esse poema que acabei de dizer é desse novo livro.

Preá - Quando pretende lançá-lo?

Antônio Francisco - Se tudo der certo, este ano.

Preá - Como será esse livro?

Antônio Francisco - São cordéis e poemas. Eu sempre gosto de escrever doze. Porque os poemas são longos. A temática do "Por motivos diversos" é variada. Por exemplo, eu fui visitar o rio Mossoró, aí eu disse: *Se é bom fazer visitas / melhor ainda é ser visitado / domingo eu fui ver o rio / que dei o primeiro nado / e vi coberto de lixo / quem me banhou no passado / Aí voltei a fita do tempo / e me vi banhando nele / e vendo como ele estava / chorei olhando para ele / tentando com as minhas lágrimas / enxugar o pranto dele / Voltei para casa tristonho / no outro dia voltei / por trás do véu do óleo / e no lugar onde eu chorei / tinha uma tilápia lambendo / as lágrimas que eu derramei / subi em cima da ponte / bati no meu coração / e perguntei à cidade / por que tanta ingratidão? / por que matar quem matou / tanto a nossa precisão? / por que jogar nosso lixo / nas fronthas dos seus lençóis? / se ele matou a sede / dos nossos bravos avós / com certeza um pouco dele / navega dentro de nós / essa cidade nasceu / e cresceu por causa*

dele / e agora, depois de grande / ao invés de olhar para ele / bota a boca dos esgotos / pra ficar cuspidando nele / quantos gritos foram gastos / por uma refinaria? / e atravessando a cidade / um rio de economia / quase morto pelos pés / dos nossos cegos de guia / Mas quando cair as vendas / dos olhos dessa cidade / que ela ver que o rio / é a nossa identidade / com certeza irá buscar / o caminho da verdade / irá buscar no passado / a garra, a saga e o brilho / de Rodolfo e de Celina / e acabar o sombrio / capítulo da nossa história / limpando a água do rio / E num passado de glória / alguma autoridade / dirá orgulhosamente / no Alto da Liberdade: / 'aqui a nossa cultura / com a arte se mistura / com três rios de água pura / atravessando a cidade. Você quer documento maior para um povo do que um rio limpo? Você quer riqueza maior? Eu vim de Natal por causa disso. Porque não tinha um canto para eu tomar banho. Nem um canto para eu andar de bicicleta. Emprego é emprego. Ganhar bem é ganhar bem. Mas, e qualidade de vida? Qualidade de vida é você estar aqui às 5h no trabalho e às 5h10 em casa... Com sua família, com seus filhos, tomando banho, brincando, lendo, jogando bola.

Preá - Você assiste televisão?

Antônio Francisco - Não. Nunca me acostumei não. Com televisão, com rádio...

Preá - Com o quê mais você nunca se acostumou?

Antônio Francisco - Sapato.

Preá - Calça? Calça ainda usa, não é?

Antônio Francisco - Tenho uma. Porque tem canto que precisa. Porque tem cara que tem inveja de quem anda de bermuda. Porque é inveja. Eu já derrubei. Se eu andasse de 'paletozão' preto, num sol desses, eu teria inveja de quem anda assim como eu, de bermuda e bicicleta.

Preá - Quantos filhos você tem?

Antônio Francisco - Duas filhas. Eram três, mas perdi um (Adejam Maia de Melo, em 1995, com 16 anos). Fiquei com duas.

Preá - É verdade que a morte do seu filho foi um dos acontecimentos que mais te impulsionou a escrever?

Antônio Francisco - É. Porque foi quando eu parei de correr de bicicleta. Quando eu deixei o esporte, eu fiquei com aquela energia. Acumulada. Já imaginou passar a vida correndo e de repente parar? Tem que fazer alguma coisa.

Preá - E você parou de correr por quê?

Antônio Francisco - Porque também sofri um acidente.

Preá - Foi na mesma época da perda do filho?

Antônio Francisco - Foi. E antes eu já escrevia. Só não acreditava que fosse bom. Que as pessoas gostassem. Toda vida eu fui ligado à arte.

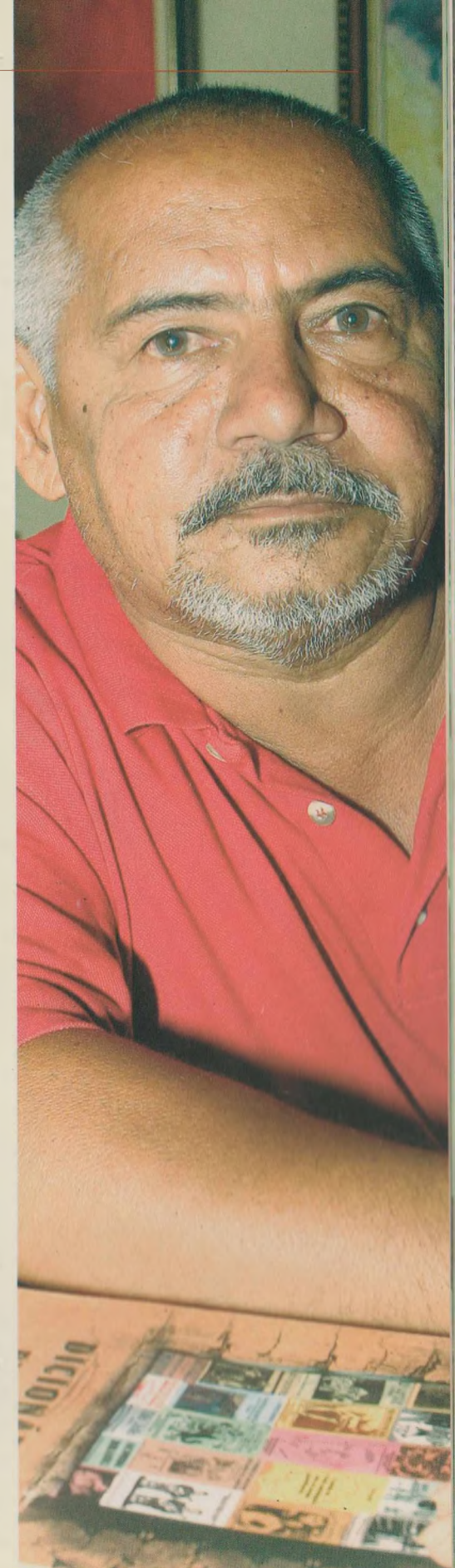
Preá - Qual o título mais provável do novo livro?

Antônio Francisco - Tem um que eu gosto mais: "Sete léguas e meia de cordéis". Porque essa "meia" é uma porção de textos em que se misturam crônicas e contos. Esse é mais diferente dos outros.

Preá - Por quê?

Antônio Francisco - A métrica é maior. E eu falo muito em sombra. Ficou muito diferente do outro livro, que era mais natural. Sei lá, os versos estão mais eruditos. Mais profundos. Onde eu digo: *quando as trevas da noite cobriram a cidade / deixei o meu leito para ir caminhar / pensando comigo / o mar não tem sono / quem sabe comigo ele não quer conversar / e sai conversando / na beira da praia / trocando palavras / com a boca do mar. Outro eu começo: Lágrimas de fogo desciam do céu / nuvens de pólvora bailavam no ar / um monte de bêbados gritava eufórico / 'feliz ano-novo' na porta do bar / e eu pesaroso, passei fui embora / plantar solidão nas águas do mar. Tenho muita relação com o mar.*

Preá - E por que essa mudança temática?





Antônio Francisco - Ainda não sei. Eu queria que ficasse do mesmo jeito, mas... Você veja: nem sempre se termina um poema do jeito que se imagina. Você começa com quatro, cinco linhas ou versos e ele já começa a criar vida, já começa a ter vontade própria e já começa a pedir...

Preá - O poema te comanda?

Antônio Francisco - Às vezes é. Tem poema que é rebelde.

Preá - É difícil escrever?

Antônio Francisco - Não é fácil, não. Eu não sei qual foi a escritora de Natal que me ensinou o seguinte: quem escreve tem de amassar muito papel. Toda vida que eu olho para o canto do quarto tem muito papel. Eu sempre lembro dela. Eu escrevo, vou lendo, lendo, lendo, lendo e vou botando ele no ritmo. Porque escrever é ritmo. Tudo é ritmo. A vida é ritmo. Quando você perde o ritmo... Tem que ter ritmo para tudo. A tecnologia fez todas as máquinas para você viver comodamente. Mas esqueceu que o homem é aquele natural: precisa andar, se movimentar, viver. Ninguém é robô.

Preá - Pelo que se percebe, esse seu novo livro é mais urbano e sombrio. Pode-se até dizer que estão mais sérios os seus textos. Você acha que isso é um sinal de amadurecimento da sua poesia?

Antônio Francisco - Eu tenho medo disso. Eu tenho medo de sair daquela linha que eu comecei... Mas eu não deixo o cordel nunca. Nem deixo de comer baião-e-dois.

Preá - Por quê?

Antônio Francisco - Porque eu me encontrei com o Nordeste quando tinha 35 anos. E para mim isso foi um nascimento. Porque passei a ver o Nordeste como esse palco de arte.

Preá - Mas o que foi que te marcou para te fazer perceber isso?

Antônio Francisco - Olha, veio a Jovem Guarda, os quadrinhos e tudo isso foi embora e ficou o cordel. Depois, comecei a estudar o Nordeste e descobri que aqui nós temos coisas que nos outros cantos não tem. Como é que pode? Nós termos os cantadores, o xote o baião, quadrilha, papangu...

Preá - E depois dessa descoberta, o que mudou?

Antônio Francisco - A cada dia que passa eu quero ficar mais nordestino. Tenho mais orgulho.

Preá - Qual é o poema que você fez e que é o seu preferido?

Antônio Francisco - "Meu sonho". Foi o primeiro cordel que eu fiz. Dá para recitar?

Preá - Claro.

Antônio Francisco - (recita o poema - leia ao final da entrevista).

Preá - Esse foi o primeiro?

Antônio Francisco - Foi.

Preá - Você gostaria de acrescentar algo?

Antônio Francisco - Tudo o que vem de reconhecimento para mim, eu reparo com a cultura nordestina. Tudo faz parte. Eu sou apenas um remador dessa canoa.

Preá - E essa canoa vai longe?

Antônio Francisco - Vai. Enquanto existirem iniciativas como a da Preá e pessoas como eu... Gutenberg, que lançou o dicionário...

MEU SONHO

Do livro "Dez cordéis num cordel só", publicado em 2000.

*Cansado de ler jornais
Fui me deitar descontente.
Pensando em tudo que li,
Adormeci lentamente
E sonhei que acordava
Num planeta diferente.*

*Era um planeta coberto
De plantas de todas as cores
As lagoas orquestradas
Por marrecos cantadores
E as abelhas bailando
Por entre as pétalas das flores*

*Búfalos, zebras, elefantes,
Ali bem perto pastando...
Alces, gazelas, girafas,
Pela relva saltitando
E na linha do horizonte
Os dinossauros passando*

*Fiquei um tempo pasmado
Depois sai caminhando
Seguindo o curso de um rio
Com os peixinhos pulando
As flores exalando o cheiro
E a floresta cantando*

*Logo mais vi uma cena
Que tocou meu coração:
Três crianças dentro d'água
Desenganchando um salmão
Que tinha ficado preso
Nas pedras do ribeirão*

*Tiraram o peixe para fora
Cada qual mais contente
Um deles passou a mão
No peixe suavemente
E depois o colocaram
Dentro d'água novamente*

*Depois eu parei pra ver
Perto de uma pedreira
Quatro homens construindo
De pedra uma cadeira...
Eu perguntei a um deles:
- Por que não faz de madeira?*

*Disse: - Não temos coragem
De cortar uma árvore bela
Para fazer uma cadeira
Somente para sentar nela.
Achamos melhor ficarmos
Sentados na sombra dela.*

*Com esta simples resposta
Sem querer me envergonhei
Para disfarçar a vergonha
Numa pedra eu me sentei
- Aonde fica a cidade,
Por favor? - eu perguntei.*

*Disseram: - Siga esta trilha
Com o nome de Liberdade.
Logo mais tem uma placa,
Que indica Felicidade...
Vá por onde a seta indica
Que chegará à cidade.*

*Quando eu cheguei na estrada,
Que comecei a andar,
Sentou-se um pássaro em meu ombro
E começou a cantar.
Naquele instante eu senti
Um cheiro de paz no ar.*

*Voando na minha frente
Ia outro passarinho
Ia na frente e voltava
Cantarolando baixinho
Como que dizia: - venha!
Eu lhe ensino o caminho.*

*Quando eu entrei na cidade
Parei em frente a um galpão,
Todo murado de pedra,
Na frente um grande portão
Com um letreiro escrito em cima:
"Hospital do coração".*

*Abaixo, do lado esquerdo
Tinha um papel estupendo
Em cada canto uma lâmpada
Apagando e acendendo
Com o fundo cor de prata
Com letras góticas dizendo:*

*"Aqui se encontram internados
Os que sofrem de ingratidão
De egoísmo e inveja
Rócio, ódio e ambição
Cobiça e outros males
Que envenenam o coração"*

*Quando olhei para o lado
Tinha um senhor me olhando
Com um sorriso nos lábios
E os seus olhos brilhando
Botou a mão no meu ombro
E saímos conversando*

*Ele dizia: - baixinho,
Pode ficar à vontade
Vamos caminhar comigo
Pelas ruas da cidade
E conhecer bem pertinho
A nossa Felicidade.*

*Eu andava olhando as casas
Branças da cor de marfim
Portas e janelas de vidro
Com cortinas de cetim
Todo quintal uma horta
Toda calçada um jardim*

*Quando chegamos na praça
Eu parei, passei a mão
Numa estátua de ouro
Parecida com Sansão
Só que, em vez de uma queixada,
Era uma enxada na mão*

*Eu perguntei para o homem:
- É de um parlamentar?
Ele me respondeu
Com um sorriso no olhar:
- É de um agricultor
O nosso herói popular*

*Perguntei: - Aquela outra
A que está de frente erguida
A do pedestal de bronze
Elegante e bem vestida?
Respondeu: - Foi quem criou
A matemática da vida.*

*Pois tirou multiplicar
Somar e subtrair...
Deixou nossa matemática
Apenas com o dividir
Ensinando ao cidadão
Aprender a repetir.*

*Naquele instante avistei,
Na sombra de uma mangueira
Dois meninos consertando
Uma velha forrageira
E outro, mais afastado,
Limpando uma talhadeira*



Eu disse: - Perdão, senhor,
Não quero lhe aborrecer,
Mas o que estão fazendo?
Posso saber, por favor?
Respondeu: - Estão brincando
De brincar de aprender.

As crianças daqui brincam
Com paquímetro de aço puro
Esquadro, régua e compasso
Martelo de ferro duro
São brinquedos de infância
E ganha-pão do seu futuro

Quando saímos na praça
Vi num pé de buriti
Uma linda águia azul
Ao lado de um bem-te-vi
Eu perguntei: - Onde fica
O zoológico aqui?

Respondeu: - Não temos jaula
Nem gaiolas na cidade
Aqui, animais e pássaros
Convivem com liberdade
Para nós é mais barato
Criá-los fora das grades

Eu disse: - No meu planeta
Se um pássaro cantar bem
Vai morrer por trás das grades
Sem ter matado ninguém
E cantar para seus algozes
A troco de água e xerém

O meu planeta, senhor
Do seu é bem diferente
No meu, o pai vai ao shopping
Leva seu filho inocente
Compra armas de brinquedo
E dá a ele de presente

Aqui neste planeta
O agricultor tem nome
No planeta onde moro
Esse pobre passa fome...
Lavra a terra, planta, colhe
E muitas vezes nem come

Lá, a gente mata um alce
Tira as vísceras do coitado
Depois enche ele de pano
Deixa o alce empalhado
Para mostrar no futuro
O que tínhamos no passado

Infeliz do jacaré
Que o bicho-homem vê ele
Porque além de matá-lo
E comer a carne dele
Faz um sapato de couro
Pra ficar pisando nele

As águas de nossos mares
De sujas mudam de cor...
Ele disse: - Espera, pare
Não me fale mais, por favor!
Me diga somente o nome
Do planeta do senhor.

Eu disse: - Sou de um planeta
Que só vive em pé de guerra
Onde fabricam doenças
Onde a justiça mais erra...
Uma gaiola de loucos
Como o nome "Planeta terra"

Os olhos daquele homem
Aumentaram sua luz
E perguntou: - É verdade
Que lá fizeram uma cruz
Pra crucificar um santo
Conhecido por Jesus?

Fui responder: - É verdade
Nós matamos nosso rei.
Fui falar, abri a boca,
Faltou voz, eu não falei
Quis correr, não tive forças
Faltou fôlego, me acordei

Acordei para chorar
Debruçado no meu leito
Daquele sonho pra cá
Nunca mais dormi direito
Ora tentando esquecer
Ora pensando em fazer
O mundo daquele jeito. 📖

Pau dos Ferros



Cidade preserva tradições bem nordestinas

Por Gustavo Porpino

Fotos: Teotônio Roque



de marcas de gado feitas pelos vaqueiros para que cada um conhecesse suas marcações e identificasse as reses perdidas na caatinga.

O povoamento de Pau dos Ferros teve início no final do século XVII, quando os Bandeirantes vindos do rio São Francisco atravessaram Pernambuco e Paraíba até chegar às margens do rio Apodi. A povoação e as primeiras fazendas surgiram por volta de 1717. A primeira capela do povoado foi erguida em 1738 graças ao esforço do frei Francisco Marçal. A Resolução Provincial número 344, publicada em 4 de setembro de 1856, tornou Pau dos Ferros município, desmembrado de Portalegre.

O paufferrense é um povo autêntico. A fala parece misturar o sotaque potiguar com o cearense. O hábito da conversa na calçada e do passeio na praça continua vivo. A religiosidade, expressada pela fé na padroeira Nossa Senhora da Conceição, completa o perfil deste povo apaixonado pelas coisas da terra.

A paixão por certos costumes se comprova na mesa. A tradicional buchada de bode, a carne-de-sol e a lingüiça artesanal de porco são os ícones da culinária local. Passar por Pau dos Ferros e não experimentar a carne-de-sol de Anízio ou a buchada de "Bigode" é como ir a Natal e não ver o mar, dizem alguns.

A devoção à padroeira Nossa Senhora da Conceição é festejada entre os dias 30 de novembro e 8 de dezembro. A Feira Intermunicipal de Educação, Cultura, Turismo e Negócios, FINECAP, movimenta o município no início de setembro com exposição, rodadas de negócios e apresentações musicais. A FINECAP

orgulha o povo paufferrense. Quase todos arranjam uma forma de lucrar com o evento.

Josefa Dantas, Alcivan, Gilvan Fernandes, Dona Xanana, Etelânio Figueiredo, Edileuza Aquino e Emanuel Ferreira são alguns dos nomes que despontam no cenário das artes plásticas de Pau dos Ferros.

O município tem também o terminal turístico Lindalva Torquato Fernandes, localizado às margens do açude 25 de março, e a barragem municipal. Os dois reservatórios dão um tom mais ameno à paisagem árida da região. Enfim, Pau dos Ferros vale uma visita.

Palavras do mini-dicionário paufferrense do professor José Geraldo da Silva

- Atinhado* - sortudo
- Bacurim* - porco
- Bateu o catolé* - falha na espingarda na hora de atirar
- Bibra* - víbora / lagartixa
- Bitelo* - castanha de caju grande
- Botar boneca* - aprontar / traquirar
- Burrinho* - garrafa de cachaça de 280 ml
- Calça pega marreca* - calça curta demais
- Carne muçica* - carne sem osso
- Catabilho* - lombada / quebra-molas
- Coió* - assobio para paquerar
- Cueiro* - fralda
- Dordoi* - conjuntivite
- Funaré* - bagunça
- Gabola* - homem que sai falando o que fez com a namorada
- Gol paulista* - bola que bate na trave e entra
- Mastigar sebo* - conversa fiada / sem sentido
- Pifita* - número 1 no jogo de bozó (dado)
- Poquita* - curva bem fechada
- Puara* - mulher vadia



A famosa buchada do "Bigode"

Eronides Gomes Freire, 45 anos, o Bigode, tem uma certeza na vida. Para ele, não há ninguém no mundo que não goste de buchada. Se diz não gostar, é porque nunca experimentou. O açougueiro, natural de Martins, cidade serrana no oeste potiguar, aprendeu a preparar buchada com a mãe Maria dos Anjos Freire.

A origem da buchada, uma comida que dá sustança como dizem os sertanejos, é incerta. Uma das versões diz que os antigos criadores de bode do Seridó vendiam os melhores cortes do animal e as mulheres aproveitavam o que sobrava para fazer a buchada, apreciada até hoje em boa parte do Nordeste.

Bigode prepara a iguaria em casa, seguindo a receita da mãe, e vende no açougue municipal. O primeiro passo é cortar o estômago do bode ou carneiro e escaldar com água, vinagre e limão por 30 minutos. O bucho é preenchido com as tripas, fígado e sangue coalhado do bode cortados em pedaços bem miúdos. Depois de tudo picado, acrescenta cebola, alho, pimenta, cheiro verde, pimentão, cominho, sal a gosto e coloral. "Completo com carne moída de bode ou gado e costuro com linha comum".

O açougueiro vende a buchada crua. O cozimento é simples. Bigode diz que o ideal é acrescentar mais temperos na água, cerca de um litro dependendo da quantidade, e cozinhar por algumas horas. Outra dica é utilizar o molho do cozimento para fazer um pirão.

Os segredos da autêntica carne-de-sol

O processo de preparo da autêntica carne-de-sol, vindo dos tempos em que não havia geladeira para conservar os alimentos, permanece preservado pelo empresário Anízio Marques de Souza, 60 anos. A tradição do preparo da carne-de-sol no Nordeste vem do início do século XVII.

Câmara Cascudo registra em seu "Dicionário do Folclore Brasileiro" que o navegador francês François Pyrard encontrou carne-de-sol exposta à venda, na cidade de Salvador, no ano de 1610. Os sertanejos estocavam carne-de-sol para enfrentar os longos períodos de seca. "A carne depois de preparada, como ainda hoje se faz, era empilhada em caixotes ou malas de couro, em camadas sobrepostas, entremeadas de sal, ficando as faces gorda com gorda e carne com carne. Assim estocadas duravam por todos os meses de seca", conta Oswaldo Lamartine em "Sertões do Seridó".

Anízio, filho do marchante Celecino de Souza, aprendeu a preparar carne-de-sol há mais de 30 anos. Nunca abandonou o método tradicional. Quem chega na sua pousada, vê logo um varau de madeira no pátio com mantas de carne penduradas. Coração de boi e úbere de vaca também são salgados e estendidos no varau. "Úbere assado com farinha é muito bom, mas só presta da que nunca pariu".

Os assados de Anízio, que incluem ainda lingüiça de porco feita por ele, foram saboreados por muitas gerações de potiguares ilustres. Vários ex-governadores, senadores e homens públicos já experimentaram a carne assada mais tradicional de Pau dos Ferros. "Sou do tempo do velho Luiz Maria Alves (jornalista falecido em 1995 em Natal). Ele chegou aqui, comeu uma farofa e gostou muito. Levou uma vasilha. Gostava de perguntar muito, e também levava mel de engenho".

Os cuidados de Anízio começam na hora da compra da carne. O marchante prefere comprar partes inteiras do boi. A carne-de-sol é feita de cortes do patinho, chã de dentro ou chã de fora. "Tem que comprar um boi bom, o ruim não dá nada", destaca. "Aí quem faz sou eu, mas se chegar pessoas de olhos maus na hora de fazer ela não dá o ponto".

Anízio dá dois cortes na carne para ficar bem larga. A manta é salgada à noite e no início da manhã seguinte vai para o varau. "Não põe outra coisa, o tempero é só o sal grosso". A carne permanece exposta ao sol até por volta das 13h. "Tem que fazer num dia e vender no outro", lembra.

A secular carne-de-sol continua sendo o prato mais procurado. Anízio serve também galinha cai-pira e carneiro, mas nada agrada tanto quanto a carne assada. "Tem buchada, carneiro e lingüiça, mas a mãe da família é a carne-de-sol. Aqui eu sou o rei da carne-de-sol".



Um novo rumo para a vida dos jovens

A causa de existir do “Elos Vida” é nobre o suficiente para merecer o aplauso de todos. Unir jovens da periferia, através do teatro e dança, tem sido a missão deste grupo de teatro fundado em 30 de setembro de 1999 pelas professoras Conceição Dantas e Marta Maria Pontes Feitosa Chaves. O grupo, formado inicialmente por trinta adolescentes, já conta com a participação de 110 jovens entre os 11 e 25 anos.

O alto índice de gravidez na adolescência, a prostituição, os males provocados pelas drogas e a crescente evasão escolar constatados no município motivaram as educadoras a agir em benefício dos estudantes carentes. Marta conta que a ideia inicial era educar os jovens sobre saúde sexual e reprodutiva, cultura da paz e políticas públicas.

O sucesso das peças teatrais e o interesse de mais crianças e adolescentes fazem parte do “Elos” Vida terminarem ampliando a atuação do grupo. “Nossas apresentações se estendem a toda a

região alto oeste”. O Elos é filiado ao Movimento de Adolescentes Brasileiros, MAB, e ao Canto Jovem, organização não-governamental que une adolescentes portugueses em torno de atividades sócio-educativas e culturais.

As encenações do grupo são iniciadas com uma narração explicando a história do município. Os dançarinos entram em cena apresentando a “Sinhazinha”, “Toque da vaqueirada”, “Boi bumbá” e outras peças musicais montadas para entreter o público antes das palestras educativas. O médico geneticista Tarcísio Moura e a psicóloga Rita Mendonça, ambos com atuação em Natal, já foram até Pau dos Ferros proferir palestras.

Iara Jussara Rocha de Medeiros, 18 anos, estudante da escola estadual José Fernandes de Melo, participa há três anos do “Elos Vida”. “Me divirto, danço e passo alegria para os outros”. A alegria está em cada rosto dos participantes. É fácil perceber.



Vianney quer disseminar teatro no interior

O professor Israel Vianney Fernandes, 34 anos, foi um dos primeiros paufferenses a reconhecer a necessidade de motivar os jovens através do teatro. O agitador cultural tem um projeto para formar grupos de teatro permanentes no interior. A experiência vem dos oito anos em que esteve à frente da “Cia de teatro que mexe”, fundada por ele em Pau dos Ferros.

Vianney elogia a atuação do “Elos Vida” e sempre aceita colaborar com a montagem das peças do grupo. O professor defende a inclusão de uma programação de artes cênicas na FINECAP. “Acho viável, pode ser mais cedo que a programação que acontece no centro”.

Do carvão de lenha aos pincéis

As calçadas da rua principal de Marcelino Vieira, município próximo a Pau dos Ferros, viram nascer o dom de Josefa Dantas de Paiva Medeiros Souza, 53 anos, para a pintura. A coordenadora pedagógica da escola estadual Jesus Menino gostava de desenhar com carvão da fornalha de lenha na calçada em frente à casa onde morava. Eram bons tempos de uma infância tranqüila que continuam a inspirar a artista plástica.



Josefa desenhava as casas, objetos, enfim, retratava tudo ao seu redor. A professora cursou educação artística na UFPE, mas admite que nunca conseguiu trabalhar na área de artes. O contato maior com a pintura, recorda, foi durante os 13 anos em que ensinou no Educandário Imaculada Conceição, em Pau dos Ferros. “Fizemos a releitura de vários quadros de pintores como Portinari, Volpi, Tarsila do Amaral, Picasso e outros estrangeiros”.

A habilidade para pintar a professora utiliza também na restauração de imagens sacras. “Sou autodidata nisso, compro muitos livros de arte”. Josefa salienta que tem o cuidado de preservar o estilo original, e recomenda às vezes não pintar a imagem antiga. “Gostaria de fazer um curso de restauração”.

A tela “Origem de Pau dos Ferros”, pintada em 2004 para ser exposta na FINECAP, foi um presente de Josefa para a cidade. A professora retratou o obelisco erguido em homenagem ao centenário do município em 1956, a igreja matriz, a oiticica, violeiros e vaqueiros nas suas redes de dormir. “Pau dos Ferros tem muitos pintores. A matriarca é Xanana”.



Dona Xanana inspira novas gerações

Maria Diógenes de Freitas, 74 anos, continua a inspirar muitos jovens paufferenses a seguir carreira nas artes plásticas. Dona Xanana, como é carinhosamente chamada por todos, foi criada na fazenda Riacho dos Cavalos, na estrada que liga Pau dos Ferros a Itaú. “Quando era pequena, era muito magrinha, aí ganhei o nome da rosinha”.

O primeiro contato com a pintura foi para ocupar o tempo ocioso. “Pintava azulejo quando comecei. Há mais de 50 anos. Hoje as coisas estão diferentes. Já tem quem coloque moldura e tal”. As paisagens da Fazenda Trigueiro, propriedade do pai José Diógenes Maia, na bela estrada que vai de São Miguel a Pereiro (CE), serviam de inspiração para a pintora. A casa grande da antiga fazenda do pai está eternizada numa tela.

Dona Xanana casou cedo. Aos 15 anos já era chamada de senhora. Teve duas filhas. O marido Rosalio de Freitas Nobre vive com ela até hoje. A fé também acompanha a pintora desde cedo. A primeira tela, feita em 1976, é um retrato de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro pintada em seda japonesa. O quadro da santa, pendurado na parede de um dos cômodos da casa, é talvez o único que ela nunca pensou em vender.

Tranqüila e disposta, apesar de ter perdido um pulmão por causa do cigarro, dona Xanana continua pintando paisagens e servindo de exemplo. “Tem muitas crianças que vem ver e gostam muito. Terminam fazendo também”.





Alcivan sonha com o reconhecimento

O estudante Argival Marcelo de Moraes, 19 anos, tem disposição de sobra para um dia ser um pintor de renome. Alcivan, nome artístico que adotou desde a primeira tela assinada, desenvolveu por conta própria a habilidade da pintura.

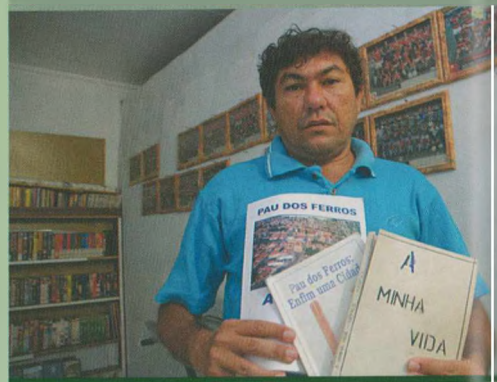
O jovem artista plástico não quer ser mais um talento perdido. Natural de Luís Gomes, oeste potiguar, deixou a terra natal para morar com a família em Pau dos Ferros e estudar na escola estadual Tarcísio Maia. “Quero seguir a carreira artística, mas não penso em continuar morando aqui”.

A cópia da tela “A guardiã da sabedoria”, um dos seus primeiros trabalhos, faz parte do acervo do Centro Cultural Joaquim Correia. Alcivan já retratou também o ídolo Renato Russo, cantor da extinta Legião Urbana. “Quando ele morreu eu tinha dez anos”.

Alcivan admira também os Beatles. Fazer desenhos e retratos com grafite é uma de suas especialidades. “O povo sempre pede em vésperas de aniversário para dar de presente ao pai ou a mãe”.

Cidade tem o seu livro dos records

O professor de história e geografia José Geraldo da Silva, 43 anos, não passa um único dia sem colher uma informação nova para seu arquivo pessoal. Coleciona tudo sobre os Beatles, futebol, astronomia e organiza curiosidades sobre Pau dos Ferros.



As anotações e recortes de jornais do professor José Geraldo já viraram dois livros, organizados em parceria com Francisco Edivan de Oliveira Silva, funcionário dos Correios. “Pau dos Ferros, enfim uma cidade”, publicado em 1999, e “Pau dos Ferros, a potência do alto oeste”, lançado há um ano. O historiador já tem pronto o “Almanaque do futebol paufferense” e prepara também a “Antologia poética e musical paufferense”.

O livro dos records de Pau dos Ferros, capítulo presente na sua primeira publicação, desperta a curiosidade de muitos jovens estudantes. É o primeiro passo para quem quer conhecer um pouco sobre o passado do município. José Geraldo descreve fatos surpreendentes. Em 1973, conta o pesquisador, o padre Manoel Caminha ganhou na loteria esportiva e comprou um Maverick.

O linguajar do povo paufferense também está presente no livro. José Geraldo organizou um mini-dicionário e registrou ainda datas marcantes na história do município. “O ano em que mais nasceu crianças foi 1978, foram 2028”.

O professor paufferense, torcedor fanático do Santos e Botafogo, tem mania de colecionar súmulas de jogos de futebol. “Tenho tudo da Paufferense desde a fundação em 1º de maio de 1995”. A vitória do clube local sobre o América de Natal por 6 a 2, em maio de 1999, ele lembra com saudades. “Também sei todos os campeões cariocas desde 1906, pode perguntar”, desafia.

José Geraldo exercita a memória fazendo desafios com os amigos e alunos. O professor, um autodidata em cálculos estatísticos e resolução de problemas, faz somas de até cinco números de quatro dígitos em poucos segundos sem precisar de lápis e papel. “E digo mais”, avisa. “Posso dizer o dia da semana em que a pessoa nasceu pela data de nascimento, é só treinar”.



Banda de música enfrenta dificuldades

Depois de mais de meio século dedicado à música, o saxofonista Antônio Benjamin, 76 anos, ainda tem que lutar para manter viva a banda Antônio Florêncio de Queiroz. Fundada em 1919, a banda já chegou a encerrar as atividades algumas vezes. “Neste tempo todo, a banda cai e se levanta”.

Os vinte e quatro músicos convivem com a precariedade dos instrumentos e falta de um local ideal para ensaiar. O veterano Benjamin organiza os ensaios da banda somente quando os músicos conseguem algum contrato para tocar fora do município. “Eu ensaio a banda, mas não sou o mestre. Na ausência do regente, eu assumo”.

Benjamin tem comandado a banda em diversos períodos desde 1947. “Logo quando entrei, o maestro era meu irmão Lourival Cavalcante, mas por problemas políticos, ele foi mandado embora”. Lourival presenteou o irmão com um sax e ensinou Benjamin a tirar os primeiros sons do instrumento.

O nome da banda é uma homenagem ao ex-deputado federal que fez a doação dos instrumentos. Alguns músicos ainda usam trompetes de 1937. Benjamin lembra que a banda já enfrentou períodos mais difíceis. “Quando a banda surgiu, a cidade era dividida entre os vermelhos e os verdes. Chegaram a matar um músico no ano da fundação”.

O período da festa da padroeira é a fase mais próspera para os músicos. A banda participa dos onze dias de celebração a Nossa Senhora da Conceição. Os festejos são abertos com a alvorada. Depois, ao meio dia, a banda dá uma volta pela cidade, e à noite participa da novena. Benjamin acredita que o novo prefeito vai apoiar a banda. “Estão falando em comprar novos instrumentos e arrumar um ordenado para os músicos”.



Centro Cultural Joaquim Correia

O Centro Cultural Joaquim Correia, localizado na praça da matriz, ocupa o prédio da primeira escola pública de Pau dos Ferros, fundada em 1910. O espaço da antiga escola estadual Joaquim Correia serve de espaço de exposição de artes plásticas, fotos antigas e ponto de venda de artesanato. O memorial Monsenhor Manoel Caminha Freire de Andrade, pároco municipal de 1940 a 2003, ano do seu falecimento, também funciona no mesmo prédio.

Gesuila Bezerra Pinto, coordenadora do centro cultural, lembra que o espaço passou a oferecer aulas de sax, violão, teoria musical e flauta doce. O grupo de artesãos de Pau dos Ferros, coordenado pela professora Lindalva Pereira de Souza, utiliza o espaço para expor as bolsas, bordados, pinturas, caixinhas de madeira e bonecas feitas pelos vinte artesãos filiados. 📍

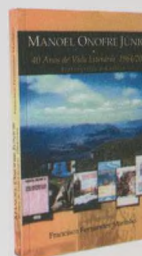


Da Poesia ao Poema

Autor: Dácio Galvão

Edição: Projeto Nação Potiguar – nacaopotiguar@uol.com.br (Scriptorin Candinha Bezerra e Fundação Hélio Galvão)

“Da Poesia ao Poema” é a caracterização do Poema-Processo na sua trajetória entre os anos de 1967 e 1972, com vistas a uma leitura da sua inserção no movimento das vanguardas da segunda metade do século XX no Brasil. O livro se originou da dissertação de mestrado de Dácio Galvão apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Departamento de Letras da UFRN, sob a orientação do professor Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo. Obra essencial para se compreender o Poema Processo no Brasil.



Manoel Onofre Júnior – 40 anos de vida literária (1964/2004) – Bibliografia e Crítica

Autor: Francisco Fernandes Marinho

Sebo Vermelho Editora

“Manoel Onofre Júnior – 40 anos...” apresenta um rigoroso apanhado da trajetória de Manoel Onofre Júnior, um dos mais fecundos e importantes intelectuais do RN. O livro é dividido em três partes, constando de Biocronologia, Livros de Manoel Onofre Júnior, Bibliografia Comentada, Prefácios e Apresentações de Manoel Onofre Júnior, Artigos e Outros Trabalhos de Manoel Onofre Júnior Inéditos em Livro, Bibliografia Sobre a Obra Literária de Manoel Onofre Júnior, Fortuna Crítica, Prefácios e Apresentações para Manoel Onofre Júnior, Algumas Referências sobre Manoel Onofre Júnior e Iconografia.



Dicionário de Poetas Cordelistas do RN

Autor: Gutenberg Costa (gutenbergcosta@bol.com.br)

Editora: Queima Bucha

O livro reúne informações sobre cerca de 300 poetas populares e xilógrafos, bem como sobre folhetos, iconografia, biografias, assuntos afins e um glossário. Levou dez anos para ficar pronto e é um dos mais completos estudos sobre o cordel já publicado no Rio Grande do Norte. Gutenberg Costa é autor de 25 obras, entre livros e plaquetes, sobre a cultura popular. Entre os livros podem ser citados: “Presença do folclorista Câmara Cascudo na literatura de cordel”, “Frei Damião – algumas referências bibliográficas” e “Dicionário papa-jerimum de apelidos e afins”.

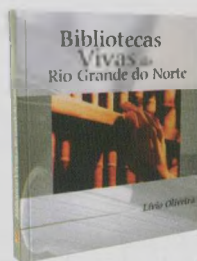


Assim é o Cotidiano

Autor: José de Sousa Xavier (jsxa@digizap.com.br)

Editora Gráfica Renascer

Com participações premiadas em vários concursos de poesia e antologias, o macauense José de Sousa Xavier faz sua estréia em livro, com este “Assim é o Cotidiano”, que tem apresentação da poetisa e artista plástica Jania Maria Souza da Silva, integrante da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte. “Com seu romantismo peculiar, [José de Sousa] visita a simplicidade do cotidiano, exaltando com sensibilidade inquestionável a essência imaterial do vai e vem do corriqueiro dia a dia, que passa totalmente despercebida por entre os dedos dos transeuntes da vida”, diz Jania Maria, na apresentação.



Bibliotecas Vivas do Rio Grande do Norte

Autor: Lívio Oliveira

Editora: Sebo Vermelho

O livro apresenta um inventário de grandes bibliotecas, pertencentes a intelectuais renomados do Estado, totalizando mais de cem mil volumes. Com prefácio de Nelson Patriota, o livro enfoca as bibliotecas de Otto de Brito Guerra, Vicente Serejo, Diógenes da Cunha Lima, Paulo de Tarso Correia de Melo, Homero Costa, Pedro Vicente Sobrinho, Inácio Magalhães de Sena, Manoel Onofre Júnior, Sanderson Negreiros, Luís da Câmara Cascudo e Francisco Fernandes Marinho.



Subsídios para o Estudo da História do Rio Grande do Norte

Autores: Sérgio Luiz Bezerra Trindade e Geraldo José de Albuquerque

Editora Sebo Vermelho (Av. Rio Branco, 05 – Centro CEP. 59025-002 – Natal-RN Fone: 9401-9008)

Esta segunda edição de “Subsídios para o estudo da história do Rio Grande do Norte” sai revista e ampliada, mas preservando a linguagem livre de academicismo que já caracterizava a primeira edição. Para facilitar a leitura e a pesquisa, o livro foi dividido em três unidades: Colônia, (A Expansão Marítima, As Invasões Holandesas, Rio Grande do Norte, A Revolução Pernambucana de 1817); Império (O Primeiro Reinado, O Período Regencial, O Segundo Reinado, O Rio Grande do Norte, A Abolição da Escravatura, A Proclamação da República), República (A República Velha, A República Nova, A República Democrática Populista, O Regime Militar, Notas Econômicas).

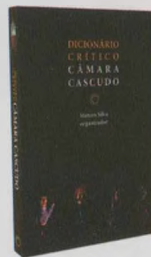


Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – História e Acervo

Autores: Maria Arisnete Câmara de Moraes e Caio Flávio Fernandes de Oliveira

Editora: Departamento Estadual de Imprensa

Obra de referência capital, “Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte – História e Acervo”, chega em boa hora para preencher uma lacuna existente na bibliografia potiguar. Seu conteúdo abrange toda a história do Instituto, desde a ata de sua fundação, em 29 de março de 1902, até o término da obra, este ano. O acervo do prédio principal e do anexo foi catalogado e identificado através do seu teor literário, telas, retratos, estátuas e peças artísticas. Constatam ainda, documentos raros, jornais antigos, cartas de sesmarias, pautas das reuniões oficiais, os membros fundadores da instituição, biografias dos presidentes, estatutos e regimentos internos.



Dicionário Crítico – Câmara Cascudo

Autor/Organizador: Marcos Silva

Editora Perspectiva

Lançado em co-edição com a Fundação José Augusto, EDUFRRN, Fapesp e FFLCH/USP, o “Dicionário Crítico – Câmara Cascudo”, organizado pelo professor e historiador Marcos Silva, é composto por análises dos livros de Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), um dos mais importantes estudiosos da cultura popular no século XX e autor de dezenas de títulos, dentre os quais clássicos do pensamento brasileiro como “Cinco Livros do Povo”, “História da Alimentação no Brasil” e “Vaqueiros e Cantadores”.

13 POR 1

Ailton Medeiros

(Jornalista)

Romancista: Gabriel García Márquez

Poeta: Zila Mamede

Livro: “Deserto dos tártaros”

Filme: “Sexo, mentiras e videoteipe”

Diretor/cinema: Spike Lee

Ator/atriz: Juliette Binoche

Pintor: Juan Miró

Cantor/cantora: Cazusa

Compositor: Chico Buarque

Música: “Todo amor que houver nessa vida”

Peça teatral: “Vestido de noiva”

Intelectual: João Wilson de Mello

Personalidade cultural do RN: Nei Leandro de Castro

PS.

Esta é a edição mais multicultural que já fizemos. Nela figuram textos sobre teatro, cinema, música, artes plásticas, fotografia e literatura. Desde o início, vínhamos tentando imprimir esse perfil à revista, o que deverá também ser perseguido nas próximas edições. Para tanto, passamos a contar a partir desta Preá com uma coluna sobre cinema, "Foco Potiguar", escrita pelo professor universitário Marco Aurélio Felipe. Há tempos buscávamos um cabra da peste para escrever regularmente sobre cinema. Conversando com Moacy Cirne sobre a dificuldade de achar uma pessoa, ele me indicou Marco Aurélio, que há cerca de um ano mantém um blog sobre cinema. É um blog de alto nível e bastante visitado. Antes de fazer o convite, conheci o blog, li alguns textos e não tive dúvidas em convidá-lo. O primeiro texto de Marco para a revista seria sobre o filme "Diários de Motocicleta", mas por sugestão minha, ele mudou e comenta na coluna de estréia o livro de Moacy Cirne, "Luzes, Sombras e Magia", que eu considero obra de cabeceira para qualquer cinéfilo digno deste nome. Nesta Preá também foi possível abrir um maior espaço para a música, com as matérias sobre as bandas de rock "Cumade Cristina", de Umarizal, e "Peixo Coco", de Natal, o Projeto Seis e Meia e artigos de Carlos Gurgel e Carlos Linhares sobre CDs de autores potiguares e nordestinos. A idéia é que tenhamos sempre artigos sobre a nossa

produção musical, que a cada ano se mostra mais consistente e refinada.

Na área de ficção a Preá publica três contos, assinados por Carlos de Souza, Laurence Bittencourt e Milena Azevedo. Os dois primeiros são jornalistas com mestrado em Literatura. Carlão tem dois livros publicados, um de poesia (Cachorro Magro) e uma novela (Crônica da Banalidade); Laurence escreve artigos regularmente para o Jornal de Hoje e tem feito boas entrevistas (a última foi com Millôr Fernandes) para o site Sanatório da Imprensa. Já Milena Azevedo, embora ainda pouco conhecida nos meios literários locais, publicou contos em coletâneas editadas fora do Estado.

R. Leontino Filho é o poeta da vez em Poesia Potiguar. Além de figura boníssima e excelente poeta, Leontino é um agitador literário nato, que mantém diálogo permanente com escritores, poetas e intelectuais de todas as partes do Brasil. De Mossoró, onde ensina na UERN, está a par de tudo o que acontece na literatura brasileira.

A entrevista com o poeta Antônio Francisco sai assinada pelo jovem repórter da Tribuna do Norte Everton Dantas, com fotos do tarimbado Moraes Neto. Os dois estavam fazendo um frila em Mossoró, quando avistaram o poeta mossoroense dando sopa. Como bons repórteres que são não deixaram escapar a oportunidade.

Com 680 metros quadrados de área construída e capacidade para 210 lugares, a Fundação José Augusto inaugura em junho o Teatro de Cultura Popular, que funcionará no prédio da própria Fundação. O espaço contará com uma biblioteca sobre teatro e cinema, café-bar e estará equipado também para projeção de filmes.

O escritor Deífilo Gurgel lança no dia 3 de maio, na Pinacoteca do Estado, a partir das 19 horas, a antologia de poesia "Os bens aventurados", com apresentação do poeta Paulo de Tarso Correia de Melo. O livro tem patrocínio do Governo do Estado e da Norsal.

A Comissão Julgadora do Prêmio Preá de Dramaturgia, formada pelo coordenador de teatro da Fundarpe (PE), dramaturgo e encenador Romildo Moreira, pelo dramaturgo e cenógrafo Elpido Navarro, da Paraíba, e por Sônia Othon, pesquisadora e professora da UFRN, já iniciou o julgamento dos 58 trabalhos inscritos. Os prêmios serão entregues em agosto próximo.

Este ano as inscrições para o Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, da FJA, irão de 23 de maio a 23 de agosto. O regulamento do prêmio, praticamente o mesmo do ano passado, pode ser consultado no site www.fja.rn.gov.br.

Atendendo a pedidos de alguns clientes a Vídeo Laser adquiriu para aluguel o filme (em DVD) "O Leopardo", de Lucchino Visconti. Outros filmes que assistimos, no cinema e em DVD: O adversário, Sob a névoa da guerra, Glauber, o filme – labirinto do Brasil, Noite vazia, O Pântano, Menina de Ouro, Perito demais, Ônibus 174, Respiro, Antes do pôr do sol, O clã das adagas voadoras, Os sonhadores, Em busca da terra do nunca, Zelig. Só agora assisti, em DVD, Kill Bill I. É o tipo de filme que não me empolga. Dizem que a segunda parte é melhor. Vou conferir, para desencargo de consciência.

Até a próxima!

Leontino Filho

A sua arte em mãos de verdadeiros Arquitetos de cores.



www.mouraramos.com.br

João Pessoa/PB: (83) 3221 6587
grafica.pb@mouraramos.com.br
Natal/RN: (84) 202 3851
grafica.rn@mouraramos.com.br

Recife/PE: (81) 3229 1764
grafica.pe@mouraramos.com.br
Maceió/AL: (82) 337 5290
grafica.al@mouraramos.com.br

Cultura faz bem ao interior

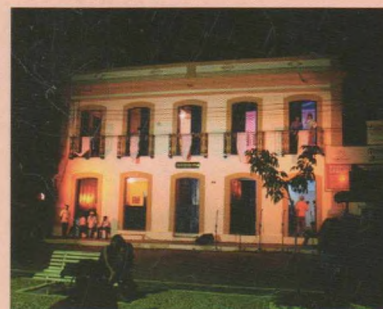
A cultura potiguar está de portas abertas. Viaje pelo interior do Rio Grande do Norte e conheça as Casas de Cultura Popular



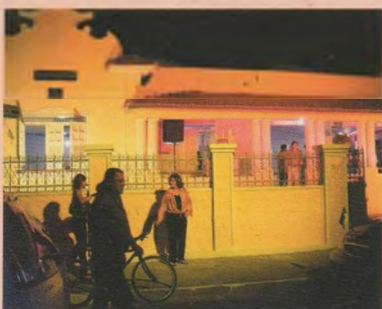
Palácio Inbaré - Santa Cruz



Sobrado da Baronesa - Assu



Sobrado do Padre Brito Guerra - Caicó



Palácio do Salineiro - Macau



Palácio das Louceiras - Viçosa



Palácio do Gavião - Umarizal



Palácio Cleto de Souza - Campo Grande



Palácio José Câmara - Martins



Palácio dos Mineradores - Currais Novos



Palácio Lauro Arruda Câmara - Nova Cruz



Palácio Florêncio Luciano - Parelhas